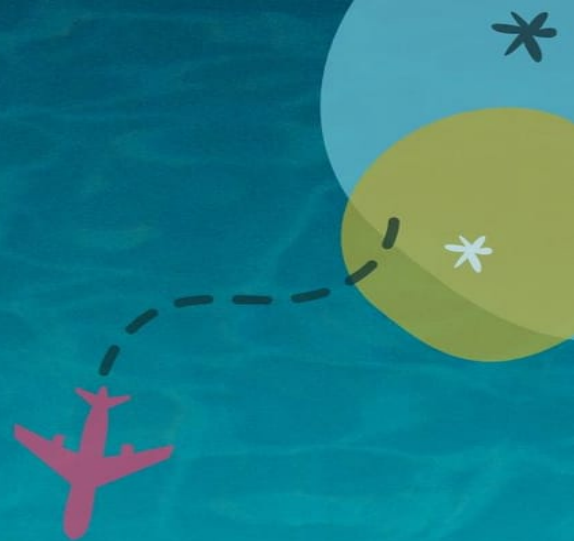




Dia Três

JACQUELINE ARAÚJO



Prólogo

O nome era Fernando.

E como ela se chamava Maria Fernanda, achava que eram uma espécie de almas gêmeas que eram apenas amigas.

Era conhecida do meio artístico como Nanda Belmonte. Aos vinte e cinco anos, sustentava o privilégio de ter suas músicas tocando sem parar nas novelas, além de uma turnê nacional a caminho e colecionar alguns prêmios nas prateleiras de casa. Tudo isso conquistado em menos de dois anos de carreira, após largar a faculdade de Medicina pela metade, alegando um sonho. Agora cantava MPB e tocava piano sob gritos histéricos Brasil afora, quase causando uma síncope em sua mãe.

Mas o pai tinha ficado muito emocionado.

– Já posso ir? – Nanda perguntou com o celular grudado à orelha.

Falava com Fernando. Estava na casa de uma amiga naquela fatídica noite de quarta-feira, e o procedimento era sempre o mesmo. Todas as vezes em que experimentava colocar um fio sequer de cabelo para fora de um local seguro, precisava carregar consigo um homem à paisana. Naquela noite, em especial, contava com a companhia do melhor de todos.

– Tudo certo. Pode descer. – respondeu Fernando.

– Cadê o carro? – ela questionou, olhando para os lados, assim que saiu da casa da amiga.

– Lá na frente. – ele indicou a direção com a cabeça e Nanda quis apertá-lo.

Sempre conversavam um com o outro sobre os mais variados temas, quando não estavam tão expostos. Ele, já na casa dos quarenta

anos, normalmente não era muito dado a brincadeiras, mas aceitava todas as dela. Deveria ter notado a diferença. Porque naquele dia, em especial, Fernando não estava aceitando nada. Enquanto ela caminhava pela calçada, ele vinha logo atrás, atento a tudo e a todos naquela noite de clima ameno. Não sorriu.

– O carro está logo ali. – informou Fernando – Não demorou nadinha hoje, hein? – ele foi irônico.

Em seguida, abriu a porta traseira de um veículo preto devidamente blindado e esperou que ela entrasse.

– Não posso ir na frente? – Nanda choramingou.

Normalmente, podia ir em qualquer lugar do carro. Só não a deixavam dirigir.

– Estou numa vibe meio taxista hoje. – Fernando explicou.

Ela deu de ombros e se acomodou dentro do carro. Pensou em deitar no banco e dar uma boa cochilada até chegar em casa, mas Fernando ligou o rádio e uma música animada logo começou a soar.

Sentindo-se a mais segura das criaturas que habitam o planeta, ela quase encostou a cabeça na janela. Quase.

– Você tá vendo essa moto? – ela tentou manter a calma assim que notou. Não conseguiu.

A moto de cor vermelha transportava apenas um homem. Estava cercando o carro pelo lado direito, justamente onde Nanda estava sentada.

– Não deve ser nada. – Fernando garantiu.

E se ele garantiu, ela podia confiar. Estava na equipe fixa que trabalhava com a cantora, desde quando seus vídeos na internet tinham feito um sucesso estrondoso e começaram a despontar fãs enlouquecidos por todos os lados. Fernando vinha sendo a sombra da menina há todo aquele tempo, quase todos os dias. Nanda confiava sua vida a ele.

Mas quando o carro parou bruscamente naquele dia, ela teve suas dúvidas.

– O que está fazendo?

Ele não respondeu.

Nem mesmo se dignou a olhar para ela. Apenas parou o veículo no acostamento e deixou que a moto subisse pela calçada de uma rua escura e emparelhasse com eles.

– Fernando! Vamos sair daqui! – ela gritou, desesperada –

Fernando?

Não houve resposta por parte de Fernando.

Ele apenas levou a mão a um dos vários botões dispostos no painel e pressionou um deles. Observou o vidro blindado ao lado de Maria Fernanda descer com rapidez e despi-la de qualquer proteção.

Deixou que o homem entrasse no carro.

Três de dezembro.

Quase tudo na vida causava tédio em Miguel Salazar. Odiava aquela segunda-feira, desprezava o café sem açúcar que tomava todas as manhãs, achou ridícula a decoração antecipada de Natal daquele prédio, e só não destratou o homem que o acompanhava porque mal o conhecia.

Ao seu lado, André sorria em expectativa. Conheceram-se poucos dias antes, quando o empresário percorreu a cidade feito louco, em busca do candidato perfeito para substituir um ladrão.

– E aí, tá animado? – André provocou.

Não ficou surpreso quando o outro apenas grunhiu em resposta.

De acordo com o senso comum, Miguel era extremamente bonito. Tão alto e bem preparado fisicamente quanto um militar de filme americano, ele tinha cabelos escuros, barba curta e olhos azuis nada gentis. Não era muito dado a afagos, mas isso era só à primeira vista. Surpreendentemente, tinha um grande leque de amizades; fenômeno que poucos conseguiam explicar.

– Não é nada ruim, cara. – garantiu André – Ela é maravilhosa, você vai adorá-la!

– Não tenho paciência com adolescentes. – foi a primeira coisa que disse naquela manhã.

– Ela tem vinte e cinco anos.

– Como eu disse: adolescente.

Miguel achava-se o auge da maturidade, do alto de seus árdusos vinte e nove.

– Enfim... – André deu de ombros e entrou no elevador que havia acabado de chegar – Vou subir e preparar o terreno. – disse e deixou Miguel para trás.

Era um prédio localizado em um dos bairros mais caros do Rio de Janeiro e ficava exatamente de frente para o mar. Tinha dois apartamentos por andar, mas Nanda Belmonte morava na cobertura.

O piano preto em modelo vertical no canto da sala, os cadernos rabiscados em cima da mesa e uma estante de livros que ia do chão ao teto

ditavam o tom cult do espaço. Além, é claro, da varanda cheia de plantas e da rede pendurada em frente a uma paisagem oceânica estonteante.

– Bom dia, flor do dia! – André cumprimentou, assim que ela abriu a porta.

Era um homem de estatura mediana. Embora sempre usasse roupas discretas quando estava em serviço, tinha muitas tatuagens por baixo de tanto pano. Fernanda simplesmente o amava e achava que ele era o irmão mais velho que jamais teve. Quando André se tornou pai de gêmeos – Alice e Bernardo –, Nanda estava lá no hospital para fazer uma visita à família e encher os bebês de presentes. Além disso, era madrinha de Bernardo.

– Oi, Deco! Quebrou o protocolo e subiu para me buscar? – Nanda achou curioso.

– Negativo. – ele puxou uma cadeira e se sentou, parecendo desconfortável – Na verdade, eu vim te avisar que ele já está aí embaixo.

Maria Fernanda demorou alguns segundos para descobrir do que se tratava. Quando caiu em si, deixou escapar uma risadinha.

– Ah, era só isso?

– Era. – André soltou o ar, extremamente aliviado – Tudo bem pra você?

Encarou a moça por alguns segundos. Até notou que seus longos cabelos castanhos estavam ainda mais longos, e que ela havia tingido as pontas de loiro em algum momento.

– Claro que está, né? – ela garantiu – Eu sei que as pessoas são diferentes. Só porque Fernando foi um tremendo sacana, não quer dizer que esse outro cara também seja. – Nanda sorriu, em seguida – Eu confio demais em você, André. E vou confiar no cara novo também.

– Você é incrível!

André não sabia por que esteve com tanto receio segundos atrás. Conhecia aquela garota há algum tempo e não podia esperar nada diferente dela. O problema é que achou que ela talvez fosse ficar traumatizada após todo o ocorrido no mês passado.

Naquela noite, Fernando e o outro homem conduziram Nanda até o apartamento e levaram uma boa quantia em dinheiro que a moça mantinha em casa. Obviamente, não era nada perto do número astronômico que ela acumulava no banco, mas era mais do que suficiente para sustentar duas famílias por um bom tempo. Além disso, como tinha conhecimento de toda a rotina e atribuições da casa, Fernando conduziu o outro homem à gaveta em

que Nanda guardava alguns papéis sem importância. Levaram todos.

No dia seguinte, André fez um escândalo na melhor agência de segurança pessoal que havia em todo o país. Gritou tanto que sua resposta foi Miguel Salazar.

É claro que o dono da empresa se encontrava na situação mais difícil e vergonhosa de sua carreira, desde quando abriu seu negócio, vinte anos atrás. Precisou realocar vários de seus funcionários para conseguir deixar disponível o melhor dentre todos os seus agentes. Era o mínimo que podia fazer, após ter confiado a vida de uma cliente a alguém como Fernando.

E lá estava Miguel. Subindo para a cobertura com a maior cara de poucos amigos já vista em todo o território nacional.

– Nandinha. – André falou, gentilmente, assim que abriu passagem para o outro homem – Esse aqui é o Miguel.

Ao ser apresentado, Miguel resmungou algo que pareceu um cumprimento. Depois fixou os olhos em alguma coisa além da menina.

Estava, provavelmente, julgando a decoração rústica da casa.

– Opa! – foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Primeiro, porque ele era muito – muito! – bonito. Depois porque ele não sorriu. Maria Fernanda tinha problemas com gente séria demais.

– Algo errado? – André quis saber, surpreso com a reação dela.

– Nada. – ela disfarçou, caminhando na direção de Miguel.

Parou diante dele e o envolveu em um abraço que, é claro, não foi correspondido.

Miguel apenas deixou os braços inertes ao lado do corpo e ficou rígido com aquele gesto inesperado. Olhou para André, que tentava muito não rir, e revirou os olhos.

– O que ela está fazendo? – parecia indignado e prestes a contrair uma doença contagiosa.

– Te abraçando, ué!

– Seja bem-vindo, Miguel. – Nanda disse, dando fim ao contato repentino – Você não sorri nunca?

– É raro.

– Não importa. Já decidi que vou gostar de você.

Em seguida, virou-se e pegou a bolsa que estava no sofá. Não podia chegar atrasada.

Estava prestes a entrar em turnê, e os ensaios com a banda se

tornavam cada vez mais intensos. Nanda Belmonte havia acabado de lançar um álbum com doze faixas inéditas, o que logo demandou um show completamente novo, para deleite de sua legião de adoradores.

– Olha só! É a nova vítima? – Ícaro foi logo gracejando.

Era um homem na casa de seus trinta anos, mas se vestia como adolescente. Após tentar carreira solo, sem sucesso, pegou carona na fama de Nanda e agora tocava violão e guitarra para ela.

– Sem brincadeira, Ícaro. O moço é sério. – advertiu Nanda, mas acabou rindo também, ao ver que Miguel mal se movia.

O estúdio onde costumavam ensaiar não podia ser mais bem equipado. Tinha salas espaçosas, a maioria com isolamento acústico, e um escritório, de onde André podia trabalhar sossegado.

Assim que Fernanda chegou ali, todos os outros já se faziam presentes. Além de Ícaro, a banda contava com Tati, a baixista hiperativa, e Júnior, o baterista introspectivo.

– Não vai nos apresentar? – Tati praticamente pulou na frente de Nanda.

– Ah. Galera, essa simpatia de pessoa aqui é o Miguel. Ele vai substituir o Fernando na equipe a partir de agora.

E então, o milagre aconteceu. Miguel abriu um sorriso. Não um sorriso amarelo e falso, daqueles que as pessoas abrem em situações sociais constrangedoras. Era um sorriso que mostrava muitos dentes e boa vontade.

Foi neste exato momento que Nanda decidiu se casar com ele.

– Tudo bem? – ele perguntou, dirigindo-se a Tati, mas depois olhou todos os outros componentes da banda.

– Tudo ótimo. Tudo show. Me beija.

– Olha os modos, Tatiana. – suplicou Júnior. E aquela seria a única vez em dias que alguém escutaria sua voz.

Feitas as devidas apresentações, Miguel saiu da sala de ensaio e foi perambular pelo estúdio com André, que o explicou como funcionava a rotina de Nanda e qual seria a função dele no meio de toda aquela loucura. Ele logo notou que dificilmente precisaria lidar com o tédio ali. Intimamente, ficou feliz por isso.

Naquele dia, o tempo custou a passar para Maria Fernanda. Não confessava a pessoa próximas, mas tinha ficado mais abalada do que gostaria com o que lhe ocorrera. Aquela, por exemplo, era a primeira vez que conseguia sair de casa para trabalhar, depois do incidente. Mostrava-se tão

distraída que cantava no automático, apenas despertando para a realidade quando ouviu o próprio nome.

– Maria Fernanda?

Miguel.

Estava de jeans e camisa polo preta. A equipe de segurança de Nanda preferia estar sempre discreta. Mesmo assim, o cara novo era intimidante. E nem mesmo bateu à porta antes de entrar.

– Oi, Migs. Eu já estava saindo. – ela se explicou, ao perceber que já passava de meio dia.

– Do que você me chamou?

Ela não precisava olhar para perceber que ele estava possesso. Sua voz já entregava tudo.

– De Migs. Não pode?

– Não.

– Mas você me chama de Maria Fernanda o tempo inteiro! Só de casa até aqui foram umas quinhentas vezes! – ela exagerou, indignada.

– Esse não é o seu nome? Porque eu certamente não me chamo Migs.

– Eu acho que você é dois. – comentou baixinho.

Não conseguia entender a dualidade que seu novo segurança apresentava. Uma hora era apático e lhe dava respostas curtas. Na outra, era todo sorrisos.

– O que disse?

– Não disse nada, coisa linda. Vamos embora.

– Esse é ainda pior.

Ela o escutou resmungar, mas não deu atenção. Teriam tempo para se ajustar um ao outro.

2

Ela estava descabelada, vestia um pijama com um urso enorme estampado na frente e tinha a cara amassada de quem acordou há pouco. Mesmo assim, saiu do quarto sem se preocupar e acenou para o homem parado na sala, ao lado da mesa.

– Bom dia, Migs.

O homem apenas fez um gesto com a cabeça em cumprimento. Já estava ali há quase duas semanas e alguns progressos haviam sido feitos. Estava até mais comunicativo e não mais reclamava dos apelidinhos que esporadicamente recebia.

– Animado?

– Reclamando internamente, mas sim. – Miguel quase sorriu. Quase.

Trajava roupas esportivas, pois era meio de semana e devia acompanhar Fernanda em seu treino. Tudo bem que ela ficava cansada antes dos primeiros dez minutos e se estirava na areia na primeira oportunidade, mas pelo menos era esforçada.

Naquela manhã, ela não havia acordado tão cedo quanto pretendia, por isso correu para a cozinha e fez um café em tempo recorde. Duas vezes na semana contava com a ajuda de uma diarista para pôr ordem na casa, mas, em geral, gostava mais de organizar suas coisas sozinha.

– Não vai querer café? – Nanda se sentou à mesa de seis lugares e colocou duas canecas em cima.

– Já sabe. Eu...

– Você não gosta muito de café. – ela revirou os olhos – Eu sei, mas sempre acaba tomando um pouquinho. – disse e estendeu a caneca cheia para ele.

Miguel nem mesmo hesitou. Aproximou-se, pegou o café e foi se sentar na outra ponta da mesa. O mais longe possível dela. Olhou para as janelas de vidro da varanda mais adiante e observou o tempo nublado que se formava lá fora.

– Acha que realmente acabou? – ela questionou, de repente.

E ele não precisava perguntar a que ela se referia. Sabia

perfeitamente.

– Não sei. – Miguel não olhou para ela ao dizer, e parecia pensativo
– Eu gostaria de te dizer que sim, mas não tenho certeza.

– Foi uma surpresa pra vocês, não foi?

– Sim, para a equipe inteira. Nunca tivemos um caso tão evidente de corrupção assim. Ainda mais vindo de um agente com tanta experiência. Todo mundo lá confiava.

– É, eu também. – Nanda admitiu, sentindo-se a mais burra das criaturas por jamais ter desconfiado de nada.

– Não fique assim, Maria Fernanda. – as palavras de Miguel denotavam conforto, mas nada em sua expressão facial dizia o mesmo – Não vai te acontecer mais nada.

– Claro que não vai. Agora tenho você. – ela brincou.

– Exatamente. Você tem a mim. E eu sou o melhor no que faço.

– Tá certo, Capitão América! – Nanda riu, querendo provocá-lo.

Mas sabia que Miguel não estava brincando, muito menos era prepotente. Ninguém conseguia passá-lo para trás e ponto.

– Olha, eu sei fazer um café muito melhor do que esse seu. – comentou, meio distraído, olhando o conteúdo de sua caneca.

– Claro que sabe. – ela debochou.

– É sério. A partir de amanhã, deixa isso comigo.

Fernanda deu de ombros e terminou seu café, comeu uns pães de queijo que estavam ali desde a noite passada e foi se arrumar. Vestiu as habituais roupas confortáveis que usava para se exercitar e desceu com Miguel até o saguão do prédio. Ambos cumprimentaram o porteiro e atravessaram a rua.

Nanda só malhava duas vezes por semana – o que, segundo ela, já era um sacrifício sem igual – e contava com a ajuda de Renata, a *personal trainer* com perfeição de *photoshop*, só que na vida real. Às vezes encontravam-se na academia do prédio, mas gostavam de alternar com treinos ao ar livre. E aquele era dia de circuito na praia.

Pesadelo para uma cantora. Felicidade para um segurança.

– Até que ela tá animadinha hoje. – comentou Renata, enquanto observava sua aluna morrer no circuito que havia montado na areia.

– Só reclamou três vezes. Um recorde. – Miguel concordou.

O próprio já estava pingando de suor. Gostava quando iam à praia, pois aproveitava para se exercitar nas barras de ferro do calçadão. E sempre

que terminava sua série, podia se juntar a Renata e jogar conversa fora.

– Não dá mais, pessoal. – uma ofegante Fernanda vinha ao encontro dos dois, fazendo careta para a garrafinha de água já vazia – Eu vou morrer. Eu já morri!

Miguel e Renata riram.

– Tá bem vivinha. Aliás, parabéns. – a *personal* elogiou – Não enrolou nenhuma vez hoje.

– E o nosso treino juntos, quando vai ser?

Nanda não se surpreendeu ao ouvir Miguel perguntar aquilo a Renata. Tornaram-se amigos no mesmo minuto em que se conheceram, semanas atrás. Aparentemente, tinham muitos interesses em comum, principalmente treinos pesados e exaustivos, dos quais Maria Fernanda queria a mais absoluta distância.

– Que dia você tá livre? – a moça quis saber.

– Você não ensaia amanhã, né? – Miguel perguntou a Nanda.

– Não.

Nanda se afastou um pouco, enquanto os dois acertavam os detalhes do encontro. Com o passar do tempo, tinha aprendido a decifrar um pouco da personalidade de Miguel. Descobriu que ele era extremamente desconfiado e desprezava contatos físicos sem aviso prévio, mas, quando se sentia confortável, era mesmo uma gentileza de pessoa. Apesar, é claro, de viver resmungando.

– Tô indo. – ele avisou, assim que voltaram à entrada do prédio – Manda mensagem se for sair de novo.

– Ei, sobe pra tomar uma água antes. Você tá meio destruído, Migs. – pontuou Nanda.

Miguel não fez objeção. Estava mesmo com sede. Principalmente porque ficou de castigo no sol por dez minutos a mais que o necessário. Tudo por causa de umas senhoras que reconheceram Nanda na rua e pediram fotos.

– Espera aí na sala. Já volto. – Nanda instruiu Miguel ao entrar em casa. Estava se dirigindo à cozinha quando viu a surpresa – Pai?

– Oi, filhota! – aproximou-se para lhe beijar a testa suada.

Miguel observou o homem de cabelos grisalhos e concluiu que ele só podia ser a própria Fernanda. Mudava o gênero e a idade, mas ali estava. Os traços finos, o corpo magro, a baixa estatura... E o jeito expansivo, obviamente.

– E você deve ser o Miguel. – Humberto Belmonte foi até ele e o

abraçou fortemente, como se Miguel fosse um filho que acabava de voltar da guerra – Seja bem-vindo à família!

– Obrigado. – o outro sorriu, querendo ser educado.

Mas estava mesmo era constrangido. Será que aquele homem sabia que era um ser humano e não um labrador? Aparentemente não, porque deu um tapinha efusivo nas costas de Miguel, o que indicava que não se importava nem um pouco mesmo com suor ou constrangimento alheio.

– Vai com calma, pai. Ele não é muito fã de contato físico. – Nanda informou e sumiu para a cozinha.

– Ah, desculpe. – disse Humberto – Bom, eu vou me sentar aqui e descansar um pouquinho. – anunciou, indo se espalhar no sofá ao lado do piano – Que viagem cansativa, nossa!

– André me disse que foi resolver problemas com imóvel... – Miguel demonstrou interesse, sentando-se na ponta que sobrou do mesmo sofá.

– Uma encrenca danada! É que a gente tem uma casa na Bahia, eu fui inventar de colocar pra alugar e...

Nanda voltou para a sala, entregando a água de Miguel, e achou bonitinho que ele e seu pai estivessem conversando e, aparentemente, se entendendo bem. Apesar de o papo não lhe agradar muito. Ela nunca tinha feito questão de mexer com dinheiro. Dava-lhe até arrepios só de pensar em burocracias.

E foi exatamente por isso que se retirou para tomar banho e deixou que os dois tagarelassem à vontade.

– Agora que ela saiu, Miguel, preciso discutir uma questão com você. – o homem até mesmo mudou seu semblante amigável. O Humberto que estava diante de Miguel agora lhe lembrava muito mais um pai desesperado do que gentil.

– Claro. O que houve?

– Bom, como você deve imaginar, o André tem acesso às contas profissionais da Nanda nas redes sociais. Ele meio que faz uma limpa, sabe? Bloqueia um pessoal inconveniente, umas mensagens de ódio gratuito... Normal, infelizmente, pra quem é famoso.

– Eu entendo. E nem imagino como ela aguenta. – confessou.

– É. – Humberto balançou a cabeça negativamente, como quem lamenta – Mas o que eu quero dizer é que ele me mostrou umas mensagens estranhas que a minha filha tem recebido ultimamente, enviadas por um perfil

falso.

– Alguma ideia do remetente?

– Esse é o ponto chave. Estamos achando que foi o Fernando.

Miguel nem mesmo conseguiu disfarçar a surpresa. Coçou a testa e imediatamente passou seu número de celular para Humberto. Queria ele mesmo ter acesso às tais mensagens.

– O que te faz pensar que é o Fernando? Sinceramente, Humberto, nem faz sentido. O cara rouba a menina, consegue escapar ileso... Qual é a inteligência em tentar manter contato de novo?

– Acabei de te enviar aí. – o celular quase escapava das mãos trêmulas de Humberto – Dá uma lida e tira suas conclusões.

Dito isto, o homem se ergueu do sofá, dizendo-se exausto da viagem, e foi para a própria casa. Miguel ainda ficou mais uns segundos ali, e quando finalmente saiu do apartamento e foi esperar o elevador, ainda relia o conteúdo das mensagens. Porque eram várias.

Foi assim que soube.

3

O shopping estava lotado. Mais especificamente aquela loja de joias caras, pela qual a famosa atriz Clara Santini lançava uma coleção naquele mesmo dia.

Havia muita gente ali para prestigiar a moça, mas ela só sossegou quando viu chegando a única pessoa que faltava.

– Pensei que não viesse, sonsa!

– Olha só, não grita comigo, tá?

Mais afastado, Miguel observava a cena. A loira que tinha quase seu tamanho, apesar das ofensas que gritava pelo atraso, agarrou Fernanda em um abraço apertado e lhe sorriu. Aquilo era algo que ele logo aprenderia sobre Clara Santini. Ela apenas sorria para o marido, para Nanda e para si mesma.

– Tem certeza que elas são amigas? – questionou, intrigado com a estranha dupla que formavam.

Não podiam ser mais diferentes. O que sobrava de altura em uma, faltava na outra. Loira e morena. Olhos claros, olhos escuros. Rispidez e excesso de gentileza.

– Ih, longa história. – André suspirou a seu lado – É que a Clara interpretou uma cantora de MPB numa novela, ano passado. O diretor recomendou que ela passasse um tempo com a Nanda, para estudar a personagem, sabe? Nossa, elas não foram com a cara uma da outra desde o primeiro minuto.

– E por que continuam se vendo, então?

– De alguma forma muito estranha, elas se amam. Sabia que tem uma música chamada *Clara* no novo álbum da Nanda?

André jamais se esqueceria daquele dia. Fernanda, mais apreensiva do que empolgada, mostrou para a amiga a música que havia feito em sua homenagem. Era de um ritmo suave e a letra descrevia a personalidade agri-doce e única de Clara. Foi a primeira vez que a atriz chorou de alegria na vida.

– Amigas ou não, espero que essa porcaria de evento não leve o dia todo. – resmungou Miguel, torcendo o nariz para a loja cada vez mais cheia.

– Deus te ouça, meu amigo.

Mas o evento durou, sim, bela parte do dia. Primeiro, Clara e um designer de joias se sentaram em cadeiras chiques, em cima de um pequeno tablado improvisado, e ali responderam a diversas perguntas da imprensa. Queriam saber desde os desenhos das peças até a inspiração da atriz para o formato dos anéis e colares que levavam seu nome. Da plateia, tanto Nanda quanto o marido de Clara filmavam o discurso inteiro.

Depois, uma interminável e torturante sessão de fotos. Caíque, o tal marido, posava sorridente ao lado da esposa. Para quem olhava de fora, era realmente compreensível que fossem um casal. Os dois se conheceram ainda crianças, quando protagonizaram juntos uma novela infantil. Desde então inseparáveis, casaram-se aos dezessete anos; um escândalo dos tabloides à época. Hoje, aos vinte e sete, permaneciam grudados. E funcionava.

– Caramba, onde se meteu o André, poxa? – Nanda, enfim, conseguiu alcançar Miguel em meio a tanta gente cheirando a perfume importado e champanhe.

– Ele disse alguma coisa sobre fechar negócio com aquela mulher.
– e apontou discretamente para onde se encontrava o empresário.

Na verdade, André só tinha ido àquele evento chato porque estava interessado em fechar parceria com a dona da loja. Se tudo saísse como planejado, a próxima coleção de joias levaria a assinatura de Nanda Belmonte.

– Ei, metida! Nem tirou uma foto comigo! – exclamou a longilínea Clara, apertando-se entre as pessoas com cara de poucos amigos até alcançar Fernanda – Ah, é você o famoso Miguel?

Clara o mediu de cima a baixo. E não parecia nada impressionada com o que via.

– Ele nem é aquilo tudo que você falou. – virou-se para Nanda e despejou, sem a menor cerimônia.

– Meu Deus, Clara! – Fernanda quis morrer.

E Miguel quis rir.

– Sinto muito por não cumprir suas expectativas, moça. – disse ele, nada abalado – Mas muito prazer. – e não estendeu a mão para Clara.

– Tá. – falou e foi logo dirigindo a atenção de volta para Nanda – A gente se fala depois, então.

E sumiu lá para dentro, já abordada por meia dúzia de fotógrafos. Fernanda apenas deu de ombros para a cena, como se já tivesse passado

muitos dias de sua vida presenciando aquilo. Em seguida, saiu andando pelos corredores do shopping. Miguel em sua cola.

– Vai me dizer para onde estamos indo?

– Vou comprar um sorvetinho. Quer o seu de quê? – ela comunicou, parando em frente a uma sorveteria de fachada chamativa.

– Eu não vou tomar sorvete, Maria Fernanda. – Miguel estava quase ofendido.

– Já volto.

Voltou com dois potinhos na mão e foi ocupar uma das mesas. Miguel se sentou de frente para ela, fazendo cara feia para o sorvete que ela lhe empurrou. Mais colorido e infantil, impossível. Ele se perguntou se Fernanda tinha feito aquilo de propósito.

A resposta estava estampada no rosto dela.

– Não vai deixar derreter, né?

– Não.

Pela expressão amena em seu rosto, logo após a primeira colherada, Nanda ficou satisfeita em perceber que ele gostou.

– Já tem planos pro Natal, Migs?

– Vou visitar os meus pais. Eles moram no interior.

– Nada mal, né? E a virada do ano?

– Uns amigos me chamaram para uma casa de praia, mas ainda não tenho certeza. – ele contou, meio distraído – E você?

– Devo passar as duas datas na casa do meu pai. Eu também fiz uns planos de praia com amigos, mas acho que vou cancelar. Quero dar uma descansada enquanto posso. – ela suspirou, pensativa – Na primeira semana de janeiro já começam os shows, aí a minha vida vira uma loucura.

Mas esboçou um semblante de felicidade ao dizer aquilo, apesar da rotina exaustiva que lhe aguardava.

– Você gosta muito do que faz, né, Maria?

Nanda mal conseguiu acreditar nos próprios ouvidos. Aquela era a primeiríssima vez que Miguel não a chamava de Maria Fernanda, o que geralmente significava "Estou passando raiva / Vou te estrangular".

– Cantar é o meu amor, Migs. Eu não sei ser eu sem isso, sabe?

– Eu acho bonito. E corajoso. André me disse que você largou Medicina pela metade, né?

– Foi. – ela arregalou os olhos e sorriu, lembrando da loucura que foi o emblemático dia da decisão – A minha mãe quase morreu.

– Imagino. – ele riu um pouco – Mas o seu pai parece aceitar muito bem.

– Pois é! Os meus pais são muito diferentes, sabe, Migs? Não é à toa que ficaram pouquíssimo tempo juntos. Acho que eu tinha uns três anos quando se separaram. – relatou, mas não pareceu carregar traumas daquilo.

– Você tem muito mais do seu pai. – ele observou.

– Sem sombra de dúvidas. A minha mãe é uma pessoa muito rígida. A gente passou uma época discutindo bastante, mas a distância melhorou muito a nossa relação. Hoje ela tem um trabalho muito legal na Argentina e a gente se fala sempre.

– Pena que mora longe. Acho que seria a única pessoa dessa família a não invadir meu espaço pessoal para abraços que eu *não* solicitei.

– Você é ótimo. – ela ironizou e foi se concentrar em seu sorvete. A atenção não levou cinco segundos – Vou te perguntar uma coisa.

– Claro que vai. – ele revirou os olhos. Estava lá pelas últimas colheradas.

– Você já conhecia o meu trabalho antes?

Miguel se surpreendeu com a curiosidade. Cogitou mentir, mas pensou melhor.

– Bom, se a pessoa mora no Brasil, é praticamente impossível não ouvir pelo menos uma música sua. Tem uma em específico que eu ouvia em todo lugar.

– Deve ser *Verão*. “*A cidade é fria, mas você me lembra verão...*”. – cantou um trecho, meio tímida.

– Essa! – Miguel confirmou – Poxa, essa tocou pra caramba.

Sim, o primeiríssimo sucesso de Nanda Belmonte. Foi o tema do casal principal de uma novela adolescente, pouco mais de um ano atrás.

– Enfim, eu ouvia falar, mas não te conhecia fisicamente. Só quando fiquei sabendo que trabalharia com você é que te procurei no Instagram.

– Ai, meu Deus, você me segue no Instagram? – Fernanda quase teve uma síncope com aquela informação, ao passo em que Miguel apenas deu de ombros. Entre milhões de seguidores, quem era ele?

Aparentemente alguém, porque ela logo se apressou em pegar o próprio celular para conferir.

– Ah, mas você deve ter o meu perfil profissional. – pensou naquele detalhe, sem tirar os olhos da tela – Aqui. Vou te passar o meu

Instagram pessoal.

Era um perfil que contava com menos de cem pessoas. Estava cheio de fotos aleatórias, dentre paisagens, amigos e familiares em momento de descontração. E, obviamente, a própria Fernanda.

– O que é isso, Maria Fernanda? – Miguel, fingindo ultraje, virou a tela do próprio celular, de onde reluzia uma foto de Nanda vesga – Como é que você me deixa ter acesso a uma coisa dessas? Não deveria confiar tanto em mim. Eu posso vender essas fotos.

“Não deveria confiar tanto em mim”. Aquilo acendeu um alerta em Fernanda. O sorriso que até então estampava foi morrendo. Muito perspicaz, Miguel percebeu de imediato o problema.

– Eu não sou ele. – garantiu, pousando a mão sobre a dela.

Um gesto de conforto. Levou apenas um segundo.

4

– Tá aberta!

Foi o que Nanda gritou quando ouviu a campainha. Estava sentada ao piano desde as quatro da manhã, acompanhada de um caderninho. Rabiscava sem fim.

– Não pode deixar essa porta destrancada. – Miguel já entrou reclamando.

– Bom dia pra você também. – ela se levantou para deixar um beijinho (não solicitado) no rosto dele e foi para a mesa.

Estava com um pijama amarelo e óculos de grau.

– O que tanto escreve aí? – Miguel se empertigou, querendo olhar o tal caderno, mas não conseguiu ler nada.

A letra de Nanda era horrorosa.

– Acordei inspirada.

– Posso usar sua cozinha?

– Claro.

Enquanto ele sumia lá para dentro, ela continuava concentrada. Riscava algumas coisas quando mudava de ideia e escrevia outras por cima. Aparentemente, a nova canção que nascia tinha ares de lhe trazer muito trabalho.

– Aqui. – Miguel voltou alguns minutos depois, colocando uma caneca florida na frente de Nanda.

Como de costume, ele foi se sentar na outra ponta da mesa. Não tirou os olhos de Fernanda, enquanto ela dava o primeiro e tímido gole em sua obra-prima.

Claramente numa tentativa de fazer suspense, Nanda lançou um sorriso enigmático para o líquido quente, depois subiu o olhar para o homem em expectativa.

– Tá bom, que café incrível! – arregalou os olhos, surpresa.

Pensou que ele soubesse mesmo fazer um bom café, mas não naquela magnitude.

– Já estava avisado. – Miguel disse, mas deixou que uma sombra de sorriso passasse por seu rosto. Além disso, achava que ela ficava bonitinha de

óculos.

Nanda apenas revirou os olhos e voltou a se concentrar no conteúdo de sua caneca. A cada dia que passava, aprendia mais a driblar os mecanismos de defesa dele.

Já estava pronta, inclusive, para puxar mais um assunto quando o celular anunciou a chegada de novas mensagens. Franziu a testa ao ver do que se tratava, o que alarmou Miguel.

– Ele tá muito estranho. – Nanda comentou, ainda encarando a tela do celular.

– Quem?

– André. Acabou de mandar mensagem, dizendo que o ensaio vai atrasar umas duas horas.

– E esses atrasos não são comuns? – Miguel ergueu as sobrancelhas.

– Nem um pouco, ainda mais por desculpa esfarrapada.

Ela encerrou o assunto por ali e terminou com o café. Em seguida, foi para a sala e se esparramou no sofá, ligando a televisão gigante à procura de um bom filme.

– Eu vou descer, então. – anunciou Miguel, visivelmente pouco à vontade.

– E vai ficar esse tempo todo esperando no carro? Não faz sentido. Senta aí. – ela indicou o outro lado do sofá com a cabeça.

Ele ainda hesitou por um tempo, mas acabou cedendo. Foi se sentar onde Nanda havia lhe indicado e pegou o celular do bolso. Mexeu nele por um tempo, enquanto ela colocava uma comédia romântica para ver. Miguel não soube dizer o exato momento em que deixou seu aparelho de lado e passou a prestar atenção ao filme, mas se arrependeu amargamente ao fazê-lo.

– Deus do céu, Maria Fernanda! Que filme ruim. Tira isso.

Ela apenas sorriu em resposta, sem nem mesmo olhar para ele. Ajeitou melhor os óculos e continuou concentradíssima.

– Não faz o menor sentido. – ele resmungou, minutos mais tarde – Que cara imbecil! Que mulher na vida real vai querer um idiota desse?

Assistia, indignado, ao protagonista do filme fazer uma loucura de amor pela mocinha, na frente de um estádio lotado. Isso após, é claro, tê-la traído com a melhor amiga.

– É só um filme, Migs. Relaxa. – Nanda finalmente olhou para ele.

– E ainda fala que a menina completa a vida dele! Todo mundo já nasce inteiro.

– Nisso eu devo concordar com você. – ela se animou – A gente não precisa de alguém que nos complete, pois já nascemos completos, mas... tem gente que vem pra somar.

– Tem praga que só subtrai mesmo.

– Nem sempre. Eu, por exemplo, vou casar com um príncipe que soma. – e piscou os olhos exageradamente para enfatizar.

– Vai morrer solteira, então.

Ele não conseguiu prever a almofada que lhe acertou o rosto.

Muitas declarações de amor depois, a comédia romântica finalmente chegou ao seu fim. Miguel ainda divagava sobre a falta de realismo do roteiro quando Nanda recebeu mais uma mensagem de André. Dessa vez, o empresário informava que o estúdio estava pronto para acomodar mais um ensaio. O último antes do pequeno recesso que teriam para as festas de fim de ano.

Miguel e Nanda foram os últimos a chegarem ao local. Tati, Ícaro e Júnior já se encontravam posicionados, junto a seus respectivos instrumentos e ao piano que Nanda usava nos ensaios. À frente de toda a banda, havia um banquinho e um microfone no pedestal, apenas esperando pela vocalista.

Mas a grande surpresa do dia ficou por conta de presença de Clara Santini ali. Quando Fernanda a viu, foi correndo para cima dela com um abraço sufocante.

– Bom dia, Clarinha!

– Me solta, garota.

– Grossa!

– Bom, pelo menos você vai ter uma amiga aqui, Miguel. – brincou André, apontando a aversão de Clara aos afagos repentinos de Nanda.

Acontece que André estava completamente enganado. Isso porque Clara e Miguel já haviam tido a oportunidade de se encontrar outras vezes mais, após se conhecerem no dia do shopping. E em nenhuma delas fizeram questão de selar amizade.

– Quietos, hein, André? – Clara o repreendeu, ao ver que Fernanda já ocupava seu lugar e o ensaio começava – E você também, Salazar.

Miguel não demonstrou, mas ficou surpreso ao ouvir Clara chamá-

lo pelo sobrenome. Apenas seus colegas de trabalho o tratavam daquela forma.

– Vamos ficar aqui. – André indicou as cadeiras no canto da sala.

As músicas já rolavam a todo vapor, e Nanda começou a cantá-las sentada mesmo. Tanto ela quanto o pessoal da banda não tiravam os olhos do grande espelho que tomava toda a parede oposta. Dessa forma podiam ter noção de como pareceriam ao público.

Assim que as canções um pouco agitadas ganharam vez, Nanda abandonou o banquinho e começou a explorar toda a sala. Fazia gestos meio místicos com os braços e algumas dancinhas descoordenadas. Dava pulinhos. Às vezes se sentava ao chão. Às vezes ficava deitada mesmo.

Para André e Clara, nada de novo sob o sol.

– Ela faz isso mesmo nos shows? – Miguel estava perplexo. Era a primeira vez que assistia ao ensaio.

– É daí pra pior. – afirmou Clara – Eu acho aterrorizante, mas as pessoas gostam.

– É lindo, pessoal. – André babava – Ela é autêntica.

Miguel precisava concordar. Nunca tinha visto uma artista fazer de seu espetáculo uma festa do pijama. Parecia que Fernanda estava pulando no sofá de casa, em meio a travesseiros e amigas, e não que faria aquilo para milhares de pessoas, três vezes por semana.

– Tá empolgado, cara? – André cutucou, ao ver a cara de bobo que Miguel fazia.

– O que ela está fazendo é empolgante. – o outro deu de ombros.

– Nanda! Miguel tá curtindo a sua coreografia! – o empresário delatou, gritando por cima da música.

Ao ouvir aquilo, Fernanda deu uma risadinha pelo microfone, mas logo voltou ao trabalho. Já estava suada quando chegou sua parte favorita.

– *Agora* é que você morre do coração, Salazar. – Clara avisou, sarcástica.

Nanda foi para o piano. Sempre ensaiava os solos por último. Começou a tocar as teclas devagar, apenas para aquecer, e depois a mágica aconteceu. Miguel notou que ela sempre usava uns três anéis no dia a dia, mas não demoraria a descobrir que nos shows esse número dobrava. As peças, geralmente fininhas e delicadas, causavam um efeito visual muito bonito em vídeos e fotos, principalmente quando ela estava ao piano.

Absorta nas próprias composições, Nanda mantinha os olhos

fechados nos versos mais emotivos e sorria nos que achava bonitinhos.

– Você acaba de ganhar mais um fã, Nandinha! – delatou André, assim que ela encerrou os trabalhos e voltou para junto de sua modesta plateia.

– É mesmo? – seus olhos estavam brilhando para Miguel.

– Que bonito, Maria. Parabéns!

– Obrigada. – Nanda sorriu para o chão, mas logo passou a encará-lo – Você gostou mesmo? Porque eu sei que é bem crítico. E eu tô disposta a ouvir o que...

– Ei, sem paranoia. – Clara cortou, já se levantando para sair da sala. Desistiu quando notou que ninguém mais fez menção de se mover – Ah, songa-monga! Eu já ia me esquecendo. Tenho um carinho pra te apresentar.

A atriz sorriu, empolgada. Só faltou dar pulinhos e bater palmas, o que seria extremamente estranho para seus próprios padrões.

– Tô ocupada esses dias. – Nanda não pareceu nada animada com a informação, concentrada em beber o resto de água em sua garrafinha.

– Ele é mais bonito que o Miguel.

Agora sim, Clara tinha toda a atenção da amiga. Quando ouviu aquilo, Nanda pôs o corpo na frente de Miguel e abriu os braços, como se quisesse protegê-lo daquela informação fatal.

– Impossível! – foi tudo o que conseguiu dizer.

– Como você sabe? Eu nem te disse quem é ainda.

– Ninguém é mais bonito que o Miguel, na minha opinião.

Atrás de Fernanda, o próprio Miguel apenas balançava a cabeça negativamente. Em verdade, não se sentia lá muito lisonjeado por ser considerado bonito. Preferia ser outras coisas.

– Olha, gente, sem suspense. – interveio André – Clara está falando sobre o Pietro, Nanda. A empresária dele entrou em contato comigo e a gente tá estudando uma parceria entre vocês dois.

Miguel logo notou que Nanda não tinha ficado muito feliz com aquela ideia, mas não imaginava o motivo. Até ele sabia quem era o tal Pietro. Um cantor pop em ascendência que não parava de aparecer em outdoors.

– Ah, Deco. Não sei, não. – ela deixou em evidência todo o seu desânimo – Eu já esbarrei nesse cara em alguns eventos. Ele me pareceu meio forçado, sei lá.

– Olha você julgando sem conhecimento! – Clara meneou a cabeça

– Caíque e eu adoramos o Pietro. Ele é uma gracinha, Nanda. Dá uma chance! Não é você que é toda coração e sentimentos?

– E como funcionaria isso, hein? – o semblante de Fernanda não se alterou com o acréscimo de informações.

– O pacote básico: uma música e um clipe. – garantiu André – Topa?

Ela apenas balançou a cabeça em sinal positivo e saiu da sala. Foi seguida por um Miguel igualmente mudo. E surpreso.

– Quer conversar? – ele tentou ser gentil.

Já tinham se despedido de todo mundo e entrado no carro. Assim que Miguel percebeu que Nanda continuava sem a tagarelice habitual, ficou preocupado.

– Melhor não. Obrigada. – disse e abaixou o vidro.

Estava sentada no banco do carona, com o olhar vago além do trânsito. Mal se movia.

– Se não quer trabalhar com esse Pietro, você sabe que não é obrigada, certo? É saudável dizer não de vez em quando.

– Eu sei, Migs. O problema não é exatamente essa parceria. É que eu... – e então, aconteceu.

O semáforo ficou vermelho e Miguel precisou parar. No carro ao lado estava um homem na faixa dos trinta anos. Ele olhou uma vez para o lado e depois virou-se para a frente. Quando percebeu o que seus olhos tinham acabado de ver, virou a cabeça rapidamente de novo. Era mesmo aquela cantora famosa? Sem parar de encará-la, dessa vez, ele tateou o banco ao lado até encontrar o celular.

Ao perceber que estava sendo filmada, sorriu e deu um tchauzinho. E Miguel teve a presença de espírito de subir o vidro por ela, encerrando o espetáculo. Foi automático. Nanda se viu em privacidade novamente e o sorriso morreu.

– Tudo bem, Maria?

– Às vezes eu me sinto um animal no zoológico. – despejou, sentindo-se mentalmente exausta.

– Imagino que a fama traga uma carga difícil de suportar. – ele pôs o carro em movimento novamente, mas dividia sua atenção entre o caminho e a moça que suava frio a seu lado.

– Você viu hoje o quanto eu amo o que faço. Mas tem dias que eu só quero sumir.

O peso daquela última frase ficou pairando entre os dois. A distância até o prédio de Nanda pareceu imensa, de repente. Quando finalmente chegaram, Miguel parou o carro, esperando que o porteiro liberasse o acesso até a garagem.

Aconteceu em um segundo. Fernanda abriu a porta e saiu correndo em direção à praia. Miguel só precisou dar três passos para alcançá-la.

– Ei, aonde você pensa que vai assim? – segurava os braços dela com uma força calculada.

– Solta, Miguel! Eu tenho que ficar sozinha agora.

Era assustador notar o quanto ela estava séria. Não lembrava em nada a moça dos pulinhos e danças desenfreadas de mais cedo.

– Vai poder ficar sozinha à vontade, só que lá em cima. – ele apontou para o prédio – Vem, vamos sair do meio da rua.

Miguel a arrastou novamente para a calçada. Como explicaria a ela que seu trabalho ali era muito maior do que protegê-la do assédio de um bando de crianças e adolescentes barulhentos?

Assim que chegaram à cobertura, Nanda correu para a varanda e ele foi atrás, pensando na tragédia que poderia acontecer. Mas ela apenas deitou em meio a seus inúmeros vasos de plantas e fitou o céu. Tinha lágrimas nos olhos.

O que fizeram daquela mulher?

5

– ... e eu contei tudo isso pra minha psicóloga. Ela disse que o que eu tive foi uma crise de ansiedade. E com certeza foi isso mesmo, porque eu nem lembro direito das coisas que te falei naquele dia. Me desculpa, tá? Obviamente não foi porque eu quis. Hoje eu me sinto bem melhor. Você não vai falar nada?

– Se você deixasse... – Miguel comentou, com ar de riso.

Estavam os dois dentro do carro, parados em frente à residência de Humberto Belmonte, localizada em um bairro afastado da loucura da capital. Só pela fachada, era notável que se tratava de uma casa de novela.

– Mas fico feliz que esteja melhor. Voltou até a falar sem parar.

Miguel achava que jamais se acostumaria com a espontaneidade de Fernanda. Não se lembrava de, em seus vinte e nove anos, ter conhecido alguém com tanto desprendimento para falar do que sente. Agora mesmo contava em detalhes, e na maior naturalidade, sobre seus problemas emocionais.

– Pois é, né? Mas vamos entrar logo, porque o pessoal tá louco pra te conhecer.

– Opa, eu não vou entrar aí. – ele foi categórico – Agora tchau e boas festas.

Estava ali apenas para deixá-la. Pegaria estrada naquele mesmo dia para a casa de sua família.

– Que falta de educação, jovem! Vai entrar, sim! – ela desatou o cinto de segurança e abriu a porta.

Rodeou o carro e puxou Miguel de lá de dentro. Precisou controlar a felicidade, porque sabia que se ele realmente não quisesse ir, não se deixaria levar com tanta facilidade. Apesar, por óbvio, da cara amarrada que sustentava quando a viu tocar a campainha.

Quem abriu a porta foi Érica Belmonte, e Miguel definitivamente não estava esperando ver alguém como ela. Era uma mulher de meia idade, com os cabelos tingidos em mechas vermelhas, que já estavam ficando laranjas. Gostava de usar roupas com estampas de animais e joias. Muitas joias. Assim como a enteada, adorava anéis, mas os seus não eram nada

delicados como os de Nanda. Naquele exato momento usava quatro modelos com pedras enormes.

– Você chegou, amada! – Érica gritou o óbvio, indo esmagar Fernanda em um abraço entusiasmado. Efusiva, é claro. Como todos naquela família. – Ai, meu Deus, você só pode ser o Miguel! – e para desgosto do próprio, ele foi a próxima vítima do abraço esmagador de Érica.

Não solicitado.

– É um prazer conhecê-la.

Ao ouvir aquela voz, Érica escancarou a boca e olhou para Nanda, como se as duas compartilhassem um segredo.

– Ele parece aqueles modelos de propaganda de perfume! – ou nem tão segredo assim – Mas entrem logo. Eu estava ansiosa.

Por dentro, o lugar era ainda mais magnífico. Contava com um gramado frontal milimetricamente bem aparado, além de piscina, churrasqueira e mesa de bilhar nos fundos. A casa em si era inteira de vidro, e não tinha paredes dividindo os cômodos do primeiro andar.

O acesso ao segundo andar era feito por uma escada de mármore sem corrimão, mas Miguel não chegou a ir lá.

– Aceita uma água, um suco? Ou quem sabe um vinho... – Érica oferecia, meio desorientada em plena manhã de quinta-feira.

– Não quero nada, obrigado.

– Ele gosta de bolo, Érica. Tem? – Nanda interveio. Já conhecia a peça.

– Claro que tem. Você sabe como o Marquinhos é uma draga, né? Falando nisso... Filho! – a mulher gritou para as escadas – Venha ver quem chegou!

Marquinhos era o filho adolescente de Érica. E não podia se adequar mais aos estereótipos da idade, pois, aos dezesseis anos, ele gostava de usar roupas folgadas, tinha os cabelos um pouco abaixo da orelha, muitas espinhas no rosto e aparelho nos dentes.

– Oi, gostosa! – antes mesmo de chegar lá embaixo, ele já cumprimentou Fernanda.

E sim, os tais hormônios em ebulição Marquinhos também tinha.

Quando recebeu o cumprimento, Nanda pensou ter ouvido Miguel rosnar a seu lado. Achou graça.

– Marcos Vinícius! – Érica o repreendeu tarde demais.

– Ei, Marquinhos. – Nanda se aproximou para deixar um beijo no

rosto dele – Esse aqui é o Miguel.

– Ah, tá. – o garoto não parecia interessado em fazer amizades – Mas então, Nandinha, que honra ter sua ilustre visita em minha residência. Saiba sempre que sua beleza apoteótica ilumina minha existência.

Fernanda riu do exagero, enquanto Miguel apenas revirava os olhos para toda aquela idiotice.

De repente Érica anunciou que traria bolo para todos, sumindo para a cozinha, e os outros três foram se acomodar na sala. Miguel notou que havia um piano por ali também, provavelmente para uso de Nanda.

– Me conta, Marquinhos, quais são seus planos para o fim de ano? – ela questionou, indo se sentar ao lado de Miguel no sofá maior.

– Ocupar o lugar deste homem a seu lado e aproveitar tamanha sorte.

– Que moleque irritante. Vou jogar pela janela.

Enquanto Nanda ria do comentário de Miguel, Érica foi voltando para a sala com uma bandeja de bolo. Apoiou-a na mesinha de centro e esperou que todos se servissem, mas o que não estava esperando mesmo era engatar uma conversa animada sobre filmes clássicos com o novo segurança de sua enteada. Ao que parecia, Miguel Salazar era tão cinéfilo quanto ela.

Foi durante a segunda fatia de bolo que Marquinhos decidiu que precisava entrar na academia. Era a única forma de competir de igual para igual com um homem de um metro e noventa, olhos azuis humilhantes e porte físico de quem nasceu para nocautear os outros com um peteleco na testa.

– Meu amor, você viu que minha barba cresceu? – o adolescente se dirigiu a Nanda, apontando o próprio queixo.

Aquela informação fez com que as conversas paralelas tivessem fim e todos olhassem para o garoto. Fernanda até mesmo se inclinou em sua direção e apertou os olhos.

– Sei não, Marquinhos. Não tô vendo nada. – foi sincera.

Foi exatamente ali que Miguel decidiu que precisava ir embora. Sua cota de tolerância para aquele tipo de interação sem propósito havia chegado ao fim.

– Bom, tá na minha hora. Ainda vou pegar estrada hoje. – ele devolveu o prato para a bandeja e foi se levantando – Que bom te conhecer, Érica. Assim que possível vou enviar por Maria Fernanda alguns filmes que tenho lá em casa.

– Ah, seria muito bom. Vou esperar. – acenou, encantada.
– Finalmente o aqui-inimigo se vai. – disse Marquinhos, teatralmente e sem largar seu pedaço de bolo.
– Esse menino tem problema na cabeça? – Miguel questionou baixinho a Nanda.
– Tem. – ela riu – Vamos, eu vou te levar até a porta.
Fernanda foi pendurada no braço dele o caminho inteiro e só soltou para lhe dar um abraço.
– Então tchau, coisa linda da Nanda!
– Eu não te dei essa intimidade.
– Feliz Natal e feliz Ano Novo. – ela continuou, fingindo não ouvi-lo.
– Igualmente. E não... – o próprio Miguel se interrompeu.
– Não...?
– Só se cuida, tá bom, Maria? Evite pensar em trabalho durante essa semana.

Comovida, mas contida para não o agarrar novamente, ela apenas assentiu e o deixou partir. Seria um exaustivo fim de ano.

Começou quando Humberto chegou em casa, carregado de sacolas de supermercado. Anunciou a todos que, além de receberem os habituais parentes para a ceia do dia 24, seriam anfitriões também de alguns casais de amigos no dia 31. Érica adorou a novidade. Marcos Vinícius não. Maria Fernanda estava dormindo na hora do anúncio.

Não demonstrou surpresa ao perceber a casa lotada para o Natal. Como sempre, tinha mais familiares de Érica do que de Humberto ali, pois eram mais apegados uns aos outros e sempre passavam juntos as datas comemorativas. Daquele evento em si, Nanda saiu ilesa. Apenas matou as saudades de alguns primos e tios, encheu a barriga e voltou a dormir.

A situação desconfortável mesmo veio na festa da virada. Tudo porque uma amiga de Érica havia insistido para que Nanda cantasse algo para o pequeno grupo que ali estava. Humberto, firme sem ser indelicado, desconversou e poupou a filha de maiores constrangimentos. Andava muito preocupado após saber sobre a crise de pânico.

Vendo-se livre do momento de assédio, Fernanda afastou-se um pouco e foi fazer companhia a Marquinhos, que estava junto da piscina. Até

mesmo deixou que ele bebesse um pouco do seu champanhe.

– Sabia que acabamos de trocar saliva? – ele comentou, alegre, apontado para a taça que compartilharam.

– Que nojo, Marquinhos. Vem, tira aqui uma foto minha.

Ela posou descalça no jardim, com os braços numa pose estranha, para mostrar os detalhes do vestidinho branco que usava. Precisou ouvir todos os elogios que seu jovem fotógrafo tinha para lhe dizer, mas não se incomodava. Enquanto Marcos Vinícius continuasse apenas falando, e não usando as mãos inapropriadas, para ela estava de bom tamanho.

Quilômetros distante dali, Miguel estava entediado, como sempre. Havia se rendido à famigerada casa de praia, e agora estava em uma festa à beira-mar, acompanhando os fogos de artifício. Um amigo seu atracava-se com uma mulher, não muito distante dali; as ondas quase carregando os dois. Pouco mais perto, seus outros companheiros de viagem sacavam os celulares dos bolsos, fotografando a si mesmos e ao espetáculo de fogos.

Com uma cerveja *long neck* em mãos, ele também pegou o próprio celular, mas não para exibir a si mesmo. Passeou pelos registros festivos dos outros, até encontrar o de Maria Fernanda. Repreendeu-se ao notar que sorriu para a foto, e pior: clicou naquele maldito coraçãozinho no canto da tela.

Nanda achou que fosse desmaiar. Não estava esperando uma curtida tão cedo naquela foto, justamente porque a havia postado em sua conta pessoal, escassa de seguidores. Precisou se sentar no chão quando viu de quem se tratava. Secretamente, ficou esperando que ele fizesse um comentário na foto também, mas aí já era exigir demais do pobre Miguel Salazar.

Não seria exagero admitir que ficou mais dias do que gostaria pensando naquele simples gesto. Sentiu-se a mais ingênua das criaturas por estar começando a cultivar algo que já nascia fadado ao fracasso. Ela e aquele coração sem critérios.

– Tudo pronto, Fefê? – questionou Humberto, cheio daquele bom humor matinal que lhe era inerente.

Enfim, era chegado o dia. Nanda tinha acordado mais cedo que o previsto, tamanha era sua ansiedade. Mal tomou o café da manhã e já saiu puxando a mala para fora de casa.

– Vem, pai, acho que eu tô atrasada.

Não estava, porque era óbvio que o jatinho fretado para a turnê iria esperar a estrela principal, não importava o tamanho da demora. Mesmo

assim, Fernanda despediu-se do pai ainda no saguão do aeroporto e saiu a passos apressados pelo portão de embarque.

Quando alcançou o pequeno avião, descobriu que ela era, de fato, a única que faltava. André já estava na primeira poltrona, folheando uma revista. Tati dormia de boca aberta mais adiante, e, logo atrás dela, Ícaro e Júnior brigavam pelo assento na janela.

Da última poltrona, Miguel a olhava com cara de nada. Ela sorriu e abriu os braços.

– Agora sim, vamos nos divertir pra caramba.

6

Foi com certo pesar que Miguel descobriu uma coisa, assim que aterrissaram em Belo Horizonte, local do primeiro show.

Pela gritaria no aeroporto e na porta do hotel – além das tentativas de puxão na roupa, nos braços e cabelo de Maria Fernanda –, ele percebeu que seus dias de simples motorista e apaziguador de transeuntes inconvenientes haviam chegado ao fim.

– Eu fiquei sabendo que a pizza daqui é a melhor do mundo. – Nanda confidenciou a Tati no saguão do hotel.

Estavam todos prontos para entrar na van e ir ao local do show, fazer a passagem de som.

– A gente precisa experimentar na volta, então. – a baixista se animou. Gostava mais de pizza do que de trabalhar.

Enquanto Miguel estudava atento a movimentação lá fora, elaborando estratégias de saída, ele sentiu braços pequenos agarrarem sua cintura.

– Tá um gato, viu? – Nanda flertou, ao reparar que ele usava óculos escuros.

Miguel fez cara feia para ela, mas acabou passando o braço em volta de seus ombros. Trouxe-a um pouco mais para perto de si, mas levou apenas um segundo.

– Agora chega. – disse e se afastou uns bons centímetros.

– Tem razão. Daqui a pouco alguém tira uma foto nossa e inventa que somos namorados. Sua cara ia sair em todos os programas de fofoca do Brasil! – ela fantasiou.

Aquela informação pareceu deixar Miguel horrorizado, porque tomou ainda mais distância dela e atravessou as portas automáticas.

Foi bombardeado por gritos histéricos. Para sua sorte, a equipe de segurança do hotel reforçava o caminho até a van. Sem muita escolha, Miguel procurou Fernanda e a pôs em sua frente, com os braços lhe cercando. Pensou que fosse ficar surdo e cego. Muitos flashes, muitos gritos.

André e o resto da banda vinham logo atrás, e, ao contrário de Nanda, podiam ter o luxo de tirar algumas fotos com fãs sem serem

esmagados. A pequena multidão gritava por todos eles, e ninguém – a não ser o próprio – ficou surpreso ao ouvir o nome de Miguel em meio às súplicas por atenção.

– Que porra foi essa que acabou de acontecer? – ele tirou os óculos escuros e bateu a porta da van.

– Agora sim, bem-vindo oficialmente à família! – André estava sentado ao lado do motorista e precisou se virar para trás, para ver a expressão desolada de Miguel – Os fãs da Nanda conhecem a equipe inteira, é óbvio que isso ia acontecer com você também. Até o Humberto tem fãs-clubes! Sim, eu disse no plural.

– Era só o que me faltava!

Assim que chegaram ao local, André constatou, muito satisfeito, que a estrutura já estava toda pronta e atendia a seus padrões de exigência. A passagem de som ocorreu sem dificuldades, e logo todos se dispersaram para conhecer os camarins.

Nanda não fazia muitos pedidos gastronômicos e nem exigia bobagens, como mil toalhas brancas e poltronas de veludo. Tendo sofá para ela se jogar antes e após o show, estava tudo certo. Mas naquele camarim em específico, havia um verdadeiro banquete. Nem em uma semana inteira conseguiria acabar com toda aquela comida.

– Vem ver isso aqui! – ela abriu a porta e pôs a cabeça para fora, chamando Miguel.

O mesmo se encontrava no corredor, ditando todo o esquema de segurança para alguns homens. Apertou o ponto eletrônico em sua orelha, disse mais alguma coisa e depois entrou no camarim de Fernanda.

– Que exagero. Tem coisa aí pra um batalhão.

– É. – Nanda concordou, abismada – E tem essa fruta aqui que eu nunca vi antes. – ela apontou e depois foi pegar uma garrafinha no canto da mesa – Isso aqui é seu. Pega.

– Meu?

– Você que gosta de chá gelado. Eu achei aqui e guardei pra te dar.

Miguel finalmente abriu a garrafa e bebeu um gole do conteúdo. Dessa vez, nem disfarçou o sorriso de canto.

– Você é muito boazinha para o seu próprio bem, sabia?

– Sabia.

– Isso não te incomoda?

– Miguel, o mundo tá ficando uma bosta e eu tenho medo. Então

toda vez que eu tiver a oportunidade de fazer alguém feliz, eu vou fazer. Mesmo que a gente só esteja falando de um chá de cinco reais que nem fui eu que comprei.

Ele assentiu, admirado. Foi se sentar no sofá branco, em frente a um espelho enorme e cheio de luzes em volta. Nanda fez o mesmo.

– Só toma cuidado, tá? Tem gente que não merece o seu afeto. – Miguel dizia sem olhar para ela, concentrado em girar a tampinha da garrafa entre os dedos – Acho que eu fico preocupado. E eu detesto me preocupar com os outros. Me dá até alergia. – fez uma careta de desgosto, como quem enfatiza o relato.

– Pode deixar, coisa linda da Nanda. – ela assegurou – Eu sei me cuidar. E pode até não parecer, mas eu calculo direitinho quem merece o meu afeto. Claro que às vezes eu estou enganada, mas não é o caso agora, é? – olhou significativamente para ele, mas queria rir.

– Claro que não, Maria Fernanda. Só pare de me arranjar apelidinhos e ficaremos bem.

– Apelidos carinhosos são saudáveis para o nosso relacionamento. – argumentou Fernanda, pondo-se de pé.

Pegou uma barra de cereal da mesa farta e saiu do camarim, deixando a porta aberta e Miguel inerte.

– Que relacionamento, Maria Fernanda? Volta aqui! É profissional esse relacionamento, ouviu?

– Mas nem terminou o dia ainda. – André entrou ali, analisando todo o perímetro com seus olhos clínicos – Já estão brigando?

– Como é que essa mulher de meio metro pode me tirar tanto do sério?

– Tire suas dúvidas com a Clara. Quem sabe vocês não fazem terapia juntos... – André sugeriu, enquanto analisava uns papéis que tinha em mãos.

- Precisa de ajuda? – Miguel ofereceu, ignorando o comentário anterior.

- Você é bom com números? – André foi se sentar ao lado dele, mostrando-lhe uma planilha e um contrato – Minha praia é só negociação. O financeiro é todo com o Humberto.

– Posso dar uma olhada. – disse o outro, pegando os documentos para si – E sobre aquelas mensagens que a Maria Fernanda estava recebendo?

– Ah, cara. Bem lembrado. – o empresário pegou o próprio celular

e foi deslizando o dedo pela tela – Elas pararam.

– Assim, do nada? – Miguel se mostrou desconfiado.

– Pois é. Esse caso do Fernando repercutiu muito na mídia. Com certeza algum engraçadinho achou de ficar mandando essas mensagens pra Nanda, como se fosse ele.

Miguel balançou a cabeça em concordância, mas não estava lá muito convencido. Chegaria a suas próprias conclusões no momento oportuno.

Nanda só voltou ao próprio camarim mais tarde, faltando pouco tempo para a hora do show. Era ela mesma quem fazia os cachos nas pontas dos cabelos, cuidava da maquiagem leve e colocava aleatoriamente vários anéis nos dedos. Já quando se tratava do figurino, deixava que Tati escolhesse por ela, porque tinha mais senso de moda e combinação de cores.

A tensão dos minutos anteriores era sempre a mesma, não importava se era seu primeiro show ou o milésimo. Só relaxava quando de fato subia ao palco e escutava os primeiros gritos. Gostava de usar o mesmo *modus operandi* para iniciar, porque era infalível: ela cantava, de surpresa e ainda sem aparecer no palco, o refrão de alguma música sua e esperava a mágica acontecer. O público ia ao delírio, e só assim a banda começava os primeiros acordes e Nanda finalmente dava o ar de sua graça.

Aquele primeiro show da nova turnê não podia ser nada diferente de um tremendo sucesso. Tudo o que Miguel tinha visto Nanda fazer naquele ensaio, ela fez com o dobro de energia, diante de milhares de pessoas. Pulou, fez as dancinhas descoordenadas, surpreendeu o público com fogos de artifício nas laterais do palco e, por fim, emocionou.

Acontecia religiosamente, todas as vezes em que se sentava ao piano. Depositava toda a sua carga emocional ali, e os espectadores embarcavam junto, maravilhados com os dedos delicados e ágeis sobre as teclas, os anéis brilhando a cada movimento. Nanda Belmonte carregava consigo uma espécie de magia.

– Não sei como ela tem a audácia de sentir preguiça quando malha.

– resmungou Miguel a André – Quinze minutos desse show dela são mais exaustivos do que correr uns dois quilômetros.

Estavam os dois nos bastidores, sentados em algumas caixas de equipamento. Observaram Nanda sair do palco quando todas as luzes se apagaram. Imediatamente, o público começou a gritar pelo bis. Aproveitando a escuridão estratégica, a cantora voltou e se sentou ao piano.

Esse momento era perfeitamente cronometrado: Fernanda tocava as primeiras teclas e um feixe de luz recaía apenas sobre ela e o instrumento.

Tonight I'm gonna have myself a real good time

– Ah, olha. Ela canta Queen nos shows, é? – Miguel se surpreendeu ao reconhecer a letra.

Em resposta, André apenas deu uma risadinha, como se soubesse de um segredo grandioso e não fosse compartilhar.

A música era *Don't Stop Me Now*, um dos maiores hits da banda britânica. Começava lenta, apenas a voz de Nanda e o piano. De repente, o ritmo acelerou sem aviso, enquanto todo o palco ia se iluminando aos poucos, revelando o resto da banda.

***I'm a shooting star leaping through the sky
Like a tiger defying the laws of gravity***

A essa altura, Miguel já tinha se levantado. O queixo ia caindo gradativamente, e achou mesmo que fosse desmaiar quando Fernanda se ergueu e começou a tocar piano de pé.

***I'm burning through the sky Yeah!
Two hundred degrees
That's why they call me Mister Fahrenheit
I'm traveling at the speed of light
I wanna make a supersonic man out of you***

O público enlouquecia lá embaixo, Miguel enlouquecia nos bastidores. Estava inteiro arrepiado.

Àquela altura, Nanda já batia nas teclas freneticamente, a voz impecável. Contava com a ajuda de Ícaro, que não deixava nada a desejar nos solos de guitarra. Nem todo mundo diria, mas a mocinha do MPB estava dando um show em rock clássico.

– Acho que você acabou de se apaixonar por ela. – comentou André, sarcasticamente, mas Miguel nem mesmo escutou.

Não tirava os olhos de Fernanda, que agora se despedia de seu público e corria para o *backstage*, pedindo que alguém lhe desse água. Estava

esgotada.

– Maria! – ele a parou no meio do caminho – Isso foi...

– Gostou? – ela quis saber, com um sorriso meio ofegante.

– Foi incrível! Eu nem sei o que dizer... Você engoliu o Freddie

Mercury?

Nanda apenas deu uma risadinha lisonjeada e foi para o camarim. Bebeu toda a água do planeta, ou toda a água disponível ali, e se jogou no sofá.

– O que foi? – questionou, começando a ficar preocupada.

Miguel não conseguia parar de olhar para ela. E, provavelmente, nunca mais escutaria *Don't Stop Me Now* do mesmo jeito. Ou qualquer outra música do Queen.

– Nada. – ele tentou se recompor, desviando o olhar.

– Você acostuma, cara. – disse Ícaro, roubando uma fruta da cesta farta de Nanda – Vai ver isso umas três vezes por semana.

Miguel não se acostumou. Daquele dia em diante, sairia de onde estivesse para se esgueirar pelo palco e contemplar o paraíso na Terra.

Nem sabia por onde começar a explicar que aquilo era sua ruína.

Pietro morava em um luxuoso condomínio de casas, na zona sul da cidade. O mesmo em que Clara e Caíque residiam. Apesar de separados por apenas um quarteirão, era raro que se vissem, por culpa das agendas lotadas.

Quando Nanda foi ao encontro de seu mais novo parceiro musical, já estava mais relaxada. Depois de Clara lhe garantir que Pietro não era nenhum estúpido, a cantora decidiu dar um voto de confiança. E qual não foi sua surpresa ao perceber que a casa dele, apesar de localizada em meio a mansões, tinha uma decoração simples, e era até muito parecida com a dela mesma.

– Só essa mesa de bilhar no meio da sala que destoa. – ela comentou, divertida, para seu empresário.

André e Miguel também estavam ali, como se servissem de suporte para aquele primeiro contato. A empresária de Pietro, uma mulher de cabelos curtos e terninho de executiva, conduzia a conversa com os dois homens e sugeriu que deixassem os artistas mais à vontade.

Foi por isso que Nanda e Pietro foram para o estúdio. Sim, o rapaz tinha em casa um local com isolamento acústico para gravar os próprios álbuns. E para se divertir de vez em quando.

– Desculpa não ter um piano aqui. – ele foi dizendo – Mas tem um teclado. Será que serve?

Havia muitos instrumentos musicais ali. Especialmente uma variedade de guitarras.

– Claro que sim. Não se preocupe.

Ela encarou o rapaz de cabelos loiros e brinco na orelha. Pietro tinha vinte e três anos, mas parecia ter a maturidade emocional de um garoto de quinze.

– Eu estava nervoso pra hoje, sabia? – Pietro confidenciou, indo se sentar em uma cadeira giratória.

Àquela altura, Nanda já estava mais que derretida. Assim que cumprimentou oficialmente aquele rapaz de voz mansa – e percebeu que ele não era nada do que esperava –, despiu-se de qualquer preconceito que trazia consigo.

– É sério?

– Seríssimo. É que você é uma máquina de cantar e escrever, né? – ele encolheu o corpo, meio tímido – Quando a minha agente apareceu com a ideia de trabalharmos juntos, eu fiquei tenso.

Fernanda escutou aquilo e ficou comovida.

– Eu também estava tensa, sabia? É que você é o meu primeiro parceiro arranjado. – ela riu, querendo quebrar o gelo.

– Mesmo? – Pietro demonstrou surpresa – Eu só tenho parceiros arranjados.

Riram juntos.

– E aí, já quer começar? – Pietro parecia perdido, como se nunca tivesse feito algo assim na vida.

– Você que manda. Já teve alguma ideia? – Nanda questionou, distraída com o teclado.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça e pescou um papel do bolso. Estendeu-o até Fernanda e alargou o sorriso.

– Tem um cara que escreve umas coisas pra mim. Ele me enviou isso. – Pietro apontou – Veja se gosta.

Nanda conhecia muitos artistas que não compunham as próprias músicas, nem mesmo sabiam tocar um instrumento musical, e mesmo assim eram extremamente talentosos. Foi em respeito a isso – e por achar que Pietro era um deles – que ela não esboçou desgosto ao ler o material.

– O que achou?

– Posso ser bem sincera?

– Ai, meu Deus. Pode. – ele respirou fundo, de maneira teatral.

– Eu não gostei. – Nanda fez uma careta, como se sentisse dor física ao dizer aquilo – Essa letra é muito genérica. Parece que ele seguiu um roteiro clichê quando escreveu, e acho que isso não passa emoção às pessoas, sabe?

– Tá. – Pietro assentiu e tomou o papel das mãos dela.

Esse foi o momento em que Nanda pensou ter aborrecido o novo parceiro. Entretanto, abriu um sorriso enorme ao assisti-lo amassar o papel e jogar no lixo. Foi exatamente ali que Pietro ganhou sua admiração.

– Muito bem, Nanda Belmonte, vamos compor uma música avassaladora.

Que grata surpresa era Pietro.

Miguel estava mal humorado. A conversa entre André e a moça do terninho era interminável, e ele já estava perdendo a paciência. Ensaçou ir até a mesa de bilhar, mas foi interrompido pelo retorno de Fernanda. Muito feliz, muito animadinha, ela se despediu de todos e saiu da casa.

– Eu estou absolutamente encantada! – exclamou, jogando-se no banco do carona.

E Miguel nem mesmo teve tempo de retrucar. Antes que também entrasse no carro, foi interceptado por André. O empresário estava ansioso para saber o que Nanda tinha achado de Pietro, depois da reação negativa de dias atrás.

– Cadê? Como ela está?

– Absolutamente encantada. – informou Miguel e entrou no carro, batendo a porta.

Satisfeito com a resposta, André entrou em seu próprio veículo e foi para casa. Já podia prever o sucesso a caminho.

Já no carro de Nanda, o clima era completamente outro, já que ela não tirava os olhos do celular. Sorria feito boba para a tela e digitava algo freneticamente.

– Contando para as amigas que conheceu o príncipe? – a voz de Miguel a tirou do torpor.

– Não. Estou conversando com o próprio príncipe – seus olhos brilhavam de entusiasmo – Você acredita que Pietro fez questão de me dar o número pessoal dele?

– Claro que fez. Ele não é idiota.

Mas Fernanda não estava muito a fim de rebater. Continuou empolgada em seu aparelho, até que foi o de Miguel que começou a tocar. Quando viu quem estava ligando, ele suspirou profundamente, como quem está exausto, e encostou o carro.

– O que foi agora? – quando Nanda o ouviu falar assim, levou um susto. Seu segurança podia até ser distante, mas jamais tinha visto ele usar aquele tom grosseiro – Eu não acredito numa merda dessa, Murilo! De novo? Ah, e o que você quer que eu faça?

Ele ouviu a outra pessoa dizer mais alguma coisa e desligou sem dar resposta. Ficou um tempo parado, olhando o nada e depois girou a chave na ignição.

– Posso te ajudar em alguma coisa, Migs?

– Obrigado, Maria, mas não. – respondeu, agora mais contido.

– Tem certeza?
– Pensando bem... Podemos passar em um lugar antes de ir para a sua casa?

– Claro que sim. Sem problemas.
– É que eu vou precisar buscar minha sobrinha na escola. Se eu não for agora, ela vai ficar muito tempo esperando.

– Ai, que coisa linda! Você tem uma sobrinha? Por que nunca me contou? Você nunca me conta nada. Quantos anos ela tem? Eu espero que ela goste de mim.

– É sério que você tá preocupada se uma criança de sete anos vai gostar de você? – Miguel às vezes achava ela inacreditável.

Nanda apenas deu de ombros e o observou mudar de trajetória. Era a primeira pessoa ligada a Miguel que ela ia conhecer.

A escola primária ficava em um bairro residencial meio parado para os padrões do Rio de Janeiro. Tinha uma fachada muito colorida e o uniforme era simplesmente adorável. Só não mais adorável, é claro, do que o fato de Miguel sair do carro e correr para abraçar uma garotinha linda. Ela era extremamente parecida com o tio, por sinal, e carregava nos olhos o mesmíssimo tom de azul. A única característica que os diferenciava era que a menina tinha volumosos cabelos cacheados. Nanda achou que ela parecia uma boneca.

– Oi. – cumprimentou, com certa cautela, ao observar sua pequena acompanhante se ajeitar no banco de trás.

A menininha ficou por alguns segundos boquiaberta e depois olhou para Miguel. Não estava esperando conhecer uma celebridade ao meio dia de uma segunda-feira.

– Tio, eu tô nervosa.

E ele deu uma risada linda ao ouvir aquilo.

– Não precisa disso, meu amor. Você é gente boa, não é, Nanda?

A própria Nanda não sabia se respondia logo ou se desmaiava de emoção ao vê-lo tratar uma criança com tanto carinho. Sem contar que foi a primeira vez que ele a chamou de Nanda. Talvez fosse a última também.

– Claro que sim! – ela acordou para a vida e se virou de volta para a menina – Como é o seu nome?

– Maria Eduarda.

– Ah, então eu acho que precisamos ser melhores amigas do mundo! Porque eu também sou Maria.

– Eu sei. – a garotinha parecia abismada ainda – Ninguém na escola vai acreditar.

– Vai sim. Me passa seu celular, Miguel.

Ele fez o que lhe foi solicitado e viu Nanda tirar várias fotos com sua sobrinha. E levou um susto quando Maria Eduarda praticamente se jogou em cima dele e lhe disse algo no ouvido.

– Vamos deixar para outro dia, certo? – ele disse, em resposta ao pedido que tinha acabado de escutar.

A menininha voltou a seu lugar, nada satisfeita, e fez cara de choro. Foi o que bastou para Miguel quase derreter pelo retrovisor.

– Tá, tudo bem! Só não me faça mais essa cara, porque já conversamos que ela é injusta. – retrucou Miguel, depois olhou de relance para Fernanda – Duda quer saber se você gostaria de almoçar com a gente.

– Eu adoraria.

Nanda jamais pensou que conheceria a casa de Miguel Salazar, e certa vez chegou até a pensar que ele morava num calabouço. Localizado em um bairro próximo ao qual ela morava, o prédio tinha poucos andares, mas a arquitetura era linda e o zelador adorava plantar flores na portaria.

O apartamento de Miguel em si era mais ou menos o que Fernanda estava esperando. Paredes brancas, dois quartos, poucos móveis. O típico padrão de um homem solteiro. Mas a cozinha era um show à parte. Ela jamais imaginaria que Miguel pudesse ter tantos utensílios modernos ali. Pensava que os dotes culinários dele começavam e terminavam em um simples café matinal.

Ledo engano.

– Vocês ficam aí quietinhas. Eu já volto. – Miguel instruiu, acomodando as visitas na sala, depois sumiu.

– Já está menos assustada com a minha presença? – Nanda perguntou, cautelosa, assim que ficou sozinha com Duda.

– Tô. Era segredo, sabia? – a garotinha confidenciou, aos cochichos – Tio Miguel não contou pra ninguém da família que conhece você. Só pra mim. Mas eu não podia contar a ninguém da escola.

– Deve ter sido difícil guardar esse segredo, hein?

– Foi muito. – Duda confirmou, rindo.

As duas ficaram mais alguns bons minutos conversando. O papo ali chegou facilmente ao questionamento se Nanda conhecia ou não o elenco da novela *Carrossel*. Duda era fã e estava curiosa.

Mas a cantora foi salva bem a tempo por Miguel, que chamou as duas para a mesa. Caso contrário, teria que mentir para a criança e dizer que aquele ator mirim, que ela tanto amava, agora já era um adolescente e estava um porre.

– Acho que errei no molho. – lamentou Miguel, deixando um pedaço de lasanha no prato da sobrinha.

Parecia apreensivo por aprovação, e Nanda achou aquilo bonitinho. Porém, de fato, a comida estava maravilhosa. Melhor do que a de certo restaurante italiano caríssimo, no qual ela já pagou uma fortuna e nunca mais voltou.

– Tio, você e a Nanda são namorados? – Duda escolheu soltar esta pérola na hora da sobremesa.

Era óbvio que ninguém estava esperando aquilo.

– Maria Eduarda! – Miguel, visivelmente perturbado, tentou repreender.

Enquanto isso, Nanda quase se engasgava com o sorvete.

– Por que essa pergunta agora, Duda? – ela atçou, louca de vontade de rir.

– Porque ele gosta de você, ué! – revirou os olhinhos, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Miguel parecia uma estátua. Fernanda duvidava até mesmo que ele estivesse respirando.

– É mesmo? – ela apoiou o queixo na mão, muito interessada – E como é que você sabe?

– Ele disse. – Duda apontou para Miguel, tão inocente quanto uma criança de sete anos poderia ser. Ou nem tanto.

– Disse? – Nanda até mesmo se empertigou na cadeira ao ouvir aquilo.

– Uhum. – a garotinha confirmou com um gesto de cabeça – Ele me contou que você era linda e que parecia uma princesa. E que cheirava bem. E que...

– Duda, vamos lá na cozinha pegar mais sorvete? – Miguel a cortou, antes que a situação pudesse ficar pior.

– Quero não.

– Quer sim. Vamos lá. Agora.

Ele se levantou e foi carregando a menina pela mãozinha, até chegarem a um local apropriado.

– Você acabou comigo lá dentro, mocinha! – indignou-se Miguel, apontando na direção da sala.

– Mas o que foi que eu fiz? – ela perguntou, sem entender o motivo de tanto alvoroço.

– O que conversamos aquele dia era para ficar apenas entre nós. – às vezes ele se esquecia de que estava falando com uma criança – Você não pode sair por aí falando as coisas que eu penso da Maria Fernanda na frente dela!

– Por que não? – Duda franziu a testa, muito confusa – Ela ficou sorrindo quando eu contei. Todas as meninas adoram saber que alguém gosta delas.

– Você acha, é? – Miguel mudou completamente a expressão. Estava muito interessado agora.

– Acho. Vocês dois já se beijaram na boca?

E com aquela fatídica pergunta, arrastou a pequena criatura de volta à sala.

Miguel estava pálido. Ficou assim até o fim da sobremesa. Mas Nanda não estava sentindo pena, e não pretendia aliviar.

– Quer dizer que eu cheiro bem, né? – gracejou, quando estava os dois sozinhos na cozinha, secando os pratos.

– Eu acho bom o seu perfume de lavanda. Não tem nada de impressionante nesse comentário. – ele rebateu, na defensiva – Inclusive, eu acho várias outras pessoas e coisas cheirosas. Não significa nada.

– Tá certo. – Fernanda deu a conversa por encerrada, mas estava sorrindo por dentro – Migs, aquela pessoa no telefone era o pai da Duda, né?

– Sim, era o Murilo. Apesar de ele ser meu irmão mais velho, não tem nada de responsável, sabe, Maria? – relatou, pensativo – Não segura um emprego por muito tempo, não respeita as necessidades da Duda... Você acredita que sou eu que pago a escola dela?

– Isso é bem grave. – Nanda concluiu, abismada – Eu imagino que a mãe dela deva sofrer muito com isso.

– Sem dúvidas. Ela e o meu irmão nem chegaram a se casar. Brigavam muito quando namoravam, e piorou bastante agora, por causa da filha. Nenhum dos dois ganha um dinheiro legal, então eu faço o que posso pela minha sobrinha.

– Que bonito, Migs. Eu te acho muito bonzinho.

– Tá, só não fique repetindo isso por aí.

Conversaram mais um pouco – Nanda aproveitando a rara abertura para fazer mais perguntas sobre a vida pessoal dele – e, em dado momento, chegaram à conclusão de que era hora de ela voltar para casa. Precisava descansar sempre que possível, já que na sexta-feira tinha outra rodada de shows.

Miguel e Duda foram levar Fernanda em casa, e, como sempre, ele deixou o carro dela na garagem, pegando o dele próprio em seguida. Sempre o deixava estacionado na porta do prédio.

– Miguel? – Nanda chamou, após se despedir de Duda com um abraço apertado – Eu também acho que você cheira bem. E isso não significa nada. – depois piscou para ele, divertida, e entrou em casa.

8

– Eu pensei que aquele cara ia derrubar ela do palco! – comentou Júnior, o baterista.

Era tão calado que Miguel nem tinha memorizado a voz dele ainda, mas sempre que abria a boca, era para dizer algo aproveitável.

– E eu pensei que Miguel ia matar o cara! – Tati gargalhou.

Estavam todos dentro da van, indo para o local do próximo show. O assunto da vez era o que havia acontecido no espetáculo do dia anterior, quando um homem escalou o palco e agarrou Fernanda. Contudo, heroicamente, lá estava Miguel Salazar, mais rápido que o vento. Arrancou o cara de cima de Nanda num piscar de olhos, recebendo aplausos e gritos histéricos da plateia.

– Faltou pouco. – ele mesmo admitiu.

Encostada em seu ombro, Nanda dormia o trajeto inteiro. Já havia se tornado um costume que ela deitasse em seu colo ou encostasse nele para dormir sempre que tinha a oportunidade. Da primeira vez que Tati presenciou a cena, fez um escândalo de tanto rir, tirou uma foto, mostrou a todo mundo e perturbou Miguel por semanas. Mas agora já estavam todos acostumado.

Tanto que ninguém comentou nada quando ele tapou o ouvido Nanda com a mão, querendo bloquear o barulho que vinha do lado de fora. É que tinham chegado ao local do show, e toda vez que os fãs na fila avistavam uma van, gritavam feito loucos. Miguel não gostava que acordassem Fernanda.

– Cadê ele? Já foi? – inevitavelmente acordada, Nanda agora usava seu melhor tom conspiratório.

Perambulando pelos bastidores, ela trazia nas mãos um cupcake verde com uma velinha em cima. Tati veio atrás e a acendeu, olhando para todas as direções.

– Acho que entrou ali. – a baixista apontou para onde dava o camarim de Fernanda daquela noite.

Provavelmente ele tinha ido chamá-la.

Respirando fundo, Nanda entrou sozinha pela porta indicada, estendendo o minúsculo bolo e cantando um parabéns afinadíssimo. Miguel

ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça negativamente, mas não pareceu estar odiando. Até mesmo gargalhou um pouco da cantoria.

– Apaga a velinha! – instruiu Nanda, chegando perto dele.

– Como você descobriu que era meu aniversário? – Miguel questionou, mas obedeceu.

Assoprou a pequena vela e pegou o cupcake.

– Tenho muitos contatos. – os contatos eram mais conhecidos como Duda – Feliz aniversário, coisa linda da Nanda! – desejou e lhe deu um abraço apertado – Você é um presente.

– Você também é, Maria. – ele disse, num tom muito baixo, como se falasse apenas consigo mesmo.

– Tá chateado que eu te trouxe um cupcake? – ela desfez o abraço para estudar a expressão em seu rosto.

– Claro que não, Maria Fernanda. Agradeço, inclusive.

– Não ficou nem um pouquinho furioso? Tem certeza?

– Tenho, Maria Fernanda. – e revirou os olhos.

– Então ótimo. – Nanda sorriu, contemplativa, e se virou para a porta – Pode entrar, pessoal! Ele não quis me matar!

E então, mais de dez pessoas entraram no camarim. O bolo era tão grande que André e Júnior tiveram que carregá-lo juntos até a mesa. Tati e Ícaro usavam chapeuzinhos de aniversário e entregaram um a Nanda, que logo aderiu ao acessório. Vários integrantes da equipe de produção vieram dar tapinhas nas costas de Miguel e lhe desejar uma excelente vida.

Tinha feito amigos ali, mesmo sem ter a intenção. Olhava agora para aquele bando de gente desconexa reunida por causa dele, e se sentiu imensamente feliz. Alargou ainda mais o sorriso ao contemplar aquela mulher de vinte e cinco anos, com um chapeuzinho de aniversário que a deixava parecendo uma menininha. Sentiu que seus trinta recém-completos tinham lhe ensinado muito pouco.

Foi naquele mesmo clima festivo que o fim de semana voou. Animado com os acontecimentos passados, Miguel entrou no embalo das comemorações e decidiu convidar alguns amigos para seu apartamento naquela noite de segunda-feira. Estava exausto da maratona de shows dos dias anteriores, mas logo se esqueceu disso ao ver a casa cheia.

– Acredita em mim, pessoal, ela era alucinante! – dizia um rapaz de cabelos grandes, após entornar a sexta latinha de cerveja – Conta pra eles, Miguel!

Era o mesmo que estava aos beijos com uma moça na noite do Ano Novo e quase havia se afogado.

– Sim, ela era mesmo muito bonita. – o outro confirmou, aos risos.

– Não minta por ele, Miguel. A gente sabe que o Mauro é sem critério. – ironizou uma mulher linda de cabelos na altura dos ombros. Tinha cara de policial.

– Bom, ela só não era mais bonita do que você, Claudinha! Porque é bem impossível. – Mauro abriu um sorriso que julgava sedutor – Mas ela bem que parecia aquela atriz... Como é mesmo o nome dela? Ah, já sei! Clara Santini!

– Você pegou uma mulher parecida com a Clara Santini? – berrou outro homem que estava no canto da sala – Para de mentir, Maurinho!

Naquela hora, Miguel estava rindo por dentro. Se pelo menos alguém ali soubesse o quanto Clara era insuportável...

– Ei, anfitrião! Acabou a cerveja aqui! – alguém gritou em aviso.

Miguel assentiu e foi até a cozinha, pois precisava reabastecer seus convidados.

Naquele mesmo instante, Fernanda estava se achando a mais idiota das criaturas. Parada à porta da casa de seu segurança, trazia um embrulho nos braços. Encolheu-se um pouco ao ouvir o som de muitas vozes e risadas do lado de dentro e se sentiu constrangida. Por outro lado, já estava ali e não queria dar viagem perdida. Tocou a campainha.

Quis o destino e todas as outras forças do Universo que fosse Mauro a abrir a porta. Ele lançou um olhar bêbado para Nanda e deixou escapar um assovio alto.

– Galera, tem uma celebridade na porta do Salazar! – gritou, fazendo com que todos interrompessem as conversas paralelas e lhe dessem atenção.

Fernanda quis ser tragada para o centro da Terra no mesmo instante, pois vários pares de olhos agora a encaravam. Alguns sem esboçar qualquer traço de reconhecimento, mas a grande maioria estava impressionada. A mulher bonita – a quem todos chamavam de Claudinha – parecia em choque, e encarava Nanda com emoção.

– Maria! – Miguel veio correndo ao escutar a comoção de vozes. Empurrou Mauro dali e ofereceu um sorriso sem graça para a visitante – Oi. Você... Quer entrar? – e abriu um pouco de espaço entre ele e a porta.

Todos ainda assistiam à cena. Por isso ela fez que não com a

cabeça.

– Você pode vir aqui fora um minutinho? – Nanda estava vermelha de vergonha.

– Claro.

Miguel fechou a porta atrás de si, ouvindo os resmungos de dentro do apartamento, e caminhou com Fernanda até o corredor.

– Feliz aniversário de novo. – ela entregou o pacote nas mãos dele, sem mais delongas – Espero que goste e não reclame. Aceite, por favor. – emendou de uma vez, como se já esperasse os protestos.

Miguel riu daquele falatório, mas acabou abrindo o presente. Mal conseguiu acreditar que estava ganhando um box de filmes raríssimos. Nanda sabia muito bem que ele era apaixonado por cinema clássico, e as obras daquele diretor em específico eram muito difíceis de se encontrar.

– Maria... Isso é... É incrível! Eu...

– Que bom que gostou! – Fernanda parecia ter tirado um peso das costas – Você não sabe o quanto eu tô aliviada!

– Deve ter sido bem caro.

– Fica quietinho. Nem uma palavrinha sobre esse assunto.

E Miguel obedeceu, porque não parava de encarar o presente. Parecia uma criança com os olhos brilhando.

– Caramba! Acho que eu compraria uns duzentos desse só pra ver essa sua carinha de novo.

– Obrigado, Maria. – ele fez um breve afago no rosto dela – Eu nem consigo pôr em palavras o valor sentimental que isso tem pra mim.

– Ai, acho que vou explodir de felicidade! – Nanda levou as mãos ao peito – Eu amo gostar de você, Miguel.

Ele queria ser mais assim. Achava a coisa mais linda o modo com que ela olhava para as coisas.

– E eu queria ter esse seu desprendimento pra falar do que sinto.

Fernanda entendia aquele jeito dele. Não podia obrigar as pessoas a serem como ela, apesar de sentir falta de ouvir certas coisas. Foi por isso que foi se afastando em direção ao elevador.

– Bom, é melhor eu ir. Já estou meio atrasada.

– Vai se encontrar com ele? – Miguel não precisava deixar explícito quem era “ele”.

– É. A gente ainda tem alguns arranjos pra fazer na música.

– Entendo. – só não parecia muito contente – Obrigado mais uma

vez, Maria.

Ela sorriu em resposta e o assistiu caminhar de volta para o apartamento. Mas, de repente, Miguel voltou com tudo e parou quase em cima dela. Surpreendendo a Nanda e a si mesmo, deixou um beijo demorado no rosto dela e fez um carinho entre seus cabelos. Virou-se e entrou em casa do mesmo modo repentino.

A porta do elevador se abriu. Lá dentro estava um homem de terno e gravata, que parecia muito cansado de um dia exaustivo de trabalho. Só que Fernanda precisava desabafar com alguém, então disse.

– Moço, eu estou apaixonada.

Havia uma xícara de café em cima da mesa.

Foi a primeira coisa que ela notou ao acordar naquele dia. Além disso, depois que trocou de roupa e foi até a varanda cuidar de suas plantas, percebeu que todas elas já estavam molhadas. Miguel.

Ele tinha a chave do apartamento de Fernanda, para o caso de alguma emergência, mas jamais havia feito uso dela antes. Radiante, ela desceu até a academia do prédio, onde sabia que o encontraria.

– Você molhou as minhas plantinhas!

– Vai chorar por causa disso? – Miguel desdenhou, mas estava satisfeito com a felicidade dela.

– Obrigada, Migs.

– Não foi nada importante.

– Foi sim. Foi muito.

Sorriram um para o outro, e não teriam notado que estavam presos em uma bolha emocional, não fosse Renata chegar bem na hora. Atlético e disposta, como sempre, a *personal trainer* já apareceu fazendo barulho.

– Bom dia, bom dia! Hoje a gente vai arrasar, viu, Nanda?

– Como sempre, Renatinha! Não tem um dia que eu não me lembre de arrasar. – gracejou, criando coragem para iniciar a série de exercícios.

Caminhou, vacilante, até a esteira e, quando viu que não tinha mais como enrolar, subiu no aparelho e começou o tormento. Notou, entretanto, que Renata estava, de fato, arrasando, mas era com Miguel.

Os dois riam juntos o tempo inteiro, engatados num papo que parecia não ter fim. Isso tudo enquanto suavam loucamente de aparelho em aparelho. Nanda não sabia como eles tinham fôlego para falar. Mas sabia de algo essencial: não podia sentir raiva de Renata, nem mesmo do próprio Miguel. A moça, que era solteira, não tinha culpa nenhuma de se interessar por um homem igualmente solteiro e terrivelmente lindíssimo.

E o homem terrivelmente lindíssimo não era obrigado a corresponder aos sentimentos de Fernanda. Pronto.

Por isso aguentou calada – e sem esboçar desgosto – uma hora inteira de malhação e sorrisos. Teria a oportunidade perfeita para afogar as

mágoas mais tarde.

– Eu não tô conseguindo acompanhar essa conversa. – admitiu Tati, meio lerda.

É que o “mais tarde” tinha chegado, e agora Nanda recebia um pequeno grupo de amigos em seu apartamento. Alguns estavam no chão da sala, compondo uma rodinha de violão, duas pessoas se balançavam na rede da varanda enquanto tomava um vinho, e Tati, Clara e a anfitriã cochichavam num canto.

Era assim que Nanda se divertia. Preferia sempre convidar os amigos para sua casa, ou frequentar a casa de um dele, do que ir a festas de outros famosos. Isso a mantinha longe dos radares de fofoca, além de lhe poupar de preocupações com aparência impecável e roupas que não podiam se repetir em hipótese nenhuma.

Agora mesmo estava descalça.

– Vou resumir pra você, Tati. – Nanda tentou ajudar, dando um gole em sua taça de vinho tinto – Eu sou o Cirilo e o Miguel é a minha Maria Joaquina. Entendeu?

– Olha, mais ou menos. Eu acho que o Miguel gosta de você pra caramba. Poxa, ele faz o seu cafezinho todo dia, eu acho isso lindo, cara!

– Além disso, não é todo mundo que sai gritando aos quatro ventos seus interesses amorosos, né? – alfinetou Clara – E o Miguel é um cara muito profissional. Pode ser que ele esteja se segurando porque você é a patroa dele, Maria Fernanda, lembra!

– Eu sei, gente, eu já pensei nisso. Mas também não posso impedir os meus próprios sentimentos. – argumentou – Eu pensei em conversar com ele hoje, ser bem sincera. Só que aí teve o lance da Renatinha. Poxa, ele olhava pra ela com tanto carinho... Ele nunca olha pra mim desse jeito.

– Carinho eu não sei, mas tesão serve? – questionou Tati, com um riso safado – Porque eu sempre acho que ele vai arrancar sua roupa quando te ouve cantar.

– É que ela queria mais que isso, sabe? – Clara pontuou, sabiamente – Se eu bem conheço essa aí, ela tá esperando um romance de filme.

– Não custa sonhar. – Nanda encolheu os ombros, mas riu.

– Amiga, tenta não levar a mal o que eu vou te falar agora, mas... – recomeçou Tati, hesitante – Você não acha que te falta um pouquinho de amor próprio?

– Tá zoando, né? – guinchou Clara, quase cuspidando o vinho – Essa aí se ama e ama o mundo inteiro junto! É tanto amor que chega a ser irritante.

– Eu sei, mas não é exatamente sobre esse aspecto que eu falo. Nanda, sinceramente, eu acho que você se doa demais e nem sempre as pessoas merecem.

– Eu já pensei muito sobre isso. Na verdade, eu sempre penso. – confessou Nanda, encarando os próprios pés, depois voltou os olhos para a amiga – Eu gosto de ser assim, sabe, Tati? As pessoas escondem muito o que sentem. Eu gosto de falar e demonstrar que amo alguém. Tá na minha cara e na minha música. Mas eu entendi o que você quis dizer e acho que pode ter razão.

– É isso, amiga. Dá uma afastada, sabe? Não digo para destratar o Miguel, mas esse carinho todo sem reciprocidade tá te fazendo mal. Não é justo.

Aquela última frase a acompanhou durante o resto da noite. Ou quase todo o resto, porque lá para as onze horas, Nanda já tinha um teor preocupante de álcool no organismo. Tanto que Clara – que até o momento só resmungava, porque o marido tinha ido ao Pará gravar cenas de sua próxima novela – precisou tirá-la do chão, onde estava deitada, recitando poemas.

– Eu estraguei a vida do Eduardo Augusto! – lamentou Nanda, assim que conseguiu ficar de pé.

– Quem é Eduardo Augusto? – Clara fez uma careta, escorando a amiga com o próprio corpo.

– Um menino da minha escola. Quando a gente tinha uns doze anos, eu joguei uma borracha na cara dele. Todo mundo riu, Clara! – ela explicou, pegando o próprio celular – Eu preciso pedir desculpas.

– Você já não pediu desculpas na época?

– Não, amiga! Eu sou uma pessoa horrível! Cadê o número dele? Poxa, parece que eu não tenho. Já sei! Eduardo Augusto não é uma combinação de nomes muito comum. – falava, digitando algo desesperadamente em uma rede social – Aqui! Achei, Clarinha! Vou enviar uma mensagem.

– Dá aqui esse celular, Maria Fernanda! Você tá louca já.

Clara tentou tomar o aparelho da mão dela. Sem sucesso.

– Não estou conseguindo escrever direito. Vou mandar um áudio! – Fernanda teve a ideia, levando o celular direto à orelha, sem apertar botão

algun antes – Alô, Eduardo Augusto?

– Chega, né?

Clara finalmente conseguiu tomar o celular da amiga, desligando-o para jogá-lo em cima da estante de livros.

– Amiga, eu lembrei agora do Miguel! – Nanda confessou, do nada – Ele é tão bonito, né, amiga? Ele é lindo!

E caiu no choro.

– Você está chorando porque o Salazar é lindo? – Clara mal podia acreditar.

A outra fez que sim com a cabeça, e, repentinamente desolada, foi se encostar no canto da sala.

Miguel não deveria estar ali. Quando recebeu o convite de Fernanda mais cedo, nem mesmo cogitou a possibilidade de comparecer, já que ficaria deslocado em meio àqueles artistas alternativos. No entanto, encontrava-se à porta dela naquele exato momento, primeiro porque pensou melhor e ficou sem graça com tantos convites que já havia recusado. E depois porque tinha recebido uma mensagem de Nanda mais cedo, dizendo algo como: “Cirilo e eu precisamos de amor próprio. Boa noite”.

Será que ela estava consumindo drogas na festinha particular? Ele precisava conferir.

– Você foi convidado, por acaso? – Clara abriu a porta, olhando-o de cima a baixo.

– Educada, como sempre. – Miguel sorriu e se aproximou para lhe deixar um beijo no rosto – Boa noite, Clara. Onde está sua amiga?

– Ali no canto, completamente bêbada.

Aquilo certamente explicava a mensagem com erros de digitação e a falta de respostas.

– Essa eu quero ver.

Miguel entrou no apartamento e buscou Fernanda com os olhos. Após passar por alguns rapazes barbudos e moças simpáticas, ele a encontrou. Estava encolhida ao lado do sofá, conversando com o abajur que tinha nos braços.

– O que aconteceu? – ele subiu os olhos interrogativos até Clara. Só agora notou que ela tinha sardas.

– Ela fica melancólica quando bebe.

Ah, claro. Os extremos.

Sem muitas delongas, Miguel se aproximou cautelosamente de Nanda, decidido a iniciar um diálogo. Quando o viu, ela largou o abajur, mas não parecia envergonhada.

– Oi.

– Eu preciso recuperar meu celular. – ela disse, repentinamente furiosa, e se levantou de uma só vez – Ele foi roubado. – lançou um olhar acusatório para Clara e depois se voltou para Miguel – Você me ajuda?

– Claro que ajudo, mas antes vamos dar uma passadinha ali.

Ele a rebocou até a cozinha, onde encheu uma generosa garrafa de água e a depositou nas mãos vacilantes de sua protegida.

– Bebe essa garrafa inteira, tá bom? Vai ajudar com a ressaca de amanhã, se é que tem como reverter isso aí que você fez...

Nanda já ia concordar, mas pareceu ouvir alguma coisa e jogou de volta o recipiente para Miguel.

– Lembrei de uma coisa!

E sem explicar nada, correu para o quarto.

Mesmo com todo aquele tempo, era a primeira vez que Miguel colocava os pés ali. Não se surpreendeu ao se deparar com um cômodo sem muitas firulas. Tinha apenas uma enorme cama de casal e muitas fotos penduradas na parede. Além de uma escrivaninha com muitos post-its coloridos rabiscados por toda parte.

– Maria, eu acho que...

– Shhh! – ela pressionou o indicador contra os lábios, exigindo silêncio – Miguel, os aliens!

– O quê? – ele gargalhou, olhando em volta.

Obviamente, não havia nada de anormal ali. Mas Nanda caiu sentada na cama, observando-o fazer o mesmo. Assim que ficaram de frente um para o outro, ela inclinou a cabeça, extremamente pensativa. Segundos depois, arregalou os olhos, como se tivesse feito uma descoberta grandiosa.

– Acabei de ter uma ideia genial! – muito animada, ela fez que ia se levantar, mas foi puxada de volta.

– Ei, você não vai a lugar nenhum, não.

– Mas eu preciso ir pro piano, porque eu tenho que compor uma música *agora*!

– Amanhã você faz isso.

– É sobre seus olhos. A música. – Nanda confessou, incapaz de

conter a própria boca.

– Ah, é? – e Miguel ergueu as sobrancelhas, com um sorriso convencido nos lábios.

– Droga! Agora vai ter que ser sobre o seu sorriso também.

Ao ouvir aquilo, ele ficou sério.

– Você quase nunca sorri pra mim. – ela lamentou, esticando os cantos da boca dele com os dedos.

Depois deixou que as mãos caíssem sobre o colo e suspirou, com pesar. Sem qualquer aviso, arrastou-se e foi para do outro lado da cama, deitando-se de costas para seu convidado de honra.

– Não pode dormir sem beber água, Maria. – argumentou Miguel, rodeando a cama para ficar de pé, diante dela – Acredite, você vai me agradecer amanhã! Come um chocolate antes, pelo menos.

Mas Fernanda já estava de olhos fechados.

Derrotado, mas não convencido, Miguel voltou para a sala, onde encontrou apenas Clara – carrancuda, como sempre – recolhendo pratos e taças do chão e da mesa. Ficou surpreso, pois podia apostar alto que ela não era dada a tarefas domésticas.

– Ué, cadê o resto do pessoal de Woodstock?

– Engraçadíssimo. – a loira ironizou – Já foram. Quando a anfitriã fica mal, a gente encerra.

– Vai dar um banho na sua amiga, vai.

– Mas de jeito nenhum! – Clara mostrou-se ultrajada com a simples hipótese.

– Prefere que eu faça no seu lugar?

– Você tá doido pra eu dizer que sim, né? – ela apertou os olhos, desconfiada, depois meio que grunhiu – Tá bom, eu já tô indo.

Largou os utensílios de qualquer jeito na pia da cozinha e foi marchando de má vontade em direção ao quarto de Nanda. Surpreendeu-se com a voz de Miguel ao longe.

– Bem que a música que ela fez pra você estava certa. “Clara é noite sem dormir”. – parafraseou, referindo-se à falta de humor constante da moça.

– É, mas ela também diz que “Clara é afago quando não se espera”. E, naquela noite, ela foi.

Tanto que nem estava mais com uma expressão de ódio ao voltar para a sala. Amenizou ainda mais o tom arrogante habitual quando percebeu

que Miguel tinha lavado *todos* os pratos.

– Pronto. Cantora devidamente ajeitada. – ela anunciou, como se fosse um mártir por cumprir tal missão – Só vou terminar de arrumar a casa e vou embora. Você vem?

– Daqui a pouco.

Ele fez um aceno breve para Clara e voltou ao quarto de Fernanda. Queria conferir se estava tudo bem.

Ela estava sentada no meio da cama, com as costas na cabeceira. Tinha um coque meio frouxo no cabelo e o olhar perdido na calça do pijama. Aparentemente, estava vendo algo de muito triste nos arco-íris estampados ali.

Foi por isso que ergueu o rosto e fez cara de decepcionada ao ver Miguel se sentar a seu lado.

– Eu tô bem triste agora. – despejou, muito séria.

– É mesmo? E por quê?

Nanda deu de ombros, repentinamente esquecida do motivo de tamanha melancolia. Quando notou, já estava com a cabeça no ombro de Miguel. Levou uma das mãos até o peito dele e a deixou ali, sentindo aquele coração bater sob sua palma.

– Que lindo. – comentou, com a voz arrastada. O olhar vago.

Miguel nada disse. Apenas repousou a mão em cima da dela e a manteve presa ali. Sem qualquer controle, o coração acelerou, descompassado. Quando Fernanda percebeu a mudança, em um raciocínio bêbado, não conseguiu ficar quieta.

– Caramba! Isso tudo é você?

Ele se limitou a balançar a cabeça negativamente, por um instante. Só depois disse:

– É você, Maria.

Muitos dias se passaram até que *Retrato* finalmente estivesse pronta. Entretanto, o dueto interpretado por Pietro e Nanda Belmonte apenas seria divulgado ao mundo quando a gravação do videoclipe estivesse finalizada. E era justamente por isso que, após uma manhã inteira gravando cenas em um apart-hotel, agora estavam os dois a caminho de uma praia, para filmar as que restavam.

– Meu cabelo tá legal? Minha cara tá suja? – Nanda parou na frente de Miguel e André.

Era uma das poucas vezes em que não fazia a própria maquiagem e cabelo. Ficou preocupada que os profissionais do set tivessem exagerado.

– Você está ótima! – garantiu André. O vento praiano bagunçando seu penteado.

– Miguel...?

– Eu estou ótimo também.

– É sério! – ela suplicou, atordoada. Tinha um medo muito grande de parecer artificial ao público.

– Melhor se virar. Aí vem o seu príncipe. – anunciou Miguel, olhando por cima do ombro dela.

Pietro estava atrasado para aquela segunda etapa das gravações. E devia ser por isso que Joana Borges, a diretora, estava o fuzilando inteiro com o olhar.

– Eu podia jurar que estava dentro do horário. – comentou Pietro a Nanda, assustadíssimo.

– Atrasou menos de cinco minutos. Acho que ela é doida. – Nanda disse, olhando de relance para o pivô da conversa.

– Tá. Antes que a gente inicie os trabalhos, eu tenho uma coisa pra você. – ele sorriu, estendendo um buquê de flores à parceira.

– Ai, meu Deus, que coisa mais linda, Pietro! – Fernanda aceitou o presente, com os olhos brilhando.

– Isso não é nada diante do que eu te devo. Nunca pensei que fosse capaz de escrever algo tão lindo quanto *Retrato*. Eu não teria conseguido sem você.

– Que nada. Agora você já sabe que é capaz de compor um monte de coisa boa.

E ela estava sendo absurdamente sincera. Devia confessar que tinha ficado surpresa no dia em que Pietro foi encontrá-la em um restaurante, apreensivo. Suas mãos tremiam quando entregou a ela um bloquinho de notas cheio de rabiscos. Foi ali que nasceu *Retrato*. Tão bonita que Nanda mal precisou fazer ajustes.

– Dois minutos! – Joana berrou através de seu megafone.

Intimidados o bastante, Nanda e Pietro correram até suas posições e deram início a uma sequência de cenas tocantes. Passeio de bicicleta na ciclovia, caminhada de mãos dadas na beira da praia, risinhos apaixonados embaixo de um coqueiro...

– Agora só falta o beijo. – Joana murmurou para si mesma, riscando algo em sua prancheta.

– Quem teve essa ideia desnecessária? – retrucou Miguel, para ninguém em particular.

– A diretora, ué! – alguém esclareceu e passou correndo para o outro lado da praia.

– Tudo bem aí, cara? – André apareceu ao lado de Miguel, dando-lhe um tapinha nas costas.

– Nem me venha com gracinhas, André. Hoje eu tô movido pela força do ódio.

E saiu indignado, levantando um pouco de areia atrás de si.

Quase esbarrou em Fernanda, que vinha pela direção oposta, toda saltitante. Girava entre os dedos uma florzinha do buquê que ganhou mais cedo. Ao notar que era ela, Miguel a puxou para a sombra e se inclinou em sua direção.

– Quer sair daqui?

– Por que estamos cochichando? – ela perguntou no mesmo tom, achando aquilo tudo muito divertido.

Após o fatídico dia da bebedeira, veio seguindo o conselho de Tati. Continuava a tratar Miguel bem, e nem cogitava parar com os apelidinhos, mas deixou a mania de abraçá-lo. Nem mesmo se lembrava de última vez que o havia tocado. Era terrível, excruciante, porém necessário. Só não sabia que ele se sentia da mesma maneira.

– Eu não sabia que você gostava de ganhar flor assim. – Miguel abaixou os olhos até as mãos de Nanda – Como tem tanta planta em casa,

achei que preferisse vê-las vivas.

– Eu meio que prefiro. – confessou, baixinho – Mas a intenção foi bonitinha.

– Esse cara é meio pedante. Você não acha, não?

– Ah, eu não. – Fernanda foi enfática, mas não podia deixar de reparar na expressão atormentada de Miguel – Tá tudo bem, Migs?

– Por que todo mundo resolveu me perguntar isso hoje?

– Sei lá, tá esquisito. – analisou o rosto dele uma vez mais. Por fim, desistiu – Bom, deixa eu ir lá, agora é a cena do beijo. – murmurou, apreensiva.

Miguel a puxou de leve pelo braço, fazendo-a parar de frente para ele mais uma vez. Fazia tempo que não ficava tão perto dela assim, e sentia falta. Desde o dia em que haviam compartilhado um clima bêbado de romance naquele quarto, vinham se distanciando de forma constrangedora.

– Ei, volta aqui. – ele segurou Fernanda no lugar, depois recolheu a mão – Já parou pra pensar que seu pai pode ficar incomodado com essa tal cena?

– Quem, o *meu pai*? Você só pode estar brincando, né, coisa linda?

Agora Nanda gargalhava daquela possibilidade absurda. Não conhecia ninguém mais boa praça que Humberto. Nem Miguel.

– Eu estou falando bem sério. Sabe, essas pessoas que parecem tranquilas são as mais ciumentas. – ele tentou consertar, sem sucesso.

– Se esse for o caso do “meu pai”, ele vai ter que superar. – ela fez questão de gesticular as aspas – Afinal de contas, eu sou adulta, independente e tomo as minhas próprias decisões.

– Você está certa. – e aquela era uma verdade incontestável – Só... Eu... Ah, deixa pra lá. – Miguel respirou fundo, imensamente frustrado.

– Miguel. – Fernanda assumiu uma expressão séria, muito atípica dela – Fale. – exigiu, por fim.

– Eu não quero falar nada. – esbravejou – Mas qual é a necessidade desse beijo? Qual é a necessidade desse grude? Qual é a necessidade desse clipe, para início de conversa? – ele balançou a cabeça negativamente – Tá calor, Maria Fernanda. Vai tomar um banho de mar. Pega aqui a chave do carro e vai visitar aquela sua amiga de Niterói. Vai fazer qualquer outra coisa, ninguém quer ver esse beijo estúpido.

Definitivamente, ela não estava esperando aquela tagarelice toda da parte dele. Muito surpresa, deu um passo para trás e sorriu. Depois riu até a

barriga doer. Observando a crise dela, Miguel quase teve uma síncope.

– Você fica lindo com ciúmes. – Nanda constatou, enxugando as lágrimas que lhe vieram, ainda entre risos.

– Que ciúme, Maria Fernanda?

Mas ela não ficou para ouvir as lamúrias.

O fim das gravações correu às mil maravilhas, e a tão temida cena final nem foi tão constrangedora assim. Pietro era muito mais gentil e descontraído do que Nanda pensava, e ela nem mesmo chegou a se sentir desconfortável. Terminou tão rápido que ela se sentia a mais leve das criaturas quando foi embora.

Miguel estava à sua espera, encostado no carro. Tinha os braços cruzados e o olhar fixo em algo além da praia, mas não parecia chateado. Estava mesmo contemplativo.

– Já acabamos. – Nanda falou o óbvio, assim que se aproximou.

Ao vê-la, Miguel descruzou os braços e a encarou com uma expressão constrangida.

– Desculpa.

Ela não estava esperando exatamente por aquilo, então apenas o encarou de volta. Não sabia como agir diante do Miguel que ele estava sendo hoje.

– Eu acordei de mau humor e acabei descontando em você. – começou – O trabalho de vocês dois ficou muito bonito e tenho certeza de que vai enlouquecer a internet.

– Obrigada. E sobre o que você me falou mais cedo, tá tudo bem. – Fernanda deu de ombros e foi entrando no carro.

Mas as mãos de Miguel a impediram. Para quem só a tocava espontaneamente em casos de emergência, ele até que estava bem caloroso.

– Estamos bem mesmo?

– Claro.

Não estavam.

Quem estava – como sempre – de muito bom humor era Humberto. Organizou um jantar luxuoso em sua casa naquele mesmo dia para Pietro. E assim que Nanda chegou ao local, precisou rir de Érica, que estava esbaforida, ditando regras ao casal de cozinheiros que contrataram para a noite.

– Está tudo errado!

– Relaxa, Érica. Pietro nem liga pra essas coisas. – garantiu

Fernanda – Qualquer cor de toalha serve.

Não muito convencida, porém exausta, Érica finalmente parou para descansar e foi se produzir. Quando desceu as escadas, quase duas horas depois, estava com um vestido de onça e botas até os joelhos.

– Acho que essa é a casa mais bonita que eu já vi. – despejou Pietro, quando já estavam no prato principal.

Érica quase desmaiou de emoção. Marquinhos quase desmaiou de tédio.

– Você gosta? Construímos do zero. – gabou-se Humberto – Sinta-se à vontade para visitar quando quiser. Aproveite e traga a Fefê, porque ela não me visita muito.

– É culpa da agenda, pai.

– Ah, disso eu entendo bastante. – Pietro olhou para ela, solidário – Foi uma luta conciliar nossos compromissos para trabalhar na música, não foi?

– Eu imagino, amado! – quem respondeu foi Érica – Ah, Pietro, você sabia que eu tenho uma sobrinha que se formou em Fisioterapia recentemente? Ela entrou para receber o diploma com uma música sua.

– Verdade? Que incrível, Érica! – o cantor se preocupou em parecer interessado, apesar de todos ali saberem que seus sucessos não eram novidade nenhuma nas formaturas ou em qualquer outra festa do país – Dê a ela meus parabéns.

– Vou subir. – anunciou Marquinhos, de má vontade. Era a primeira vez que falava em todo o jantar.

– Espere a sobremesa, filho. – Érica lançou um olhar mortal ao adolescente.

Para quebrar o clima desconfortável, Humberto propôs um brinde. Todos ergueram suas taças – Marquinhos, coagido, ergueu seu copo de refrigerante – e comemoraram a parceria de sucesso.

A conversa se estendeu tanto pela noite que Pietro acabou fazendo uso do quarto de hóspedes. Tudo porque no dia seguinte teria mais festa: um churrasco à beira da piscina, para o qual Humberto tinha feito questão de convidar os amigos da filha. Miguel, inclusive.

Ele mal chegou à casa de vidro e já estava decepcionado consigo mesmo. Nem podia acreditar que estava marcando presença em um churrasco de ricos e famosos só para ver Maria Fernanda, a quem já costumava ver o tempo inteiro. E precisou se segurar para não ir embora quando viu Pietro só

de bermuda, cercando a nova amiga numa conversa cheia de risos.

Além disso, Fernanda usava um biquíni verde que fez Miguel ter pensamentos antiéticos, por isso mesmo respirou fundo e tentou desviar os pensamentos.

– Vem cá, moleque. – ele puxou Marquinhos discretamente, ao vê-lo passar, carrancudo, em sua frente – Esse cara dormiu aqui, foi?

– Claro que dormiu. Você sabe como o Humberto é bobo. – Marquinhos suspirou pesadamente – Cinco minutinhos de prosa e ele já estava todo coração aberto, “porque os amigos da Fefê são muito bem-vindos aqui em casa, e já está tarde. Espero que goste do nosso quarto de hóspedes!”. – imitou.

Fez uma careta de desgosto para enfatizar o relato e foi acompanhado por Miguel.

– Sei como é. – o homem coçou a barba, sem tirar os olhos de Nanda e Pietro mais adiante.

– Devastação... – o adolescente parecia arrasado – O que vamos fazer para separá-los?

– Nada.

Por mais que a situação lhe incomodasse, Miguel não era nenhum moleque que armava planos para separar casais. Fernanda podia se relacionar com quem bem entendesse.

– Tá maluco, grandão? É só unir meu cérebro e seus músculos. Juntos somos imbatíveis!

– Essa dupla jamais vai acontecer, pirralho. Esqueça.

Ao ouvir a recusa de Miguel, Marquinhos balançou a cabeça negativamente e lamentou, contemplando agora o loiro famoso pôr as mãos no cabelo de sua deusa.

– Se eles transarem, eu morro.

Normalmente, Miguel ria daquele comentário. Mas pensou que talvez também morresse e ficou quieto.

Foi naquele mesmo instante que o casal sensação das novelas brasileiras se fez presente. Caíque foi o primeiro a ir cumprimentar Miguel, já que tinham se tornado bons amigos, após se encontrarem em tantos eventos.

– Cara, quando eu entrei, pensei que estava vendo errado! – riu o ator – Que milagre você nas festinhas pessoais da Nanda! – não satisfeito, virou-se para a esposa – Viu quem tá aqui, amor?

– Vi e não me surpreendo. – azeda, como sempre, Clara empinou o

nariz, mas foi cumprimentar Miguel.

Mal terminou sua cota de educação do dia, viu Marquinhos pular em sua frente, encarando-a de cima a baixo.

– Olá, gostosa número dois!

– Vou te arrebentar esses dentes, moleque escroto! – gritou Clara, e foi correr atrás do menino.

– Eu não sei como ele tem essa coragem... – refletiu Caíque, com a tranquilidade de quem jamais precisou entrar numa briga para defender a esposa. A própria Clara era letal o suficiente.

E Miguel finalmente começou a se divertir. Fosse porque adorou ver Clara dar uns cascudos em Marquinhos, fosse porque sempre tinha bons assuntos com Caíque. Quando se deu conta, já estava até socializando com os amigos de Humberto.

– Esgotou a pilha do seu lado simpático? – gracejou Nanda, um pouco mais tarde, ao contemplar Miguel dentro da casa, sozinho.

Estava de pé, contemplando algumas obras de arte penduradas na parede, e celebrou internamente o fato de ver Fernanda já vestida. Não aguentava nem mais um segundo daquele biquíni.

– E você? Esgotou a paciência com o seu príncipe?

– Só vou fazer uma pausa.

Miguel ouviu aquilo e foi se sentar no sofá. Tinha que pensar em algo a dizer, antes que ela subisse as escadas.

– Você quer dormir, não é? – ele deduziu pela cara de sono, e abriu um dos braços no encosto do sofá, esperando que Nanda fosse se encaixar ali – Vem.

– Acho melhor eu dormir no quarto. – ela se esquivou do convite.

Assim já era demais para ele. Pôs-se de pé e diminuiu a distância entre os dois, consternado.

– Para com isso, Maria. Você sabe que eu sinto sauda... que eu sinto *um pouco de falta* das suas demonstrações de afeto.

– Eu só quero respeitar o seu espaço pessoal. – Nanda disse. Perdeu a conta de quantas vezes tinha ensaiado aquilo em sua cabeça.

– Que história é essa? Desde quando isso existe entre a gente? – Miguel chegou ainda mais perto, contrariando tudo o que ouvia dela.

– Não existe isso entre a gente porque eu fico te tocando toda hora. Percebi que não é legal da minha parte.

– Eu não estou reclamando, estou?

– Então vai me dizer que gosta e que tá tudo bem? – Nanda abusou do tom irônico.

Nem mesmo ela entendeu de onde surgiu aquilo, mas era bom saber que conseguia ser algo diferente de boazinha.

– Não desgosto.

– Certo.

Cansada das meias palavras e coisas não ditas de Miguel, Fernanda ganhou as escadas numa velocidade ímpar. Lá de baixo, ele a assistiu se distanciar. Não fazia ideia do que poderia estar acontecendo.

– Vocês brigaram, Miguel? – questionou uma voz masculina.

Abandonando os convidados na área externa, Humberto entrou na casa pouco depois da filha. Tinha ido buscar um abridor de garrafas na cozinha, mas achou curiosa a cena protagonizada entre aqueles dois, que tomaram rumos opostos. Geralmente, acontecia o contrário.

– Não, senhor. – Miguel respondeu a pergunta, meio incerto.

– Ela gosta muito de você.

– Humberto, eu...

– E você gosta muito dela também. – ele despejou, quase rindo de tão evidente que achava – Eu acredito que são um casal formidável, e não aceito menos que três netos, hein?

Sem qualquer aviso, Humberto deu um tapinha no ombro de Miguel, como se soubesse de todos os segredos que regem o Universo.

– Tem algo de muito errado nessa família. – resmungou Miguel, ao contemplar o toque inesperado.

– Ou de muito certo, né? Sabia que eu pedi Érica em casamento no dia em que nos conhecemos?

– Horripilante. Ela aceitou?

– Claro que não. – Humberto deu uma risadinha cúmplice – Só viemos ficar juntos anos depois.

– Por que estamos falando sobre o histórico de desespero da sua família?

– Nós somos assim, Miguel. Intensos. – Humberto olhou de relance para as escadas – Você até começou a sentir falta.

Aquela era uma verdade desesperadora.

A chegada do Carnaval foi muito celebrada por Nanda Belmonte. Tudo porque havia sido contratada para fazer um pequeno show no melhor camarote das festas de Salvador. Amava se apresentar em qualquer parte do Nordeste, mas tinha um apreço muito especial pela Bahia. Não à toa possuía alguns imóveis por lá.

Quem também ficou feliz com a novidade foi Humberto, apesar de não ter o costume de acompanhar a filha em turnês. Tinha muito trabalho a fazer, cuidando de todas as transações financeiras por trás do nome da cantora. Às vezes sentia saudades de quando era apenas um microempresário do ramo imobiliário. Agora a diretoria de seus negócios pessoais ficava a cargo de Érica, que era muito mais do que uma socialite em eventos fúteis.

– É sério que ela trabalha? – Tati nem disfarçou a surpresa.

Estavam de fofoca no jatinho. Nanda tinha dado um jeito para que voassem de madrugada até a capital baiana, assim ela não chegava em cima da hora do show e poderia aproveitar o dia inteiro de verão no hotel.

– Seríssimo. – confidenciou André, olhando de relance para conferir se Fernanda ainda cochilava na última poltrona – Dizem que os lucros da empresa triplicaram depois que ela pegou o lugar do Humberto na diretoria.

– Difícil de acreditar. – refletiu Miguel – Ela parece meio atrapalhada, não?

– Só parece. – o outro meneou a cabeça – Não queira vê-la discutindo negócios.

Naquele instante, Nanda se mexeu em seu assento e a conversa cessou. André sabia o quanto ela estimava a madrastra e talvez não fosse gostar da maneira com que falavam dela.

Às três da manhã desembarcaram em Salvador, e uma Fernanda muito animada se acomodou em seu quarto de hotel, apesar de não pretender dormir muito. Era um milagre para seus padrões, já que sempre aproveitar qualquer – qualquer *mesmo* – oportunidade para

deitar e dormir, mas estava ali decidida a aproveitar o máximo da viagem.

Oito da manhã e já tinha tomado café há muito tempo. Foi saindo do restaurante, pronta para ler alguma coisa na área de lazer, quando esbarrou em Miguel e André.

– Bom dia! – ela desejou, animada, e foi saindo.

– Você viu isso? – questionou Miguel, amargurado, enquanto assistia Fernanda se afastar.

– O quê? – André não entendeu, meio aéreo.

– Foi embora e nem me deu um abraço.

– Ah, isso. Melhor assim, né? Acho que ela finalmente percebeu que você não gosta de contato físico.

Miguel escolheu não refutar aquela informação e saiu marchando para a mesa. Ali encontrou Tati, Ícaro e Júnior, que se esbaldavam com a variedade de frutas que o hotel proporcionava.

– Que foi, Miguelzinho? – Tati fez bico, como se falasse com um bebê – Tá com cara de cachorro que caiu da mudança.

– Ele está triste porque Nanda não dá mais abraço nele. – explicou André, jogando cubos e mais cubos de açúcar em seu chá.

Todos esperavam que Miguel rebatesse, ou ao menos resmungasse algo ininteligível, como era de costume, mas nada daquilo veio. O homem apenas suspirou, exausto, e prendeu os olhos claros na baixista da banda.

– Você sabe o que eu fiz de errado, Tati?

– Vou descobrir pra você.

Tati nunca terminou uma refeição tão rápido quanto naquele dia. Ainda mastigava um morango quando correu para a parte externa do hotel. Encontrou Nanda com um livro em mãos, sentada em um dos banquinhos do jardim ao lado da piscina.

– Você precisa abortar a missão! – exclamou Tati, ofegante, e foi se sentar ao lado da amiga.

– Que missão, doida? – Nanda fechou o livro com ar de riso.

– Eu sei que foi ideia minha, mas já estou arrependida. Tadinho dele, amiga!

– Você está falando do Miguel. – não era uma pergunta – Eu não posso “abortar a missão”, Tati. Insistir em reciprocidade estava me fazendo mal.

– Mas já parou pra pensar que pode ter sido recíproco desde sempre? Acho que ele só não sabe se expressar.

– Vai precisar aprender.

– Quem é você e o que fez com a Nanda fofinha? – provocou Tati.

Quando ouviu aquilo, Fernanda desabou. Suspirou longamente e desfez a pose de inatingível que passou tanto tempo treinando.

– Ai, Tati, eu tô com tanta saudade dele!

– Eu sabia! Mulher, não perca tempo. Nunca pensei que fosse ver o Miguel expressando sentimentos, e hoje ele nem disfarçou a tristeza. – contou – Eu tô de coração partido.

– Eu sei, amiga, mas entenda o meu lado. – Nanda estava pronta para argumentar – Como eu vou investir em alguém que não diz o que sente? Eu sei que cada um tem seu jeito de demonstrar, e lá da maneira estranha do Miguel, ele gosta de mim. Só que eu não posso ficar correndo infinitamente atrás dele e esperar que um dia, talvez, quem sabe, milagrosamente ele decida dizer como se sente. Tati, eu mereço um cara que não tenha vergonha ou medo de dizer que me ama. Eu mereço alguém que faça questão de mim.

– Tá bom, eu sempre soube que você era uma fada sensata, mas chegamos a um novo nível aqui. – a outra disse, impressionada – Não vou falar mais nada, viu? Deixemos a magia carnavalesca pairar sobre vocês.

E a tal magia carnavalesca de Tati pairou. Só não foi exatamente da maneira que ela esperava, pois Miguel e Nanda mal se falaram durante a noite. O camarote no qual ela se apresentou era o mesmo que havia contratado a presença vip de Caíque e Clara, por um cachê astronômico. Nada surpreendente para um lugar que cobrava ao público mil reais por noite.

O próprio ambiente já era uma festa. Lá dentro tinha até salão de beleza, palcos alternativos e quiosques de restaurantes famosos. Tudo isso em um camarote. Além, é claro, de uma vista privilegiada para todo o circuito de trios elétricos que passavam pela avenida.

O show de Nanda atraiu um público tranquilo, como sempre, composto por casais em sua maioria. Assim que ela terminou de se apresentar, toda sua equipe se dispersou, sendo André o primeiro a puxar a fila. Foi embora para o hotel bem cedo, alegando que precisava

ver seus filhos bebês em uma chamada de vídeo com a esposa. Já tinha feito aquilo pelo menos duas vezes naquele mesmo dia, mas ninguém questionou.

Miguel, o pessoal da banda e alguns outros membros da produção aproveitaram o passe livre naquele camarote luxuoso, pelo qual jamais pagariam em outra oportunidade, e foram perambular. Fernanda também ficou solta, cumprimentando alguns famosos que conhecia e fugindo de fotógrafos.

– Posso saber seu nome? – um rapaz muito alto e magro surgiu na frente dela.

Se a reconheceu, disfarçou muito bem. Não apresentou qualquer traço de torpor ou euforia que a maioria deixava transparecer quando dava de cara com uma cantora famosa.

– Fernanda. – ela disse, simplesmente.

– Oi, Fernanda. Você tem cara de psicóloga.

– Eu sou astróloga.

Nanda pensou por um instante e resolveu levar a situação adiante. O cara não apresentava sinais de estar bêbado, o que já era um ponto a favor, e fazia tempos que não desenvolvia uma conversa boba com alguém.

– Ah, que bom, então vai me tirar uma dúvida! Você acha que a minha falta de criatividade para puxar assunto com mulheres bonitas pode ser explicado pelo meu mapa astral?

Fernanda riu. Se Miguel estivesse ouvindo aquilo, certamente reviraria os olhos diante de tamanha idiotice. E lá estava ela, pensando nele de novo. Obrigou-se a afastá-lo da mente e passou a dar total atenção ao homem diante de si, que logo descobriu que se chamava Lucas e gostava de sopa. Além disso, o psicólogo era ele.

– Ué, cadê a Nanda? – perguntou Clara, assim que encontrou Miguel.

Estava grudada em Caíque, e era impressionante o quanto mudava de postura quando estava perto dele. Miguel jamais a viu tão carinhosa e tranquila.

– Eu não faço a mínima ideia. – respondeu, visivelmente mal humorado.

– Ih, o que foi que houve? – Caíque o encarou, desconfiado – Brigaram?

– Não. – aquela ia ser sua única resposta, mas não conseguiu se conter – Eu só acho engraçado que ela é toda sentimental, fica falando de conexões da alma, mas já saiu pra lá com um cara que nunca nem tinha visto. Só espero que ela não me venha choramingar depois!

– Acho que ela não vai fazer isso, não. – discordou Clara, debochada – O menino parece ser bem o tipo dela. Olha! – e apontou para algum lugar mais adiante, onde tinha avistado a amiga.

Miguel não olhou no primeiro momento. Segundos depois, mudou de ideia e fuzilou com os olhos o ponto em que Clara havia lhe indicado. Nem conseguiu pôr em palavras o desgosto que foi vê-la beijando aquele homem. Sentiu raiva acompanhada de um aperto no peito que talvez significasse... angústia? Não sabia muito bem. Quando recobrou a consciência das próprias pernas, notou que elas o levavam até o exato local em que estava Maria Fernanda. Para seu agrado, pelo menos ela tinha dado uma pausa nos beijos.

– Oi, já estamos indo embora. – anunciou num tom robótico.

Nanda apareceu de trás daquela altura toda de homem e fez uma careta.

– Já estamos?

– Sim. – Miguel a pegou pela mão, afastando-a do tal Lucas – Valeu, cara. Um abraço.

– Miguel, não posso ir embora ainda. – ela disse, mas deixou-se guiar para longe – Eu recebi um convite para subir no trio.

– Ótimo. Vou junto.

– Desnecessário. Os famosos conseguem ficar bem à vontade lá em cima.

Minutos depois, Miguel e Nanda estavam no trio. Ela feliz da vida, acenando e mandando beijos para o pessoal do bloco lá embaixo. Ele nem tão feliz da vida assim, posicionado atrás dela e a segurando pelos ombros quando o espaço ficava apertado demais. Até gostava daquela folia toda, mas considerava que ali tinha mais gente por metro quadrado do que considerava saudável.

– Você precisa beber água. – constatou Miguel, ao vê-la se esgoelando de gritar os sucessos do axé baiano e pular feito louca.

– Você também. Já volto! – ela disse e foi saindo para pegar uma garrafinha de água do outro lado.

Pelo caminho, foi atenciosa e tirou fotos com algumas pessoas.

Encontrou uma criança que nem parecia ligar para tanto barulho e trocou algumas palavras com ela. Subitamente, sentiu falta de Duda.

– Ei! Aquela ali é a Nanda Belmonte? – gritou uma mulher para Miguel. Era a única maneira de se fazer ouvir.

Ele se virou para sua interlocutora e percebeu alegremente que ela era muito bonita. Mas aquele rostinho, apesar de tentador, não ia arrancar facilmente uma resposta dele, que permaneceu calado.

– Não vou pedir fotos, eu juro. – ela falou, constatando de imediato o problema.

– Então é. A própria. – Miguel foi vencido bem rápido. Não sabia se pela exaustão mental ou outra coisa.

– Ela é fofinha assim mesmo ou é só cena?

– Fofinha mesmo. Daí pra pior.

Quando viu o motivo da conversa voltando, Miguel redirecionou sua atenção inteira a ela. Deu um gole na água que Nanda trouxe e depois a observou fazer o mesmo. Ele nem desconfiava, mas aquele gesto a fez pensar em algo sobre troca de saliva que Marquinhos mencionou tempos atrás.

Dando as costas a Miguel novamente, Fernanda voltou a se concentrar na festa. Descobriu que sabia cantar muito mais músicas de axé do que julgou possível, e que, apesar de nunca ter visto uma multidão tão expressiva, gostaria de poder ficar mais dias ali.

Vez ou outra olhava para trás, apenas para se arrepender, porque uma mulher deslumbrante conversava com Miguel o tempo inteiro. Nanda nunca tinha visto uma pessoa tão linda fisicamente e não se surpreendeu ao perceber o interesse dela em Miguel. Afinal de contas, ele era lindo igual.

Aproximavam-se da madrugada e Fernanda, após tanta cantoria e danças descoordenadas, estava esgotada. Quando decidiu ir embora, virou-se para Miguel e lhe tocou o braço para chamá-lo. Teve a impressão de que ele se arrepiou sob o toque, mas resolveu não deixar a mente seguir por aquele caminho.

– Eu já vou. – disse, aproximando-se do ouvido dele.

A mulher deslumbrante ao lado de Miguel percebeu do que se tratava a conversa e trocou olhares com ele. Assim que o viu hesitar, Nanda forçou um sorriso.

– Você não precisa vir junto.

De fato, não precisava. Havia pelo menos seis homens lá embaixo, à disposição para tirá-la dali e escoltá-la até o carro que a levaria de volta ao hotel.

– Tem certeza? – Miguel cravou os olhos em Nanda, buscando qualquer traço de contrariedade.

– Tenho. Fica aí.

Era isso. Sem mais despedidas. Sem olhar para trás uma vez sequer.

Mas foi só chegar ao hotel que sua mente entrou em parafuso. Não estava arrependida de ter ficado com outra pessoa, muito pelo contrário. Aqueles poucos minutos fizeram com que ela esquecesse de Miguel, mas foi só ele chegar para buscá-la que voltou ao estado de paixão habitual.

Agora, largada na cama, estava com insônia porque sabia muito bem o que ele estava fazendo agora. E com quem. Às vezes Fernanda achava injusto ser humana. Tinha nascido com um bando de sentimentos confusos, com os quais não sabia lidar, mas que precisava ser uma convincente atriz social para bem disfarçá-los. Por que não podia deixar transbordar?

Claro que dormiu pouco. No dia seguinte, estava de pé às sete. Arrumou as malas e foi se sentar à mesa do quarto, escrevendo algumas linhas da próxima música em sua cabeça. Quando ouviu as batidas na porta, nem mesmo ergueu a cabeça.

– Entra!

– Você precisa parar de deixar as portas destrancadas. – Miguel já entrou reclamando – Ontem mesmo eu vi duas meninas aqui no corredor, procurando o seu quarto.

Aquele era um fato recorrente nas cidades em que Nanda se apresentava. Fãs invadindo quartos, elevadores, escadas, sacadas... Nada que um bom isolamento do andar inteiro não resolvesse.

Como não recebeu resposta, Miguel deu uma boa olhada no quarto impecavelmente arrumado e nas malas já prontas. Atípico dela.

– Por que voltou sozinha ontem? Fiquei preocupado. – ele mudou de assunto, mas este não era necessariamente um confortável.

Nanda finalmente olhou para ele. Fechou o caderno de anotações e se pôs de pé.

– Fiquei cansada de repente e não quis te atrapalhar.

– Ah. – depois disso, silêncio. Ele pigarreou, sem jeito, e buscou mais coisas a dizer – Eu não demorei por lá. E vim direto pro hotel. Sozinho. – enfatizou a última palavra.

Subitamente, sentiu-se ridículo.

– Tá certo. – ela assentiu – Agora vou dormir mais um pouquinho. Na hora de ir, você me avisa.

– Tudo bem. – Miguel lhe deu as costas e foi em direção à porta, mas pareceu pensar melhor e voltou, aparentemente ofendido – Vai mesmo me tratar assim, Maria?

– Assim como? – Fernanda se fez de desentendida, mas estava desmoronando por dentro.

Por que não transborda?

– Toda fria.

– Olha, Miguel, já que você tocou no assunto... Achei muito estranho você ter estado com outra moça ontem, sendo que existe a Renata.

– Renata? – ele se mostrou confuso – Mas o que diabos a sua *personal trainer* pode ter a ver com isso?

– Bom, vocês claramente têm uma química. E se gostam bastante. Eu achei que...

– Você acha que a *Renata* não ia gostar do que aconteceu ontem?

– Sim. Eu, por exemplo, se fosse ela, teria ficado muito chateada. – Nanda cruzou os braços, na defensiva – Caso eu fosse. Eu não sou, mas...

– Você é muito ciumenta, Maria Fernanda!

– Eu? E pare de rir, Miguel! Isso não tem nada a ver comigo! Eu estou pensando no bem da minha amiga!

– Ah, muito nobre da sua parte defender a honra de uma amiga *que não tem compromisso algum comigo*.

– Sai do meu quarto! – esbravejou, tentando alcançar um travesseiro para jogar nele.

– Como quiser.

– Volta aqui, Miguel! Você é um idiota. – a última frase saiu mais baixa, porque ele realmente voltou. E estava perigosamente perto.

Fernanda estava cansada de fingir, cansada de mentir, cansada de complicações. Ia transbordar. Decidiu beijá-lo.

Para Miguel, um alívio. Agonia. Principalmente alívio.

Durou segundos, minutos, milênios. O lado poeta de Fernanda explodindo em êxtase. O lado romântico de Miguel beijava o poeta dela. Estavam maravilhados com o gosto um do outro e não iam parar tão cedo.

Ofegantes, e porque ainda eram humanos, pararam.

– Ai, meu Deus do céu, desculpa! – entendendo a exata noção do que tinha feito, Nanda recuou, em pânico – Nunca mais vou fazer isso. Não me processa por assédio, Migs, por favor! Ai, você tá mudo! Fala alguma coisa! Ou melhor, não fala nada. Melhor do que gritar no meu ouvido. Se bem que...

Dessa vez, foi o próprio Miguel quem pôs fim à distância. Beijaram-se novamente, e agora sem desespero. Exploravam-se calmamente, porque tinham todo o tempo do mundo. Ou alguns minutos, até que precisassem ir ao aeroporto.

Separaram-se, hesitantes, com as testas coladas. Fernanda passava os dedos pela barba de Miguel, ainda incapaz de encará-lo. Ele foi o primeiro a abrir os olhos, e, quando o fez, não parecia arrependido.

Tinha uma canção pronta na cabeça de Nanda Belmonte.

Se alguém dissesse a Miguel Salazar, meses atrás, que um dia estaria apreensivo naquele restaurante italiano, sentado diante de um possível sogro, ele teria dado risada.

Mas não estava jantando com Humberto Belmonte para pedir sua filha adulta e independente em namoro. Antes fosse.

– Você é meu último recurso, Miguel. – o homem passava as mãos pelo cabelo grisalho, apavorado – Já enviei todo o material à polícia, mas nada sai do lugar!

– O que te faz pensar que eu seria melhor que a polícia num caso desse?

– Eu sei que você é o melhor no que faz, Miguel. Sei que o que faz pela minha filha todos os dias não é nem metade do seu potencial. – ele olhou ao redor, para confirmar que ninguém ali estava prestando atenção aos dois, e voltou a fitar seu interlocutor – Eu vejo que demonstra tédio ao lidar com adolescentes escandalosas, quando, na verdade, poderia estar fazendo parte da elite das investigações policiais. Já pensou em prestar concurso para a Federal?

Miguel só podia gargalhar daquela hipótese. Deu um gole em sua taça de vinho – que nem estava achando bom, preferia cerveja – e se reclinou no encosto da cadeira.

– Nunca me passou pela cabeça. Mas diga, Humberto, o que quer que eu faça, exatamente?

– Eu quero que você cace o Fernando. Isso precisa parar!

Palavras de um pai desesperado, ele notou.

É que as supostas mensagens do ex-segurança de Fernanda tinham mudado de foco. Agora era Humberto quem recebia toda a sorte de ameaças, o que havia lhe proporcionado noites sem dormir.

– Quando esse cara entra em contato com você, o que ele diz? – Miguel estava, acima de tudo, curioso.

Não era provável que um cara foragido ficasse atrás de gracinhas daquele tipo, ainda mais envolvendo uma família influente como os Belmonte.

– Diz que sabe um segredo da minha filha. Eu sei lá, Miguel, estou muito nervoso!

– Segredo da Maria Fernanda? Improvável. – disse, mas começou a se preocupar ali.

– Ele diz que é uma coisa que pode acabar com a carreira dela, uma coisa que ela fez, que tem uns papéis. – Humberto coçou a testa, desesperado – E eu fico pensando, sabe? Ele realmente levou uns documentos dela quando assaltou o apartamento.

– Mas, segundo ela, não tinha nada demais. Era uma bobagem.

– Exato, mas você sabe que a banda toca diferente para os famosos, né? Se o Fernando conversar com as pessoas certas, mesmo inventando uma mentira, ele pode acabar com a vida da minha filha.

– Tem razão. – Miguel concordou, deixando escapar um longo suspiro.

Sabia que estava caminhando em terreno perigoso ali. E, uma vez que cedesse às súplicas de Humberto Belmonte, não teria volta.

Mas o que, àquela altura, não seria capaz de fazer pela filha dele?

– Deixa comigo, Humberto. Eu sei exatamente como resolver.

Naquela noite, Miguel voltou para casa mentalmente exausto. Cumprimentou o porteiro e jogou um pouco de conversa fora com o mesmo, mas estava louco para subir e descansar. Só não imaginava que, ao chegar a seu andar, encontraria Maria Fernanda e o vizinho da frente – que tinha setenta e dois anos e usava aparelho auditivo nas duas orelhas – engatados no papo mais animado da galáxia.

– É como eu tô dizendo, seu Geraldo! O senhor está molhando muito pouco os seus cactos! Sabe, eu tenho muitas plantas na minha casa e sou meio especialista. Já tive um girassol que morreu rapidinho, mas...

Miguel pigarreou às costas dela. Seu Geraldo acenou para ele e trocou mais algumas dicas animadas sobre botânica com Nanda. Em seguida, quando percebeu que estava no meio de um clima pesadíssimo, entrou para sua casa prontamente.

– Precisamos conversar. – ela disse, sem muito rodeio.

– É. – e ele apenas aquiesceu – Vem.

Os dois entraram mudos no apartamento. E isso tudo porque, após a sessão desesperada de beijos, vinham se evitando como duas

crianças de Ensino Fundamental. O motivo era um mistério, já que o primeiro e mais tenso passo havia sido dado com louvores.

– Eu só vim esclarecer logo a situação de Salvador. – despejou Nanda, parada no meio da sala – Não quero que fique esse clima horrível entre a gente. Eu nunca mais vou te agarrar, Miguel. Nunca mais vou te abraçar, ou chegar perto de você mais que o necessário. Não se preocupe.

Muito quieto, Miguel nada respondeu. Só ficou ali, olhando eternamente para ela, como se medisse os próprios pensamentos.

– Não vai mesmo dizer nada?

Foi então que ele tomou fôlego. Estaria arrependido de suas próximas palavras? Sim. Em menos de um segundo? Com certeza.

– É o seguinte: eu gostei.

– Você... Nossa, é mesmo?

– Não sei se percebeu, Maria Fernanda, mas da segunda vez a iniciativa foi minha.

– Eu percebi. – Fernanda não conseguiu conter o sorriso, mas logo voltou a ficar séria – De qualquer forma, a gente não precisa fazer disso um grande evento.

– Ah, não? Você fala como se não romantizasse tudo e ficasse imaginando casamento toda vez que chega perto de um cara.

– Eu não imaginei casar com você! Talvez um pouco o vestido... Mas não desvia o foco da conversa, Miguel. Eu tô tentando ser profissional aqui.

– Tá nervosa, é?

– E você tá muito debochado!

Ao ouvir aquilo, Miguel desacelerou os pensamentos. Se quisesse estabelecer um bom diálogo ali, precisaria fazer melhor que isso. Passou as mãos pelo rosto, num óbvio sinal de cansaço, e reorganizou as palavras em sua cabeça. Devia esse controle emocional a ela há tempos.

– Olha só, Maria, está tudo errado entre nós. – ele despejou, dando alguns passos em direção a ela – Eu não deveria ter ficado com aquela moça na festa, por exemplo. Foi uma infantilidade estúpida da minha parte.

– Miguel, eu acho que...

– Não. Você merece que eu fale. – Miguel tinha a plena noção

de que desconversar não adiantaria, pelo menos não mais – A melhor parte do meu dia é quando você me chama de coisa linda da Nanda. Absolutamente *todas* as suas músicas estão na minha playlist de malhar. E de correr. E de dormir. – enumerava sem pressa, e ia diminuindo cada vez mais a distância entre ambos, até que Nanda ficasse presa entre ele e a parede – Você tem noção do quanto eu me sinto ridículo esperando seus abraços não solicitados? E a fofoqueira da minha sobrinha não mentiu, porque eu amo o seu cheiro, te acho uma princesa e...

– Assim meu coração não vai aguentar! – Nanda interrompeu, dramática, levando as mãos ao peito – Parece que eu vou desmaiar aqui, Miguel, eu não ensaiei essa sua versão romântica na minha cabeça!

E ele riu daquilo. Gostaria de ficar rindo daquele jeito de Fernanda por anos mais.

Quando caiu em si, já estava com a boca grudada na dela. Muito mais do que satisfeitos, lembraram o episódio de dias atrás, dessa vez com uma intensidade maior. Afinal, eram apenas os dois ali. Imersos um no outro. Em certo momento, Nanda fez que ia dizer alguma coisa, mas Miguel a impediu. De repente, os beijos não eram mais suficientes.

Num passeio de corpos, conheceram-se; iam se decorar. Estavam prestes a ultrapassar uma barreira emocional do tamanho de um iceberg, e era um caminho sem volta. Para ambos. Mapearam-se.

Ela precisava de um desfibrilador. Com urgência.

Tudo porque abriu os olhos e passou de leve o rosto na superfície sólida que a amparava, mas logo se deteve. Pois sentiu músculos. Muitos deles. Miguel.

Definitivamente, precisava de um desfibrilador, pois estava nua. Voou da cama e saiu vestindo as roupas que encontrou pelo chão. Depois voltou para a cama e se sentou bem na ponta, dividindo o olhar entre Miguel, que ainda dormia, e as próprias pernas encolhidas junto ao corpo. Afinal de contas, não era sempre que acordava na cama de uma beldade masculina de humor instável.

Foi exatamente por esta razão que Fernanda fez uma careta de horror quando viu que Miguel já dava sinais de vida. Espreguiçou-se, bocejou umas três vezes e depois ergueu o corpo, ainda meio zozinho, para deixar um beijo breve nela.

– Bom dia...? – Nanda arriscou, mais encolhida do que nunca.

– Mais que bom dia!

E ela deixou cair os braços ao lado do corpo, em um sinal evidente de profundo alívio.

– O que foi? Você se arrependeu? – Miguel se sentou melhor na cama, olhando de relance para ela.

– Eu não! Achei que *you* tivesse se arrependido.

– Ah, eu não. – ele garantiu, sorrindo.

Sorrindo. Miguel Salazar estava sorrindo espontaneamente para ela. Era mesmo o fim dos tempos.

– Você achou que eu ia te tratar mal, não é? – uma sombra de pesar encontrou o rosto dele.

– Não exatamente. Eu achei que você ia fazer um discurso sobre o quanto fomos inconsequentes, que não deveríamos ter feito nada disso e que jamais poderia se repetir.

– Eu estou bem em repetir, se você estiver.

Ele já estava prestes a ir para cima dela, quando a campainha soou lá fora. Miguel bateu com as costas de volta no colchão, derrotado.

– Mas quem pode ser o imbecil?

Acontece que o imbecil à porta era uma versão seis anos mais velha do próprio Miguel. Entretanto, como os olhos clínicos de Nanda constatarem, aquele homem era um tanto desleixado. A barba estava meio assimétrica e a camisa social amassada na região da barriga de chopp. Apesar de tudo, estava óbvio que era parente de Miguel. Estava na cor dos olhos e em todos os outros traços do rosto.

– Venho buscá-la às quatro. – Murilo disse e foi entrando, fazendo com que a garotinha em sua companhia fizesse o mesmo – Qualquer coisa me lig... Ah... Uau!

Levou um susto ao ver Fernanda parada no meio da sala. Encarou-a de cima a baixo e assistiu, impressionado, sua filha correr para abraçá-la.

– Nanda!

– Que saudades, Duda!

Ao vê-las grudadas e cochichando, Murilo foi para junto do irmão mais novo, boquiaberto.

– Cara, essa mulher aí é famosa!

– Ela pode te ouvir, Murilo. – indicou Miguel.

– E que gata, hein? Talvez um pouco mais baixinha do que eu imaginava.

– Ela não é surda, Murilo.

– Eu não sou surda, Murilo. E obrigada! – interveio Nanda, simpática.

Ainda intrigado com o que uma celebridade poderia estar fazendo ali, o homem passou as mãos pela camisa amassada, querendo passar uma boa impressão. Estava deixando Duda ali porque tinha uma entrevista de emprego. A milésima.

– Ei, você vai fazer aquele seu café agora? Ainda tenho um tempinho antes da entrevista. – dizia, mas se interrompeu ao sentir o olhar hostil de Miguel em sua direção – Que foi?

– Estou pensando em homicídio.

Aquela foi a deixa para Murilo ir embora. Despediu-se brevemente, e sem muito interesse, da filha e saiu. Não sem antes, é claro, fazer questão de trocar um aperto de mão demorado em Nanda e dizer que amava todas as músicas dela. Não acertou dizer o nome de uma sequer.

– Sabia que os meus dois dentes da frente caíram? – Duda abriu a boca para Miguel, assim que viu o pai ir embora.

– Impossível não notar. E você está linda, princesa! – garantiu, pegando a menina pela mão e a conduzindo até a mesa.

Porque nem mesmo o café da manhã Murilo tinha se dignado a providenciar para a filha.

– Dessa vez vocês já são namorados? – questionou Duda, angelicalmente, enquanto passava manteiga no pão.

– Por favor, Duda, não começa. – suplicou Miguel, já prevendo a derrota que estava a caminho.

Já Nanda, muito atenta, se inclinou para a garotinha na mesa. Apoiou o queixo com as mãos e esperou a magia da inocência infantil acontecer.

– Eu fiquei torcendo, tio! Você disse naquele dia do shopping que tinha um cantorzinho babaca atrás dela e que...

– Olha o linguajar, Maria Eduarda!

– Mas foi o que você disse. – a menina encolheu os ombros, confusa – Cantorzinho babaca! Lembra?

– Conta mais, Duda! – encorajou Fernanda, empurrando um pote de biscoitos na frente da criança.

E Duda percorreu longamente sobre o passeio no shopping com o tio Miguel. Falou até do brinquedo que brilhava e cantava sete músicas em chinês que havia ganhado. Só terminou o relato quando um Miguel muito constrangido a levou até o sofá. Escolheu para ela um desenho animado e fez uma prece para que ficasse quieta.

– Não adianta fazer essa cara! Quem mandou contar suas coisas a uma criança de sete anos?

– Ela é minha melhor amiga. – pontuou, como se fosse evidente.

Teria muito trabalho para refrear aquela cumplicidade entre as duas Marias em sua vida.

Foram semanas no mais profundo silêncio.

Dormiam com frequência na casa um do outro, e, quando estavam em viagem para os shows, escapavam pelos corredores dos hotéis e acabavam sempre no mesmo quarto. Às vezes só dormiam mesmo, porque era comum que ela demonstrasse exaustão da agenda

lotada. É o que todos já sabem: Miguel não gosta que acordem Fernanda.

Mas ninguém sabia o que realmente estava acontecendo entre os dois. Na frente dos outros, eram como sempre foram. A sós, um só.

– Tenho um presente pra te dar. – disse ele, numa tarde qualquer, na casa dele.

Nanda estava deitada entre as pernas dele, com a cabeça apoiada em seu peito. Logo mais embarcaria para Portugal, onde se apresentaria apenas uma vez. E, como Miguel não iria junto, buscavam aproveitar o máximo de tempo que lhes restava.

– Meu aniversário é só em julho. Sabia que eu sou canceriana?

Fernanda não podia ver, mas Miguel revirava os olhos naquele exato instante. Não entendia nada de signos. E queria continuar sem entender.

– E você é de Aquário. – continuou Nanda – Isso explica *tanta* coisa!

– Certo. – ele desconversou, erguendo-a com cuidado para conseguir se mover – Vou buscar.

Miguel foi até o guarda-roupas e tirou de lá uma sacolinha branca. Fernanda reconheceu de longe o logotipo dourado de uma loja famosa, que sempre lhe enviava presentes e pedia que fizesse publicidade. Nunca aceitou.

– Ei, Migs, essa loja é bem cara!

– Nem uma palavra sobre isso. – estendeu o presente e se sentou em frente a ela, em expectativa – Abre.

Nanda puxou, sorrateira, o embrulho e puxou de lá uma caixinha de veludo. Quando a abriu, deparou-se com um anel de prata, muito delicado, com uma pedrinha azul descansando em cima. Era o exato tipo de anel que ela amava usar. Tanto em suas apresentações quanto no dia a dia. É claro que Miguel conhecia o gosto dela.

– Ai, meu Deus, que coisa mais linda do mundo! – Nanda scandalizou, sem tirar os olhos do presente.

Até mesmo o colocou no indicador esquerdo, mexendo a mão para testar o efeito visual deslumbrante.

– Escuta, Maria, eu sei que você quer um príncipe. Eu não sei ser nada disso, mas...

– Você é perfeito!

Ele podia conviver bem com aquela resposta.

Aproveitaram-se durante muitas horas mais, até que Fernanda realmente precisassem partir.

Ela havia insistido para que Miguel a acompanhasse na viagem internacional, mas ele recusou com veemência, e por um motivo plausível. Sempre que Nanda Belmonte fazia shows fora do país, carregava consigo menos da metade de seus equipamentos e funcionários. Isso porque só era famosa no exterior para os fãs brasileiros que moravam lá. Em Portugal não era diferente, então podia caminhar despreocupada em terras lusitanas sem assédio.

Ou seja: nada de Miguel.

O que não significava, por óbvio, que o próprio não fosse ficar monitorando os passos dela do Brasil mesmo. Coincidentemente, foi em um daqueles vários dias em que Murilo deixava a filha nas costas do único tio, e por isso estavam Duda e ele, em plena noite de sábado, entretidos em um jogo de tabuleiro no chão do quarto.

Miguel não sabia como, mas estava perdendo repetidas vezes. Para uma banguela de sete anos de idade. Ainda bem que, após a nona partida, ela dormiu. Falar que dividiram a cama era exagero, porque Duda dormia meio atravessada, deixando Miguel encolhido na ponta que lhe sobrou. Pouco contente, mas conformado, deixou de velar o sono inquieto da sobrinha e pegou o celular.

Como sempre, era André quem cuidava das transmissões ao vivo nas redes sociais de Nanda. Agora mesmo exibia o show em Lisboa, acompanhado e comentado por milhares de pessoas, em tempo real. Miguel estava ansioso pelo cover de *Don't Stop Me Now*, que sempre acontecia no bis, mas a música não veio.

No lugar dela, Nanda cantou uma outra. Inédita. Apresentou ao público como *Dia Três* e foi para o piano. Começou os primeiros versos, lenta, e explodiu no refrão. André já se preparava para lidar com as emissoras se matando para conseguir os direitos daquela música para suas novelas.

De repente, a exata parte do palco em que estavam Nanda e o piano foi suspensa. Uma nuvem de fumaça cobria o espaço entre a cantora e o chão, dando ao público a impressão de que ela e o instrumento flutuavam. Assim que ela começou o solo de piano, o pedaço suspenso do palco começou a girar lentamente. Nanda perdeu a

noção da realidade, tecendo furiosamente, cabelos esvoaçantes. Um rapaz da plateia começou a chorar. Outros tantos tremiam ao filmar o espetáculo. Casais se abraçaram. Incontáveis adolescentes se descabelaram.

Nanda Belmonte acabava de ofuscar seu recém-lançado sucesso com Pietro. *Dia Três* seria o maior fenômeno de sua carreira.

– Oi, sou eu. – a voz inconfundível de André soou do outro lado da linha.

Miguel mal podia se conter de saudades de Fernanda, mas precisou esperar pacientemente até que o show acabasse para poder ligar. Contudo, quem atendeu foi o empresário. Já devia ter imaginado.

– Quem teve a ideia daquele piano suspenso? – Miguel aproveitou para reclamar.

Quase morreu do coração com aquele palco rodando. Tudo bem que não era nenhum tornado, e girava bem lentamente, mas ele não estava feliz, de qualquer forma.

– Fui eu! Genial, não?

– Escuta aqui, André, se a Maria Fernanda cair daquele troço...

– Ih, rapaz, não é que ontem isso quase aconteceu? – gracejou o outro, dando uma risadinha infame.

– Vou destroçar você, infeliz!

André precisou afastar o celular da orelha e segurá-lo bem longe. Assim que avistou Fernanda, passou o aparelho a ela e foi saindo do camarim. Que os gritos ficassem todos para ela.

– Oi, Migs! – cumprimentou, imensamente feliz.

– Tudo bem? – a voz de Miguel amansou na hora – Eu liguei porque a Duda tá aqui em casa e queria ouvir sua voz.

– Que coisa mais linda! Deixa eu falar com ela, então.

– Dormiu.

– Ah... Entendi.

De fato entendeu o propósito daquela ligação. Para os padrões Miguel de demonstração de afeto, estava incrível.

– E você, quando volta? – ele quis saber, sem disfarçar a ansiedade.

– O acerto era pra amanhã, mas vai ter show extra. O pessoal pirou com a música nova! – Nanda explicou, muito animada – Então acho que volto em uns cinco dias.

– *Cinco?* Eu não aguento. – claro que disse aquela última frase num tom muito baixo.

E ficou sem jeito quando Nanda percebeu e começou a rir. Decidiu retomar a conversa em terreno que achou mais seguro.

– Sabe, a Duda tá morrendo de saudades. Se puder voltar pra ela logo...

Ou nem tão seguro assim.

– Duda, né? Eu sei. – Fernanda deu corda, prendendo o riso dessa vez – Diga a ela que também estou morrendo de saudades. Volto pra ela logo.

Conversaram mais algumas amenidades e desligaram. Atordado, Miguel encarou o celular por alguns segundos e depois o largou de qualquer jeito no colchão. Há séculos não se sentia tão idiota.

– Acho que amo você, Maria.

Seis longos dias depois, lá estava ele. No aeroporto.

Achou que só podia estar ficando doente, ou maluco. Nem em seus mais profundos pesadelos imaginaria estar ansioso, atrás da fita de um saguão de desembarque. E isso por causa de mulher. Estava imensamente ferrado.

– Pensei que eu fosse morrer de saudades de você! – o motivo dos tais pesadelos correu para abraçá-lo.

E Miguel a recebeu prontamente, cobrindo-a de beijos. Esqueceu por um instante de quem ela era para o mundo e nem notou os olhares curiosos que receberam.

– Eu também.

– Você também? – Fernanda se afastou um pouco para encará-lo. Estava muito surpresa.

Miguel não admitia coisas.

– Te machucaram. – ele disse, de repente.

– Credo! Como você sabe?

– Fez cara feia quando te toquei aqui. – apontou para a lateral do braço dela, logo abaixo do ombro – O que aconteceu?

– Foi nos ensaios do piano suspenso. O resultado ficou lindo, não ficou?

Ah, Miguel tinha muitas observações a fazer sobre aquele assunto.

Um pouco mais atrás, Tati vinha, ainda meio sonolenta da viagem, puxando sua mala vermelha. Parou subitamente no lugar e esfregou o rosto.

– Pessoal, acho que a gente desembarcou no planeta errado!

– Aquele é mesmo o Miguel? – Ícaro apertou os olhos na mesma direção que a colega – O *nosso* Miguel “não me toque, vou atirar na sua cara”?

– Por que estão abraçados? – André fez uma careta.

– Eles estão namorando há semanas. – fui Júnior quem informou.

E como se nada tivesse acontecido, sumiu com suas baquetas pelo portão de desembarque.

Era um grupo estranho aquele.

Começou porque Duda e Miguel estavam na casa de Nanda; haviam combinado de fazer uma maratona de filmes naquela tarde. Maratona essa que nem chegou a acontecer, porque Érica Belmonte apareceu por lá, lotada de sacolas de uma grife caríssima e tomou conta da sala.

– Boa tarde, amada! – deu um beijo de cada lado do rosto da enteada e depois se dirigiu a Miguel e Duda – E você, pequena, quem é?

– Duda. – a menina falou, simplesmente, oferecendo um sorriso banguela.

– Que gracinha, amado! É sua sobrinha, não é? – a mulher perguntou a Miguel – Nanda comentou algo assim comigo.

– Como vai, Érica? Tem visto muitos filmes daquela lista que te passei?

E voltaram brevemente a falar dos clássicos que tanto os fascinavam. O que não demorou muito, porque Érica, repentinamente, pareceu se lembrar do propósito de sua visita e começou a tagarelar desenfreadamente.

– Ai, Nanda, eu vim para você me ajudar a escolher o vestido para o casamento da Cíntia Lins de Toledo!

Cíntia Lins de Toledo era uma mulher riquíssima, pertencente à alta sociedade carioca. Naquele final de semana, iria se casar com Reginaldo do Prado Neto, igualmente riquíssimo. E tão mais riquíssimos juntos, que haviam contratado Nanda Belmonte, Pietro e um DJ sueco muito famoso para se apresentarem na festa. O local? Um resort de luxo com vista para o mar.

– Vou experimentar todos e vocês me ajudam, certo? – Érica nem mesmo esperou pela resposta. Foi se enfiando no quarto da enteada e começou a vestir a primeira peça.

Lá fora, a campainha soava, estridente. Para o porteiro não interfonar, avisando de quem se tratava, só poderia ser alguém que tinha muito costume de ir ali. Ou alguém impaciente, antipático e persuasivo.

Clara Santini.

– Olá, sonsa! Vim te contar as fofocas!

A loira passou pela amiga feito um furacão. Tamanha euforia se dava por ter sido escalada para um papel vilanesco da próxima novela de horário nobre. Após o primeiro contato com os colegas de elenco, era costume que procurasse a melhor amiga para dividir suas primeiras impressões. Ou, obviamente, contar as fofocas dos bastidores.

– Ah, você tem visitas. – constatou Clara, erguendo a sobrancelha para a pequena criatura no canto do sofá. Dividiu sua atenção entre ela e Miguel, por um instante – Sua filha? Parece você, coitada.

– É minha sobrinha, Clara. Boa tarde, Clara. Simpática, como sempre! – Miguel foi irônico, mas relaxou ao ver Nanda ir se sentar junto a ele.

Distraído com aquela proximidade, deixou beijos entre os cabelos dela e disse algo em seu ouvido. Sorriram um para o outro. Fernanda, de repente, se deu conta de que havia uma plateia curiosa ali e se afastou dele.

– Ai, gente, que frescura! Quem não sabe que vocês estão namorando? Um nojo! – berrou Clara.

Para Nanda, um choque. Jurava que vinham sendo discretos.

– Que azeda! – rebateu Miguel, bem humorado – Nem parece a mesma pessoa que deu banho na amiga bêbada e limpou a casa dela inteira.

– Você devia ter escolhido o Pietro, Maria Fernanda! – Clara jogou os cabelos para o lado, enfática, e foi se sentar perto, mas não muito, de Duda – O que estamos fazendo?

– Esperando a Érica desfilhar os looks do casamento. – explicou a amiga.

Não demorou muito e Érica voltou a aparecer na sala. Trajando um vestido longo com estampa de cobra e uma bolsinha de mão listrada – que claramente lembrava zebras –, ela deu umas rodopiadas e aguardou, ansiosa, a avaliação de seu seletor público.

– E então, o que acharam?

– Eu achei feia. – Duda nem pestanejou.

– Adorei esta criança! – Clara bateu palmas, divertindo-se como nunca.

– Jura que não gostou, meu amor? – Érica levou na esportiva,

usando sua voz mais doce para falar com a menina – Por quê?

– A senhora mata animais?

A mulher gargalhou com a pergunta. Para alívio de Miguel, que estava extremamente constrangido com os comentários da sobrinha.

– Claro que não, amada! – Érica ainda ria – Essa estampa é só de mentirinha. – garantiu, por fim.

– Ah. Porque eu sou vegana.

– Vou adotá-la, Salazar! – Clara exclamou, maravilhada – Ou comprá-la, tanto faz! – deu de ombros e virou-se para seu mais novo objeto de adoração – Você quer ir morar lá em casa?

– Depende. Você é vegana?

E nascia um amor.

Para falar a verdade, ninguém gostou de nenhum dos modelitos de Érica Belmonte. Desolada, voltou para casa com as milhares de sacolas. Usaria o vestido de cobra.

– Mas a senhora não tem um pingo de vergonha na cara, hein, sonsa? – as outras pessoas mal tinham ido embora e Clara já foi falando – Encheu a cara, disse a Deus e o mundo que ia ignorar o macho para sempre, e corre pra cima dele na primeira oportunidade!

– Ai, Clarinha, eu sou uma pessoa! – Nanda justificou, divertida – Pessoas se contradizem o tempo inteiro! Lembra quando você prometeu que nunca mais ia comer chocolate?

– Eu não como chocolate!

– Clara... – o olhar de Nanda já dizia tudo.

Dando-se por vencida, a loira suspirou e passou a encarar a almofada em seu colo, brincando com um fiapo inexistente ali.

– Olha, eu vou fazer uma coisa. E se você disser a alguém que eu fiz isso, eu te processo ou te mato! Entendeu?

– Tá, mulher, vem logo.

Fernanda já conhecia, e por isso mesmo abriu os braços. Recebeu a melhor amiga em um aperto longo e sincero.

– Eu estou muito feliz por você, Nanda. De verdade. Que bom te ver com alguém que merece esse seu amor imenso!

– Eu sei, Clarinha. Que bom que a nossa amizade existe e funciona.

– É mesmo, mas agora chega de abraço. – deu o ultimato, desvencilhando-se da amiga – Conta tudo sobre esse namoro!

Ela contou. E teve sorte que Clara não era exigente com os detalhes, como Tati, por exemplo. Naquele mesmo dia, a baixista tinha enviado a Nanda uma mensagem indiscretíssima.

Gostaria de saber como era Miguel pelado.

Cíntia Lins de Toledo casou -se em um dia nublado.

Horrorizada com o mau tempo, fez um escândalo na suíte presidencial do hotel e cogitou cancelar tudo. Amparada pelas madrinhas que escolheu a dedo, só não levou a ideia adiante porque era seu terceiro casamento. Nos dois primeiros fazia um sol de rachar. E deram errado. Talvez as nuvens carregadas fossem um bom presságio, afinal.

– Só eu que acho isso estranho? – Ícaro terminava de ajeitar seu violão no pequeno palco ao lado do altar.

Estavam fazendo a passagem de som no belíssimo jardim do resort, que comportaria a cerimônia religiosa a céu aberto. Apesar da chuva que ameaçava cair, o que incomodava mesmo o músico era a cena romântica que se enrolava diante de seus olhos.

– Só você, Ícaro! – confirmou Tati, admirada – Eu acho os dois uns fofos.

Isso porque Miguel e Nanda andavam de mãos dadas, conversando sobre a decoração da festa e cuidando para não pisarem nas pétalas brancas do tapete.

– Ah, aí está! – Pietro vinha ao encontro do casal, ofegante – Eu te procurei em toda a parte, Nanda! Nossa, você está muito linda!

Aparentemente, ele não percebeu que eram um casal. Pois ignorou com maestria as mãos unidas e a cara fechada de Miguel, prestes a estrangular alguém.

– Obrigada, Pietro! A noiva fez questão de me emprestar uns funcionários pra isso.

Fernanda, que era acostumada a cuidar do próprio visual, havia sido encurralada mais cedo por uma equipe muito falante e palpiteira. Contudo, fizeram um excelente trabalho, porque a cantora estava deslumbrante. Além, obviamente, do vestido longo e azul claro, ajustado perfeitamente ao corpo.

– Eu estava te procurando para ensaiar um pouquinho. Que coincidência terem chamado a gente pra tocar no mesmo casamento,

hein?

Não, não tinha nada de coincidência. É que, apesar de ter sido um pouco ofuscada pelo sucesso repentino de *Dia Três, Retrato* ainda causava grande impacto ao público. Quem tivesse o privilégio de pagar por aquilo, certamente colocaria Nanda e Pietro no mesmo ambiente.

– Mas o que eu ia dizendo sobre o ensaio... O que acha?

– Acho ótimo. Eu já estou indo. – ela garantiu, sorrindo de leve.

– Tudo bem. Tchau, cara. – foi a primeira vez que Pietro se dirigiu a Miguel. Por apenas um segundo, porque logo virou-se de volta para Nanda – E você tá mais linda do que a noiva. É a mulher mais linda que eu já vi!

Pietro não ficou para ouvir o grunhido de Miguel, que estava prestes a ter uma convulsão, de tão irritado.

– Esquece ele. – pediu Nanda, ajeitando o smoking do namorado – Você está lindo! – emendou, querendo distraí-lo.

Não estava acostumada a ver Miguel em trajes formais, já que estava sempre à paisana para trabalhar com ela.

– E você está nervosa. – ele observou – Por quê?

– Sei lá, Migs. É que eu nunca cantei num casamento, sabe?

– Mas você canta todo fim de semana pra milhares de pessoas. Hoje são só o quê, uns trezentos convidados?

Trezentos e cinquenta e sete, na verdade. O hotel estava fechado, inclusive, para abrigar apenas aquele evento. Sem hóspedes adicionais.

– Não é pela quantidade. É que é o dia mais importante da vida desse casal, e você sabe o quanto eu gosto de um romance. Vai que eu estrago o momento!

– Impossível. É só subir naquele palco e fazer o que sempre faz. Porque funciona e é fantástico. – Miguel garantiu, mas ela continuava insegura – Você é a pessoa mais talentosa que eu conheço, sabia? – enfatizou.

– Obrigada, coisa linda da Nanda.

Trocaram um abraço rápido, enquanto ela respirava fundo e se concentrava. Já ia procurar Pietro quando Miguel a impediu, puxando-a de volta.

– Maria...? E você tá linda. Todos os dias.

Sentada em um banquinho, ela não tirava os olhos do caminho de flores.

Assim que a noiva pisou no tapete vermelho, arrastando atrás de si um véu quilométrico, Nanda começou os primeiros versos de *Deve Ser Você*, composição sua, que era a música do casal. Se aquele era o terceiro casamento de Cíntia, Reginaldo do Prado Neto já tinha percorrido aquele mesmo caminho seis vezes, sem contar a atual. Diziam as más línguas que ele estava tentando, vigorosamente, ultrapassar os recordes do cantor Fábio Jr.

A cerimônia transcorreu às mil maravilhas. Ou quase. Algumas senhoras enxugavam as lágrimas em seus lençinhos de seda, muitos senhores demonstravam inquietação pela demora dos discursos... e duas ou três crianças passaram correndo lá atrás e quase derrubaram o bolo. Humberto Belmonte, em algum lugar daquele caos contido, estava triste. Tudo porque Érica não conseguiu ir ao casamento com ele, alegando uma gripe terrível. Sozinho ali, conversou com um conhecido ou outro, e só demonstrou entusiasmo quando ouviu a voz da filha em lugar da tradicional marcha nupcial.

Nanda cantou *Beija Eu*, de Marisa Monte, no momento do beijo que selava a união milionária. Foi bem nessa hora que Miguel percebeu os olhares cobiçosos de vários homens, inclusive alguns comprometidos, para sua namorada. Sentada num banquinho, o microfone no pedestal à sua frente, ela cantava de olhos fechados, sem nem perceber o que estava em volta. E ele sabia que seu autocontrole estaria sempre em teste, já que agora namorava uma mulher famosa.

Um pouco mais tarde, Miguel viu Humberto melhorar de humor – embora se sentisse deslocado sem a esposa – ao encontrar alguns amigos. Agora estavam todos na área interna do resort, no salão de festas. A decoração dali tinha tons de dourado, com lustres de cristais pendendo no teto e um palco imenso.

– Olha aqui, pessoal! É esse o meu genro! – Humberto puxou Miguel para um abraço meio de lado, jogando-o no meio de uma roda inteiramente masculina.

– Humberto... – ele tentou protestar, mas não obteve sucesso.

– Ele é bem tímido, como vocês podem notar, mas é um excelente ser humano.

– Escuta, rapaz, você não se incomoda com aquilo, não? – um

dos engravatados apontou para o palco, onde agora Pietro e Nanda cantavam a música que tinham juntos.

– Não. – foi curto e grosso.

Não era bem o que sentia, mas se recusava a discutir aquilo abertamente com qualquer um. Por via das dúvidas, ficou de costas para o palco.

A participação de Fernanda se daria por encerrada naquele momento, mas os convidados começaram a implorar para que cantasse a música nova, e ela cedeu. Como não tinha piano ali, Nanda improvisou uma versão acústica, acompanhada pelo violão de Ícaro e, enfim, conseguiu se despedir. Pietro ainda fez um show completo depois dela, e, quando terminou, veio pingando de suor à sua procura.

– Ei, topa uma proposta indecente?

– Depende muito da proposta. – ela foi logo dizendo.

Automaticamente, passou os olhos pela multidão, tentando localizar Miguel. Um pouco mais cedo, tinha publica uma foto dele, infinitamente lindo e distraído, em seu perfil pessoal do Instagram. Escreveu “Dia Três” na legenda.

– Eu só ia sugerir da gente ir dar uma mergulho agora, vamos? O pessoal da sua banda já topou.

Era uma proposta excelente. Mesmo porque a área das piscinas estava vazia àquela hora da noite, e poderiam se divertir sem mais preocupações. Além disso, Nanda queria mesmo encontrar Tati, pois precisava contar a ela que viu Cíntia Lins de Toledo apertar a bunda do DJ sueco, enquanto era seu recente marido quem jogava o buquê para as moças.

Já passava das duas da manhã quando Miguel enlouqueceu. Ao lado de André, esperava por Fernanda, que tinha combinado de se encontrar com eles logo após o tal mergulho com Pietro e a banda.

– Ei, cadê a Nanda? – foi André quem gritou a pergunta, assim que viu Pietro.

O rapaz surgiu de um dos corredores de quartos, parecendo muito chateado com alguma coisa.

– Não tá com vocês?

– Achei que ela estivesse com você. – Miguel disse, em tom

acusatório e à beira de um ataque de fúria.

As pessoas não estavam entendendo o motivo de tanto alarde, mas ninguém fazia ideia do que Miguel Salazar sabia. Ninguém tinha visto o que ele viu mias cedo.

– Bom, a gente combinou de se encontrar, mas ela não apareceu. Achei que tivesse me dispensado... mas pelo visto não, né? – refletiu, subitamente animado com a própria constatação.

– Pelo visto não. – André achou estranho.

– Vou ver com o pessoal da banda. – comunicou Miguel, saindo apressado.

O que ninguém sabia era que Nanda Belmonte estava presa no lugar mais óbvio possível: seu próprio quarto no hotel.

Assim que combinou de encontrar os amigos na piscina, foi trocar de roupa, mas se surpreendeu ao entrar no aposento e encontrar a janela aberta. O vento litorâneo estava forte, e balançava as cortinas com força. Fernanda estranhou imediatamente, já que seu quarto ficava no térreo, e justamente pelo medo de alguém invadir com facilidade, deixou a janela trancada.

Passou pelo estreito corredor que separava o banheiro do quarto em si, e estagnou no lugar. Havia alguém sentado em sua cama.

Fernando.

A mão dele estava trêmula. E ela percebeu isso graças à pistola que ele carregava.

Assim que constatou a expressão apavorada da moça, Fernando pousou a arma ao seu lado no colchão e suspirou pesadamente.

– É claro que não vou te machucar, Nanda. Não se preocupe. – garantiu, com uma voz mansa, envergonhada até.

– Por que eu deveria me preocupar, não é mesmo? – ela desdenhou, dissimulando a coragem que estava bem longe de sentir.

– Eu sempre gostei de você de verdade, sabia? – o homem dizia, mas procurava não fazer movimentos bruscos. Detestaria assustá-la – Você é uma filha pra mim.

Fernando não havia mudado nada durante aqueles meses. Continuava com os cabelos grisalhos e bem curtos. Corpo mais em forma do que a maioria dos homens de sua idade. Preferência por roupas escuras e ligeiramente informais.

– O que veio fazer aqui, Fernando? Já não tirou o suficiente de mim? – o tom magoado de Nanda fez com que ele retesasse o corpo.

– Minha conversa é com seu pai. É ele o homem dos negócios.

– Então é isso? Mais dinheiro?

– É o que gosto. – deu de ombros – Pega o celular e liga pra ele.

Foi relativamente simples estar ali. Como o hotel foi fechado apenas para o casamento, era muito mais fácil para Fernando conseguir um convite do que passar seus dados pessoais como hóspede, caso fosse um dia qualquer no estabelecimento. Depois, descobrir o quarto de Nanda e se misturar entre os outros convidados foi a tarefa mais simples de seus planos. Muito mais simples, inclusive, do que ter que encarar aquele rosto decepcionado diante de si.

Temerosa, Fernanda estava prestes a seguir as instruções que recebeu, mas foi interrompida por um barulho ensurdecedor. Miguel.

Ele chutou a porta com uma força desmedida e entrou no quarto. Tinha uma arma em punho, que logo encontrou a direção de Fernando. Horrorizado, o homem mais velho fez menção de pegar a própria

pistola, mas foi surpreendido com um tiro.

A bala furou o colchão, passando a poucos centímetros da mão de Fernando; e algo lhe dizia que Miguel Salazar havia errado de propósito. Da próxima vez, não seria tão benevolente.

– Ei, vamos conversar! – pediu Fernando, recuando. Sua voz tinha saído mais embargada do que gostaria.

– Como se eu tivesse tempo! – desdenhou o outro, com uma risada fria.

Nanda olhava mais para Miguel do que para Fernando. Não reconhecia aquele homem. Primeiro porque nunca soube que ele tinha uma arma. Depois porque nunca pensou nele atirando na direção de outro ser humano sem pestanejar. O Miguel que ela conhecia só parecia agressivo, mas estava bem longe de ser. Aquela outra versão dele, que mostrava agora mesmo, era uma desagradável surpresa.

– Miguel... – ela tentou pedir uma explicação.

– Quieta.

Só isso. Curto e grosso. Nem mesmo olhou para Nanda.

– Quem é você, afinal? – Fernando quis saber, já de pé e com as mãos erguidas, em sinal de rendição.

– Já não se conhecem? Vocês trabalharam juntos! – Nanda estava desesperada para reestabelecer a realidade que conhecia.

Lembrava-se muito bem de uma conversa que teve com Miguel. O mesmo havia lhe dito com todas as letras que trabalhava na mesma empresa de segurança que Fernando. Havia comentado, ainda, que todos tinham ficado decepcionados com as atitudes de um de seus melhores funcionários. Não podia ter inventado tudo aquilo.

– Eu nunca vi esse rapaz na minha vida, Nanda, eu juro. – disse Fernando, alarmado.

Com medo do que realmente poderia estar acontecendo ali, ele se moveu vagarosamente, monitorado o tempo inteiro pelo olhar ferino de Miguel, até ficar inteiramente na frente de Maria Fernanda. Quis protegê-la.

– Sai da frente da garota! – ordenou Miguel, irritado.

– Ela não tem nada a ver com os meus esquemas. Vamos deixá-la ir e então conversamos.

– Não me confunda com um dos seus!

– Muito em breve você vai desejar ter sido um *dos meus*. –

Fernando quis demonstrar certa dose de valentia, o que não era nada esperto a se fazer quando tinha uma arma apontada para sua cabeça – Eu não ando sozinho.

– Como se eu estivesse.

E com uma rápida olhada em direção à porta, Miguel se fez entender. De repente, o quarto recebeu a presença de dois homens e duas mulheres. Todos armados. Alguns com roupas de festa, como se fossem convidados legítimos.

Miguel finalmente abaixou o braço e descansou a pistola no coldre preso à cintura. Uma das mulheres avançou até Fernando e o agarrou pelo braço.

– Você vem? – ela perguntou a Miguel, dividindo a atenção entre ele e Nanda.

– Só um minuto. – ele respondeu, exausto. Distante.

– Claro.

Compreensiva, a mulher saiu dali puxando Fernando e levou as outras pessoas com ela. Enfim, eram apenas Maria Fernanda e Miguel no quarto.

– Vai me explicar? – carregando dentro de si um misto de raiva e pavor, ela caiu sentada na cama, bem junto ao furo do colchão.

Encarou com perplexidade aquela marca e depois fixou o olhar em Miguel, que continuava de pé. Imóvel.

– Maria, é complicado... – a voz saiu quase inaudível.

Além disso, ele não olhava para ela. Fitou os próprios pés e foi encostar o corpo na bancada da televisão.

– Eu já vi que é complicado. Agora conte tudo. – Nanda exigiu, impassível.

Miguel sabia que não deveria fazer aquilo, mas se viu sem saída. Respirou pesadamente e puxou uma cadeira, indo se sentar exatamente de frente para Fernanda. Mais perto do que ela gostaria.

– Tudo bem, vou começar pelo básico. – ele foi direto, e tentou não reparar que suas pernas estavam quase tocando as dela – Eu nunca recebi um centavo seu, Fernanda. Eu não trabalho pra você.

Instintivamente, o corpo de Nanda foi um pouco para trás, rejeitando a informação.

– Como assim?

Em vez de responder diretamente, Miguel buscou algo no bolso

da calça social e colocou nas mãos de Fernanda. Era um distintivo da Polícia Federal. E aquela foi a primeira vez que ele sentiu vergonha do que era.

Magoada, ela ergueu os olhos de volta para ele, como se fosse uma ordem para que continuasse o relato.

– Já faz alguns anos que trabalho numa operação muito importante, e também muito difícil. Seu pai é o centro dela, infelizmente.

– Está dizendo que o meu pai é algum criminoso? Miguel, pelo amor de Deus! – Nanda fez que ia se levantar, mas foi impedida pelas mãos dele.

Mãos que, até poucos minutos atrás, ela amava que a tocassem.

– Não posso me aprofundar sobre isso com você, mas sinto que devo te manter informada de outras coisas.

– Como, por exemplo, o fato de você não trabalhar para mim. – falou, desvencilhando-se daquele toque.

– Sim, isso. – ele assumiu uma expressão de dor com o gesto de rejeição – Sabe, Maria, um policial infiltrado aqui no Brasil é muito diferente daqueles dos filmes americanos. Tem pouquíssimo a ver com espionagens mirabolantes e planos malignos. Basicamente, o que eu fiz aqui foi entender a logística de algumas coisas.

– Que coisas, Miguel? Não fale em códigos comigo! Eu mereço mais que isso.

– Eu sei que merece, mas eu não posso. Não agora. Em breve você vai saber de cada detalhe, e eu faço questão que seja por mim.

– Eu não faço questão de mais nada que venha de você! Ainda não entendeu o que isso significa para mim? Foram meses! Meses pensando que você era um cara que trabalhava na minha equipe, e agora isso! – àquele ponto, Fernanda já nem segurava mais as lágrimas que lhe vieram – O quanto foi fingimento, Miguel? Pelo amor de Deus, você frequentava a minha casa! Será que aproveitava a minha ausência, já que tinha a chave, e revirava as minhas coisas?

Ele fez um gesto negativo com a cabeça, resignado.

– Não vá por aí, Maria Fernanda!

– Ah, você está *ofendido* com a minha desconfiança? Caramba, eu amava a sua presença! Eu torcia todos os dias para que você nunca enjoasse de trabalhar comigo. A gente se beijou, a gente... Meu Deus,

isso era mentira! – passou as mãos pelo cabelo, atordoada com as lembranças.

Sempre soube que era ingênua, coração aberto demais, mas nunca pensou que fosse sofrer uma traição daquela magnitude. Pelo menos não do cara mais íntegro que achou ter conhecido.

– Eu faço seu café todos os dias, eu te dou colo pra dormir, você conhece a minha família! – Miguel enumerou, desesperado – É evidente que eu gosto de você. Aliás, eu mais que gosto! Isso não é nem questionável. – balançou a cabeça, como se estivesse travando uma batalha interna – Tá estampado na minha cara de idiota pra quem quiser ver!

– Que comovente!

Bruscamente, Fernanda reuniu forças e conseguiu se levantar. Miguel imitou o gesto, visivelmente desconfortável. Queria pedir um abraço.

Limpando as lágrimas, Fernanda nem mesmo pensou em tirar suas coisas do quarto. Apenas foi caminhando até a porta, mas parou, de súbito. Havia mais uma coisa que precisava saber.

– Quem mais? – virou-se de volta para ele – Alguém da minha equipe sabia, eu imagino.

– Ninguém.

Era uma garantia. Uma promessa. Uma das poucas que podia fazer a ela dali para a frente.

Por ironia do destino, foi naquele mesmo momento que Clara Santini, quilômetros distante dali, viu a foto de Miguel que Nanda havia publicado em sua rede social. Deitada nos lençóis egípcios de sua cama, escreveu uma mensagem à amiga, dizendo que achava Miguel uma boa pessoa.

– Ele é uma péssima pessoa! Vou matar esse desgraçado pra você, minha amiga!

A bomba havia estourado no país inteiro. Agora todo mundo sabia que Humberto Belmonte – ele mesmo, o pai daquela cantora famosa – estava sendo acusado de lavar dinheiro para traficante.

Justamente por isso que Clara gritava dentro de seu carro importado. Tinha ido buscar Fernanda para levá-la até a polícia, onde prestaria esclarecimentos sobre o caso. Assim que avançaram com o carro para fora do prédio, uma horda de jornalistas, com suas câmeras e microfones empunhados, começaram a cercar o veículo, disparando toda sorte de questionamentos.

– Nanda, há quanto tempo você sabia de todo o esquema?

– É verdade que seu pai dava jantares para mafiosos na casa dele?

– Você superfaturava seus shows para ajudar seu pai?

– Clara, é verdade que você grudou um chiclete no cabelo da Marina Ruy Barbosa?

Bom, aí já era demais para Clara Santini. E foi por isso mesmo que ela desceu o vidro a seu lado e colocou o rosto para fora, possessa.

– *Como é que é, vaca?*

– Por favor, Clara, me tira daqui. – foi o pedido baixinho da amiga que a fez se acalmar e dar partida no carro.

Fernanda estava mentalmente exausta. E fisicamente também, já que perdeu peso nos dias que se seguiram. Desativou todas as suas redes sociais e cancelou os dois últimos shows da nova turnê. Pagou com alívio a multa pelos cancelamentos e demais transtornos, e foi ficar isolada em casa. Ao menos não precisaria mais cantar *Dia Três* tão cedo – composição inteira feita pensando em Miguel.

Há dias nem sequer ouvia falar dele.

Quando pôs os pés na sede da Polícia Federal, não pensou que o procuraria com os olhos, mas foi a primeira coisa que fez. Só não sabia se estava pronta para o impacto de vê-lo novamente. No fim, acabou não

esbarrando em nada que pertencesse a ele, ou mesmo que lhe recordasse, pois foi conduzida ao terceiro andar do prédio no exato momento em que chegou. Sem tempo para passeios.

Mesmo sabendo que não havia cometido crime algum, achou por bem levar consigo um advogado. O que lhe foi indicado era um senhorzinho franzino, que usava óculos de lentes minúsculas e parecia não ir muito bem de saúde. Mesmo assim, acompanhou sua cliente até a sala do delegado, enquanto Clara ficava aguardando em outro cômodo, reclamando do café sem açúcar a simplesmente *todos* os agentes que passavam por ela.

Maria Fernanda não esperava ser recebida com tanta cordialidade. O delegado responsável pela Operação Belmonte atendia pelo nome de César Soares. Era negro, careca só na parte de cima da cabeça e tinha olhos gentis. Como bem informava o porta-retratos em cima da mesa, também era pai de dois adultos.

– Espero que entenda a necessidade dessa conversa, Fernanda. E quero que saiba que você não está sendo acusada de nada, tudo bem?

Ela apenas balançou a cabeça em sinal de concordância. Como bem havia explicado seu advogado, as palavras de Nanda naquele dia serviriam apenas como mera informação, sem peso testemunhal tão relevante, já que era filha de Humberto e seu depoimento, muito provavelmente, era tendencioso.

E deve ter sido por isso que a conversa manteve ares de informalidade o tempo inteiro. Fernanda pouco sabia sobre a rotina do pai, nada sabia sobre suas supostas atividades ilícitas. Inclusive, afirmou categoricamente que duvidava da veracidade daquelas acusações.

– Fernanda, o seu pai está sendo indiciado porque lava dinheiro para traficante internacional. Infelizmente, isso não é de hoje. – César fez uma pausa. Era nítido que tentava escolher palavras delicadas – Lembra de quando você ainda não era famosa, que ele tinha uma imobiliária?

– Ainda tem. – informou Nanda – Mas quem cuida agora é a Érica, esposa dele.

– Nós sabemos. O que eu estou querendo te dizer é que Humberto já vem praticando atividades ilícitas desde antes de cuidar da sua carreira. A Receita Federal já vinha na cola dele há tempos, porque era metido com sonegação de impostos. Foi assim que a gente começou

a desvendar o esquema inteiro; e ele é grande, Fernanda. Acontece que seu pai está bem no topo dele.

Era inacreditável. Humberto sempre foi o mais pacífico dos homens, famoso por ser o apaziguador entre seus amigos. O boa-praça. O riso fácil. Um homem que havia moldado o caráter da única filha. Como poderia ser um criminoso a nível internacional?

– Vocês estão cientes de que a minha cliente não tem nada a ver com isso, certo? – foi uma das raras vezes em que o advogado interveio.

– Como eu disse anteriormente, doutor, é uma investigação que vem de muito tempo. A Operação Belmonte em si foi iniciada há três anos, quando começamos a reunir provas mais contundentes. E sim, nós sabemos perfeitamente que Maria Fernanda não tem nada a ver com isso. – César foi enfático – Os relatórios do agente Salazar ratificam a situação dela com ainda mais clareza.

Sim, era óbvio que fazia parte do trabalho de Miguel redigir relatórios o tempo inteiro sobre o andamento da operação, permitindo que profissionais da instituição traçassem até mesmo um perfil psicológico de Nanda. E ela não sabia se deveria se sentir ainda mais traída por Miguel, ou grata por ter a inocência provada.

– Quanto tempo mais vou ter que ficar aqui? – ela questionou, assim que César mencionou o nome dele.

Estava visivelmente abatida, e mantinha o olhar perdido desde quando entrou naquela sala.

– Não muito. Só quero que me garanta que, se souber de algo, vai nos procurar. Posso contar com você?

Aquilo estava escrito nos relatórios sobre ela também. Os psicólogos haviam dado o parecer técnico: era extremamente provável que Nanda colaborasse com a polícia, caso soubesse de algo. Mesmo que isso significasse perder o melhor amor que já sentiu na vida.

– Ela esteve aqui e você não me contou!

Miguel demonstrou toda a indignação que sentia, largando umas pastas de qualquer jeito na mesa em que costumava trabalhar. Afinal de contas, muito mais do que ação em si, a rotina de um agente federal tinha a ver com burocracias e serviços de inteligência do mais alto gabarito. Naquele dia, por exemplo, havia gastado horas na frente do

computador.

– Foi melhor não vê-la, Salazar. – argumentou a colega, mas estava com pena.

Cláudia – ou a famosa Claudinha – era uma das colegas de trabalho que Miguel mais admirava. Gostava de usar os cabelos pretos na altura dos ombros e de fazer tatuagens coloridas onde o uniforme cobria. Além da beleza estonteante, era astuta, gostava de resolver operações matemáticas de cabeça e era emotiva. Não à toa esteve na primeira fila do show de Nanda Belmonte semanas atrás e chorou na parte do piano suspenso.

Se sequer imaginasse que a inspiração para *Dia Três* estava bem em sua frente, fazendo-lhe cara de poucos amigos, era bem capaz que desmaiasse de emoção.

– Claudinha, ela tem crises de ansiedade. Eu já presenciei algumas e isso é muito sério. – despejou Miguel, frustrado – Você sabe como o César tem um humor do cão, às vezes! Vai que ele estava atacado hoje.

– Tadinha, né?

– Eu soube que cancelou os últimos shows e todas as aparições públicas. Será que veio sozinha?

Estava profundamente preocupado que os amigos de Fernanda a abandonassem naquele momento. Sabia como funcionava o meio da fama, e ninguém gostaria de se queimar com um caso assim.

– Olha, o Fonseca contou pro João, que contou pra mim, que a Clara Santini veio junto com a amiga. Disseram que foi o próprio Maurinho quem recebeu a dondoca e serviu café a ela. E que ela reclamou de tudo, até do cabelo dele.

– Coitado! – Miguel meneou a cabeça, divertindo-se pela primeira vez no dia – Mas quer apostar quanto que ele vai contar uma história bem diferente?

– Vai dizer que teve um caso com ela. – riu Cláudia.

Foi Miguel quem parou de rir primeiro, mudando o semblante de uma hora para outra. Por um momento, esboçou alívio.

– Clara é uma boa amiga pra Maria.

– O seu emocional ainda tá bem abalado, né? – Cláudia se aproximou dele, passando o braço em volta de seus ombros – Vai passar, meu amigo.

– Assim espero.

– E se ela for esse coração gigante que todo mundo fala, não vai demorar nadinha. Deixa só a poeira baixar.

– Tem razão. – coçou a testa, meio incerto.

– Tá sabendo que marcaram o interrogatório do tal Fernando? Já estou na especulação do que ele vai dizer. É o mínimo que eu mereço, né? Depois de ter ficado de fora do Casamento Xadrez.

“Casamento Xadrez” era como ela carinhosamente chamava o enlace matrimonial entre Cíntia e Reginaldo, tendo em vista que, além da prisão do próprio Fernando, alguns outros presentes na cerimônia faziam parte do esquema Belmonte. Inclusive a própria noiva.

– Você não perdeu nada. – garantiu Miguel, virando-se de volta ao trabalho que lhe aguardava.

Tinha intenções de ficar imerso ali por bastante tempo, até que Fernanda fosse apenas uma lembrança distante. Contudo, antes mesmo de se dignar a tentar, ouviu uma voz masculina ecoando pelo corredor do segundo andar.

– Eu juro! A mulher olhou pra mim como se eu fosse um pedaço de carne! Se bem que eu sou mesmo, né? Ela pediu até o meu WhatsApp, mas eu não passei. Vai ter que rastejar muito pra pilotar esse avião que eu sou!

Mauro Barreto, senhoras e senhores.

Estava deitada na cama há tempos, girando o anel entre os dedos. Desde o dia em que o havia ganhado, aquela era a primeira vez que tirava. Sabia que tinha a opção de passá-lo adiante, mas não conseguia; e foi exatamente por isso que levantou para guardá-lo em uma caixinha de joias qualquer, dentre várias outras caixinhas perdidas em seu guarda-roupas.

Mas assim que Fernanda abriu a primeira gaveta, deparou-se com outra parte de Miguel. Duas peças de roupa jaziam ali, esquecidas, provavelmente de uma das milhares de vezes em que dormiu ali com ela.

Mais uma vez, Nanda poderia fazer uma doação, jogar fora, esconder das próprias vistas, mas decidiu ir por outro caminho. Agora que sabia que Miguel era funcionário público, calculou que era extremamente improvável esbarrar com ele na entrada do prédio àquela hora da manhã. Além do mais, deixaria as roupas na portaria. Um minuto e estaria livre, certo?

Certo.

– Bom dia, Elias!

– Olha quem apareceu!

Elias, o porteiro do prédio de Miguel – aquele mesmo, que gostava de plantinhas no hall de entrada – sorriu abertamente para ela. Há tempos não via a moça cantora por ali.

– Será que você pode me fazer um favor gigante? – Nanda pediu, estendendo a sacola até ele na guarita – Entrega isso ao Miguel quando ele passar por aqui?

– Ih, você não soube? Ele não mora mais aqui, não. Eu tava até pra te perguntar se você sabe o motivo, porque o pessoal todo do prédio achou esquisito.

– Como assim, Elias?

– É que o rapaz mal chegou e já foi embora tão cedo... A gente achou que ele gostasse de morar aqui, sabe?

– Espera, então quer dizer que o Miguel não morava aqui nesse

prédio há anos?

– Não, senhorita. Ele chegou pra cá em dezembro, mais ou menos. Não ficou nem seis meses.

Então até aquilo era uma mentira. Agradeceu a Elias pelas informações e voltou para o carro, abraçada à sacola de roupas. “Eu acho que você é dois”. Nunca antes aquela frase, que disse a Miguel no dia em que se conheceram, fez tanto sentido.

De toda forma, aproveitou que já havia reunido a coragem para sair de casa e decidiu ir checar como estava Humberto. Desde quando a imprensa deu um jeito de descobrir sobre as investigações, ele não saía para nada. E Fernanda achou até estranho que a porta da casa não estivesse lotada de repórteres. Julgou, então, que o passar dos dias tivesse esfriado o caso.

– Oi, namorada. – quem a recebeu foi um Marquinhos quase irreconhecível.

Apesar do cumprimento usual a Nanda, o garoto perambulava pela casa, cabisbaixo, como se não soubesse muito bem o que fazer ali. Carregava olheiras profundas, de quem passou noites em claro.

– Oi, namorado. Como ele está?

Marquinhos hesitou um pouco, antes de responder. Fez um gesto com o queixo, apontando para as escadas.

– Daquele jeito que você já viu.

– Vou lá, então. – disse Nanda, deixando um afago no braço do menino.

Subiu as escadas, já prevendo o que encontraria. Não quis, mas tinha razão. Humberto estava sentado no chão de seu escritório, cheio de documentos em volta. O rosto completamente vermelho e os olhos inchados denunciavam o choro recente.

– Filha! – o homem ergueu a cabeça e tentou sorrir. Não conseguiu.

– Pai, o que está fazendo aí? – ela se abaixou junto a ele, cuidando para não pisar nos papéis.

– Você me ajuda? Estou tentando separar tudo o que for útil para minha defesa. Olha aqui, Fefê! Olha, filha! Não atrasei um dia de pagamento dos seus funcionários.

– Eu sei. – Nanda passou rapidamente os olhos pelos documentos que Humberto balançava – Se tem uma coisa que todo

mundo da equipe sempre elogiou foi sua honestidade, mas eu queria te perguntar uma coisa.

– Claro! O que você quiser.

– Será que existe a possibilidade de alguém ter traído a sua confiança? Sejam os francos, pai. Desconfiar dos outros não é exatamente uma característica forte da nossa família.

Os pensamentos a levaram diretamente a Miguel. Antes dele, Fernando. Um completo desastre.

– Já descartei a possibilidade. A única pessoa, além de mim, que faz transações financeiras é a Érica. – contou Humberto, erguendo-se repentinamente – Vem ver uma coisa.

Ele caminhou até a mesa de madeira, onde havia um computador já ligado, e começou a abrir vários sites de órgãos federais. Seus dedos ágeis tremiam.

– Vou imprimir todas as certidões que eu puder. O meu nome tá limpo.

– Acha que é esse o caminho? O senhor já tem dois advogados trabalhando pra isso. Que tal se acalmar um pouquinho e esperar que *eles* te digam o que deve ser providenciado?

– É. – Humberto parou um pouco, parecendo cair em si. Puxou sua cadeira giratória e se sentou – É, tem razão.

– Vou buscar uma água, tá? Relaxa.

Preocupada, ela saiu do escritório em direção à cozinha, mas antes que pudesse descer o primeiro degrau, escutou um barulho. Vinha da suíte principal da casa. Lá dentro, Érica jogava suas dezenas de roupas em cima da cama, sem nem ao menos tirar os cabides. Seus produtos de beleza importados eram tão numerosos que alguns caíram ao chão, em vez de acertarem a mala aberta.

– Vai viajar? – Nanda entrou no quarto, sem cerimônias.

Achou curioso que sua madrastra estivesse se ocupando em arrumar malas justamente em um momento tão delicado.

– Infelizmente, amada! – Érica parou o que estava fazendo e adquiriu um tom teatral ao falar com a enteada – Seu pai praticamente exigiu que eu desse um tempo fora do país.

– É sério isso? Poxa, Érica, você sabe o quanto eu gosto de você, mas que falta de noção é essa? O meu pai eu até entendo, deve estar querendo te preservar, só que eu esperava que você fosse ficar do lado

dele até o fim. Seja lá o que aconteça!

A mulher jamais tinha visto Fernanda tão irritada. Estava mal acostumada com os risinhos fáceis de quem achava que estava tudo sempre muito bom. Agora não estava. Nada bom.

– Eu juro que estou de coração partido, Nanda. Argumentei várias vezes que queria estar por perto, e estou preocupada demais com o estado psicológico do Humberto, mas sabe como é que é...

– Não, Érica, eu não sei. – ela estava irredutível – Você pode me explicar?

E com aquela Nanda, Érica ainda não sabia lidar.

– Eu... Olha, são só alguns dias, tá bom?

– E como vai fazer com o Marquinhos? O menino está em ano de vestibular. Ou isso não te preocupa?

– Marquinhos vai ficar com o pai. – Érica fungou, como se estivesse ensaiando um choro – Faz tempo que os dois não fazem nada juntos. Vai ser bom para ele.

Nanda sabia muito pouco sobre o pai de Marquinhos. Nunca o tinha visto pessoalmente, e o garoto não exibia muitas fotos o mesmo.

– Entendo. – claro que ela não entendia, mas disse mesmo assim – Pode me dizer para onde você tá indo?

Érica não respondeu de imediato. Estava claramente medindo as palavras em sua cabeça, chegando até mesmo a se sentar na cama, entre as roupas espalhadas.

– Melhor não te contar, amada. Quanto menos pessoas souberem, melhor, não acha?

– Claro. – Fernanda assentiu, irônica – Faça uma boa viagem, *amada*.

Era fim da tarde quando Nanda conseguiu acalmar Humberto e decidiu voltar para casa. Entrou no carro, mas não girou a chave na ignição. Se lhe perguntassem depois, não saberia dizer como reuniu coragem de pegar o celular e teclar os números que sabia de cor, embora tivesse apagado aquele contato há dias.

– Maria? – a voz hesitante, até mesmo incrédula, soou do outro lado.

– Precisamos conversar.

A ideia foi dele.

Custou a acreditar nos próprios ouvidos quando recebeu a ligação de Fernanda, pedindo para vê-lo. Sabia que não poderiam se encontrar em locais públicos, nem seria de bom tom que ele fosse ao apartamento dela com uma operação que a envolvia em andamento. Foi por isso que sugeriu sua casa.

Intrigou-se pelo fato de Nanda não se surpreender com a nova localização, fazendo-o se perguntar como ela havia descoberto que o apartamento não era seu. De todo modo, marcou a visita para o dia seguinte, logo pela manhã, e arrumou a casa inteira. Estava ansioso, então arrumou-se inteiro também. Lembrou que ela gostava de verde e pôs uma camisa daquela cor. Nunca se sentiu tão patético em trinta anos de vida.

A casa era pintada num tom escuro de vermelho. A porta e o portão da garagem eram de madeira. Nem em seus mais estranhos delírios, Fernanda imaginaria que Miguel morasse naquele bairro sossegado, muito mais longe de onde ela pensava que ele vivia antes. E principalmente: não em apartamento. Uma casa.

– Oi! – ele abriu a porta, visivelmente despreparado para o impacto de revê-la. Precisou se segurar muito para não avançar e pedir um beijo.

Nanda estava com um vestidinho florido e tênis brancos. Sem anéis – o que deixou Miguel imensamente preocupado. Apreensiva do mesmo jeito que o anfitrião, ela respirou fundo. Quis abraçá-lo.

– Ei. – finalmente disse.

– Entra! – Miguel convidou e abriu espaço.

Hesitante, Nanda fez o que lhe foi sugerido e olhou em volta. Antes de chegarem ao interior da casa propriamente dita, havia uma estradinha de pedras, logo ao lado do espaço da garagem. Pelo menos o carro dele era o mesmo de antes.

Miguel ensaiou dizer algo, mas a atenção da moça estava presa em algo além dele. Mais precisamente no chão.

– Você tem um cachorro! – exclamou, agachando para receber o animal.

Era um poodle branco, e Nanda jamais tinha visto antes um bichinho daquela raça que não fosse escandaloso.

– É, ele se chama Pipoca.

Quem diria? Miguel Salazar tinha um poodle chamado Pipoca. De fato, o homem diante de si era um completo estranho.

– Oi, Pipoca! Você é muito lindo, sabia? – ela ergueu a mão para acariciá-lo.

– Cuidado. Ele não gosta muito de...

– ... gente nova? – Nanda completou por ele, ao ver Pipoca deitar de barriga para cima e receber o afago de bom grado.

– Ah, ótimo! Até o meu cachorro ama você. – brincou, mas só conseguiu deixá-la sem graça.

– Com quem ele ficou enquanto você...

– Deixei com a vizinha. E sempre passava aqui para vê-lo.

Após aquela explicação, Fernanda apenas assentiu e finalmente entrou na casa.

Outro choque de realidade, pois aquele lugar só podia ter sido decorado por um experiente designer de interiores. A sala e a cozinha eram separadas apenas por um balcão; pequenas, mas exalando uma personalidade que o apartamento que conheceu não tinha em nada. Ela devia ter desconfiado.

Miguel tinha muitos móveis de madeira, e as paredes traziam alguns pôsteres emoldurados de filmes antigos. Mais uma verdade sobre ele que lhe trouxe conforto. Alguns porta-retratos na estante revelavam a Nanda uma família que ela não conhecia. Os pais de Miguel, por exemplo, que apareciam sorridentes em algumas imagens. E ele era a cara da mãe.

– Vem conhecer o resto. – Miguel convidou.

Ao guiá-la pelo corredor, passou o braço em volta da cintura dela, como lhe era habitual, mas foi imediatamente afastado.

– Esse aqui é o meu quarto.

Nanda passou pela porta e encontrou a suíte organizada que a dela jamais seria. Televisão e cama de tamanhos generosos, uma mesa no canto com um notebook em cima, luminária e livros. Muitos livros. De Direito Penal e Processual Penal, em sua maioria.

– Você é formado em Direito?

– Isso mesmo.

O Miguel que ela conheceu não tinha graduação.

Subitamente incomodada com o clima que pairava ali – era um quarto e os dois estavam dentro, afinal de contas –, Nanda voltou ao corredor. Passaram por um banheiro, pela área de serviço e foram parar em outro cômodo, dessa vez menor.

– E esse é o quarto que eu deixo pra visita, quando tem. Você já deve ter percebido quem é a maior frequentadora.

E foi assim que Miguel arrancou um sorriso dela. Feliz, Nanda foi até os desenhos colados na parede, junto à cama de solteiro, e sentiu saudades de Duda.

– É, eu vi. Como ela está?

– Ótima. Morrendo de saudades de você.

Claro que disse aquela última frase com os olhos cravados nela. E Fernanda sustentou o olhar até onde conseguiu. Disseram muitas coisas um ao outro naqueles breves segundos.

Após reunir muita força de vontade, ela simplesmente se virou e foi voltando para a sala, como se nada tivesse acontecido. Não podia se esquecer de seu principal objetivo ali.

– Que linda a sua casa.

– Obrigado. Tá com fome?

– Eu não quero nada, Miguel. Podemos conversar agora?

– Claro. – ele apontou para o sofá.

Sentaram-se de frente um para o outro, mais próximos e íntimos do que deveriam. Seus corpos pareciam se esquecer com frequência de que não estavam mais juntos.

– Confesso que fiquei bem surpreso com a sua ligação.

– É, eu também. – ela confessou, encabulada – E só vim porque é um assunto muito importante.

– Estou ouvindo.

– Eu só não fui diretamente até a polícia porque não tenho provas, e achei que talvez você pudesse me escutar. Miguel, vocês já investigaram a Érica? – despejou tudo de uma vez. Achou que assim seria mais fácil.

Não foi. Miguel ergueu as sobrancelhas e pareceu pensar muito.

– Sua madrasta? Claro que sim. Por quê?

– Ontem eu estive na casa do meu pai e ela estava arrumando as malas, como se não fosse voltar nunca mais.

– Você sabe o destino?

– Ela não quis me dizer! Não é estranho? Além disso, o meu pai deixou escapar que ela tinha acesso ao dinheiro e que fazia negociações em nome dele com frequência. É ela, Miguel! Só pode ser!

Ele puxou o ar com força ao ouvir aquilo. Como gostaria que ela estivesse certa! Assim, mais da metade de suas angústias desapareceriam em questão de segundos.

– Maria, escuta um minutinho. – Miguel se aproximou ainda mais, com a voz mansa de quem estava prestes a dizer coisas terríveis – Como você sabe, eu não posso te dar todos os detalhes, porque preciso respeitar meu trabalho, mas vou contar superficialmente o que vem acontecendo, para que você entenda. Pode ser?

– Por favor.

– César já te contou mais ou menos que o Humberto vem sendo investigado há tempos, por várias coisas pequenas. – começou e ela anuiu – Nada que tivesse chegado à competência da PF, no entanto. Até que de uns anos pra cá, coincidência ou não, desde quando você ficou famosa, as coisas começaram a ficar diferentes. O nome do Humberto começou a aparecer em conversas de gente que já estava na nossa mira há tempos. Sabe a Cíntia Lins de não sei das quantas?

– O que tem ela?

– Estelionatária. Da pior espécie.

Ao receber a informação, Nanda engoliu em seco. Optou por permanecer em silêncio.

– A gente já foi preparado para aquele casamento. – continuou Miguel, referindo-se a ele e aos colegas policiais – Primeiro porque já sabíamos que Fernando estaria lá. Depois porque era a oportunidade perfeita para efetuarmos mais algumas prisões. Aquele Antônio Gurgel, a quem você chama de tio, estava foragido há meses! Eles são uma organização criminosa, Maria. Uma muito poderosa.

– Isso não é possível, Miguel! Você entende que é surreal pra mim, não entende? – Fernanda argumentou, desesperada – É como se tudo o que eu conheço não existisse mais! E eu sinto que não posso confiar em ninguém. Fernando mentiu pra mim, depois você, talvez o meu pai... A pessoa mais importante da minha vida... Talvez ele...

Havia tanta coisa que Miguel sabia sobre Humberto Belmonte...
Tantos detalhes que ele não poderia nem sonhar em dizer a ela.

– Claro que entendo. Eu...

– Você pode me contar o que te fez ir trabalhar comigo? –
Nanda o surpreendeu com a pergunta. Achou que ela jamais fosse querer saber.

– Sim. A gente estava andando em círculos por um tempo. Os outros métodos de investigação não estavam se mostrando eficazes. – Miguel generalizou, sem querer entrar em detalhes sobre o quão escorregadio era Humberto – Esse negócio de agente infiltrado é terreno meio desconhecido por aqui, a lei que regulamenta o procedimento é relativamente recente. Só que aí teve o caso do Fernando. Como você é uma figura pública, todos os detalhes do assalto foram muito divulgados nos noticiários. A gente percebeu na hora que tinha coisa aí e aproveitamos a oportunidade. Foi quando eu me apresentei para o André e fui trabalhar com você.

– Então foi por isso que lá no começo você fazia perguntas sobre a relação que eu tinha com o meu pai.

– Mais ou menos. Tinha coisa que eu já sabia e só perguntava para criar vínculos com você. – ele admitiu, desconfortável – Eu sondava tudo, com todo mundo. – quis deixar claro que não era só com ela, como se saber daquilo pudesse lhe trazer alívio.

– Você ficava meio hesitante em frequentar casa do meu pai. Era teatro também? – a pergunta de Fernanda saiu dura, impassível.

– Não é bem assim. No início, eu quis evitar proximidades desnecessárias, mas comecei a ficar frustrado. Eu estava perdendo muito tempo viajando com você para os shows, e acabei notando que o Humberto não aparecia muito. Então sim, eu me forcei a frequentar a casa dele, a conversar bobagens cinematográficas com a Érica, a participar das rodinhas de conversa nos churrascos... Essas coisas que você deve imaginar. – relatou, demonstrando certo constrangimento – E foi muito proveitoso; eu fiz descobertas importantes.

Precisava parar por ali. Chegava ao limite das coisas que não poderia compartilhar com ela. Parecendo compreender imediatamente de que não chegaria muito mais longe, ao menos não no assunto Humberto, Nanda deu outro rumo à conversa.

– Qual é o problema com a casa? – questionou, dando uma

rápida olhada em volta.

– Não entendi.

– Por que não continuou morando aqui?

– Porque eu precisava me estabelecer em um local mais próximo de onde você mora. Além disso, eu queria estar seguro, caso você precisasse ir até minha casa por algum motivo. – Miguel teve a decência de esboçar vergonha ao relatar aquela parte – Eu não podia correr o risco de encontrar meus vizinhos daqui, ou algum amigo, e eles comentarem algo sobre mim que você não devia saber.

– Ah. E o que disse a sua família?

– Nada. Ninguém sabia. Duda, apesar de ser muito esperta e língua solta, é só uma criança. Eu não precisei dizer nada muito elaborado pra ela sobre aquele apartamento novo. – deu de ombros – Quanto ao Murilo, desde que eu tenha um teto sobre a cabeça, ele não liga para os detalhes. Só quer um lugar onde deixar a menina.

Fernanda tinha um comentário pertinente a fazer sobre aquilo. Preocupava-se com Duda, afinal de contas, mas decidiu se preservar.

– Mas tinha um monte de gente na sua casa naquele dia do aniversário.

– Todos policiais.

Ela se limitou a assentir. Cobriu uma mão com a outra, apreensiva. Incomodada.

– Entende agora? Se a Érica tivesse alguma coisa a ver com tudo isso, eu saberia. Te garanto.

– Se queria ser tão discreto, por que se deixou ser visto publicamente comigo quando estávamos juntos? – Nanda disparou à queima-roupa.

– Essa foi uma preocupação imensa. Lembra que eu te pedi segredo quando começamos a namorar? Foi só por isso. Mas desde antes, quando eu percebi que já tinha chamado atenção dos seus fãs, eu tive receio de que a imprensa especulasse sobre mim e descobrisse o que sou. – Miguel encarou o chão por um momento – De toda forma, eu já tinha uma desculpa pronta, caso você descobrisse antes da hora.

E qual era a desculpa, ela realmente preferiu não saber.

Passou mais um tempo calada, alisando o vestido. Depois pensou em algo mais que precisava ouvir, apesar de saber que poderia ser doloroso.

– Por que se envolveu comigo, Miguel?

Ele nem mesmo pestanejou. De todas as perguntas, essa era a mais simples de ser respondida.

– Porque, apesar de não parecer pra você, eu sou um ser humano. Eu te amo, Maria. É impossível não amar. – falou, prendendo seu olhar ao dela – Nosso relacionamento poderia ter mandado a operação pelos ares de um milhão de jeitos diferentes, mas você acha que eu estava pensando com clareza?

– Você não espera que eu acredite nisso, não é?

Fernanda quis parecer fria, mas só conseguiu demonstrar o total oposto. Mesmo assim, deixou Miguel desconcertado.

– Não, eu não espero.

Ficaram quietos por um tempo. De súbito, Nanda passou os braços em volta do corpo, como se quisesse se proteger de algo. Miguel não sabia, mas aquela conversa fez com que ela se lembrasse de todos os momentos íntimos que compartilharam. Arrependia-se por tê-lo deixado tocá-la.

– Você tá magrinha, amor. – ele observou, resignado.

Os olhos clínicos se demorando nas mãos que ela apertava, ainda incomodado com a ausência dos anéis.

Além disso, era a primeira vez que a chamava de amor, e Nanda percebeu.

– Eu me preocupo com você.

– Eu não preciso da sua preocupação. – disse, sem muita firmeza, e ficou de pé – É melhor eu ir. – já estava pronta para correr porta afora, quando se lembrou – Ah, antes que eu me esqueça, tem uma coisa sua lá no carro.

Sem questionamentos adicionais, ele a acompanhou até o lado de fora. Assistiu-a se despedir alegremente de Pipoca e ir até o portamalas. Tirou de lá uma sacola, que logo foi parar nas mãos de Miguel.

– Obrigado. – disse, dando uma olhada no conteúdo e sorriu um pouco ao reconhecer uma das peças – Você gostava de dormir com essa camisa. Se quiser ficar com ela, eu...

– Não.

Fernanda não queria nada que lembrasse ele. Muito embora tivesse um coração e uma memória que não lhe permitiam esquecer.

Disposta a encerrar o encontro, ela deu a volta e abriu a porta do

motorista. Porém, antes de entrar, descansou o braço no teto do carro e olhou mais uma vez para Miguel.

– Você não faz ideia mesmo sobre o que é *Dia Três*, não é? – suspirou, com um sorriso triste – “Você é um presente / Só te ganho no abraço que roubo”. É sua, Miguel. Essa música é inteira você.

Ele já desconfiava, apesar de nunca terem conversado abertamente sobre o assunto.

– “O amor é quando você me chama de Maria”. – Miguel citou o último verso, emocionado como nunca antes – Por que dia três?

– Foi quando nos conhecemos. Três de dezembro.

Então, Nanda Belmonte entrou no carro e foi embora.

Como todos os sentimentos ruins que lhe chegavam, aquele custou a abandoná-la.

Desde a conversa com Miguel, Fernanda não conseguia tirar da cabeça a possibilidade de Humberto não ser tão honesto assim. Por outro lado, como poderia, de uma hora para outra, deixar de confiar em alguém que conhecia há vinte e cinco anos e que lhe dera a vida? Como poderia descredibilizar alguém com aquele currículo para confiar em um homem que conheceu meses atrás?

Acordou no dia seguinte decidida a ter uma conversa séria com o pai. Seria firme e pediria explicações razoáveis para o que não entendia, acabando de uma vez por todas com a cruel dúvida que não lhe deixava dormir. Não teve a oportunidade de fazer uma pergunta sequer.

Tocou a campainha até os dedos doerem. Quando se deu por vencida, voltou ao carro e pegou no porta-luvas a chave que tinha da casa. Assim que girou a maçaneta, silêncio. O lugar estava vazio de móveis e de gente.

Até o irrigador do jardim havia sumido.

Pouco distante dali, Miguel andava de um lado a outro da sala de interrogatórios. Nervoso como nunca antes visto, só parou quieto quando ouviu a voz de César Soares.

– Fernando está vindo aí. – o delegado entrou na sala, parecendo estar mais sonolento do que qualquer outra coisa – Notícias do Belmonte?

– Ignorou a intimação e não foi encontrado em casa para a condução coercitiva. – explanou, irritado – O cara está oficialmente foragido.

– Da cidade ele não sai. – garantiu César, mais despreocupado do que Miguel gostaria.

– Sim, as rodovias estão bloqueadas e já comunicamos aos aeroportos.

Mas é claro que isso não era garantia de nada. Humberto exalava dinheiro. Poderia fugir de balão, se quisesse.

– Bom dia! Quando vão me oferecer a delação premiada?

Era Fernando. Vinha acompanhado apenas de Cláudia, e estava mais à vontade do que previa. Sem algemas, entrou na sala e se sentou na mesa, de frente para o delegado. Não conseguiu deixar de notar que a sua cadeira era mais alta e mais confortável do que a da autoridade. Uma estratégia psicológica, provavelmente.

– Bom dia, Fernando. O que tem para nós hoje? – César quis saber, ignorando o comentário anterior.

Devido à natureza do crime que cometeu, Fernando esteve primeiro sob custódia da Polícia Civil. Depois foi encaminhado a um presídio estadual, onde aguardava julgamento. E agora, graças ao trabalho em conjunto das instituições policiais, colaborava para o desmonte de um esquema muito maior que ele.

– É pra contar do início?

Miguel estava do lado oposto na sala, encostado na parede. Tinha os braços cruzados e a cara quem acordou de mau humor. Justamente por isso que Cláudia se mantinha a seu lado, caso precisasse de alguém para contê-lo.

– Estamos com tempo para destrinchar tudo. Fique à vontade. – o delegado até mesmo se recostou na cadeira.

– Bom, tudo começou num belo dia ensolarado em que eu...

– Sem gracinhas! – avisou Miguel.

– Tudo bem. – Fernando se ajeitou melhor em seu assento – Como eu acho que vocês já sabem, o chefe da equipe de segurança da Nanda costuma ter as chaves do apartamento dela. Esse chefe era eu, no caso, então eu subi lá um dia para... Aliás, quem deve saber muito bem sobre entrar na casa dela a qualquer hora é você, hein, rapaz? – comentou, dando uma risadinha para Miguel – Embora eu ache que você tenha usado essas chaves por motivos bem diferentes dos meus!

– Esse cara não tem medo de morrer. – grunhiu Miguel, ensaiando dar um passo à frente, mas as mãos de Cláudia o impediram.

– Prossiga, Fernando. – pediu César – Sem comentários desnecessários, por favor.

– Então, como eu ia dizendo, houve um dia em que eu precisei subir lá na cobertura para buscar uns equipamentos que a Nanda esqueceu. Quando cheguei lá, dei de cara com o Humberto falando ao telefone. Era um celularzinho daqueles bem vagabundos, sabe? E tinha

uma mala de dinheiro no chão.

– E você o confrontou?

– Na mesma hora. Eu tinha conseguido ouvir parcialmente a conversa e não precisei fazer muito cálculo para entender do que se tratava. Foi aí que eu... Eu pedi para entrar no esquema. – Fernando admitiu, encabulado.

– E Humberto rejeitou. – deduziu o delegado.

– Claro que ele rejeitou! Confesso que fui muito ingênuo. – prosseguiu-- Minha primeira reação foi ameaçar contar tudo para a filha dele, mas você acha que o cara se importou? Aquilo ali é um psicopata!

Miguel não podia estar mais de acordo. Só ele sabia do quanto precisou de autocontrole todas as vezes em que Humberto foi choramingar perto dele. Inventando as mensagens de ameaça a Nanda, dizendo que já tinha procurado a polícia, lamentando que Fernando pudesse ter algum segredo da filha, quando, na verdade, tudo o que Humberto Belmonte queria era alguém que desse um jeito no problema para ele.

– Depois que ele desconversou e saiu, eu comecei a vasculhar a casa da Nanda, porque eu entendi desde o começo que era ali que ele fazia tudo. Era o local perfeito para um disfarce.

– Foi quando você achou os manuscritos?

– Não. Eu sabia que ele tinha medo de usar computador e ser hackeado, mas, até então, eu não sabia que ele deixava coisa escrita.

– E descobriu como, então?

– É que o Humberto enlouqueceu e mandou gente atrás de mim. Estava mais do que óbvio que ele queria me matar, porque fui estúpido o suficiente para sinalizar que sabia de tudo. – Fernando olhou para cima, por um instante, como se fosse um martírio ouvir a si mesmo relatando sua grande saga de estupidez.

– E aí você achou de assaltar a casa da cantora... – César deu corda.

Agora estava até mais interessado. Chegavam ao ponto que ele queria.

– Isso. Eu chamei um amigo para me ajudar, porque eu sabia que, se existissem provas contra Humberto, estariam todas na casa da Nanda.

– Mas se você tinha a chave, por que armou aquele circo todo e

entrou à força? – foi Miguel quem perguntou.

– Aí é que tá, meu amigo. Eu não tinha mais a chave.

– E por que não?

– André tirou de mim. Nanda não sabia, mas naquele dia em que assaltei a casa dela, eu já não fazia mais parte da equipe.

– Você tinha sido demitido? – César cresceu o olho.

Daquilo ele não estava a par.

– É, eu acho que o Humberto inventou algum absurdo sobre mim e o André caiu. Ele estava furioso quando veio me dispensar. Isso aconteceu algumas horas antes do último contato que tive com a Nanda, então ela nem fazia ideia. Obviamente, não teve tempo de ser avisada.

– Tá, então vamos avançar nos fatos. – coçou a cabeça, querendo reorganizar os pensamentos – Você entrou no apartamento, vasculhou tudo e encontrou o quê, exatamente?

– Dinheiro, umas anotações à mão... Acredito que até nas falcatruas eles precisavam manter certo controle. – Fernando refletiu, compenetrado – Tinha uns apelidos escritos, uns valores do lado de cada um. Claro que eu não sabia o que aquilo significava, e só depois eu entendi que tinha a ver com alguma coisa daquele casamento.

Havia, de fato, uma transação financeira importante, marcada para acontecer no épico casamento de Cíntia e Reginaldo. A polícia estava cansada de saber disso, só precisava de provas.

– E onde estão as anotações?

– Entreguei à delegada da Civil.

César fez uma nota mental. Precisava solicitar à colega aqueles documentos.

– Então quer dizer que aquele negócio de ficar mandando mensagem para a Maria Fernanda, para o Humberto e tudo o mais, não era coisa sua? – já sabia a resposta, mas precisava ouvir da boca dele.

– Claro que não, doutor. – Fernando foi categórico – Quando eu percebi, já estava com merda até o pescoço! Eu só queria alguma prova para poder tirar um dinheirinho do Humberto e sumir daqui feliz. Eu não tinha motivos para ficar mexendo no vespeiro. – afirmou, apoiando os braços sobre a mesa – Só voltei pro Rio quando percebi que a minha vida estava em risco, então fui ao casamento, porque tinha muito convidado lá com o rabo preso. Confesso que achei até fácil me infiltrar por lá... Apesar de ter sido preso, no fim das contas, né? – deu uma

risadinha sem humor, para arrematar.

– A gente já estava na sua cola, Fernando. – disse Cláudia, querendo debochar de tamanha ingenuidade – Por que você acha que entrou lá com tanta facilidade? Quem te recebeu na porta foi um policial federal.

– Ah, claro. – murmurou, descontente – Bom, eu já falei tudo o que sabia. Como fica a minha situação agora? Eu tenho família, sabe, doutor?

– Pensasse nisso antes. Foi mexer com gente grande, hein? Deu no que deu. – e ali estava.

O tal “humor do cão” que Miguel tanto dizia se manifestar em César Soares. Naquele dia, tinha até demorado para dar as caras.

– Esperem! – chamou Fernando, ao ver que as pessoas ali presentes começavam a se mover para sair – Não querem saber onde Humberto escondia o dinheiro sujo? Eu prometo, é genial!

Apesar de atentos, nenhum dos policiais se manifestou. Puseram-se a aguardar a informação que, inevitavelmente, o homem traria. E trouxe.

– Dentro do piano da menina.

Ligou dezenas de vezes. Quando voltou à cobertura, estava exausta e frustrada, mas não deixou de se surpreender com a cena que encontrou ao abrir a porta.

Ninguém menos que Humberto estava parado junto ao piano, com as mãos nos bolsos e o olhar vagando pelo chão. Quando viu que tinha companhia, fez nascer um sorriso enorme nos lábios e lá estava toda aquela gentileza.

– Oi, meu amor! O que foi fazer na rua assim cedinho?

– Fui dar uma caminhada.

– Com essa roupa?

Fernanda estava de jeans e sapatilha. Realmente, nada habitual para quem costumava ter o mar aos pés. Mesmo assim, sorriu, sem graça, e deu de ombros. Pensou em questionar sobre a casa vazia da qual acabava de voltar, mas algo dentro de si a conteve. Gostaria de ver se ele mesmo entrava no assunto.

– Tentei te ligar algumas vezes. – ela disse, balançando o

próprio aparelho.

– Eu tive que me livrar do celular, filha. Alguns jornalistas descobriram o número, e mais um monte de gente que ligava para me xingar. Eu não estava aguentando, entende?

– Claro.

Nanda aguardou mais um pouco. Não era comum que Humberto ficasse fazendo hora na casa da filha, ainda mais no meio da manhã. Quando percebeu que ele não pretendia mesmo sair do lugar, ela se manifestou.

– Bom, eu vou dar uma descansada. Qualquer coisa me chama.

– Tudo bem, vai lá. – Humberto a dispensou, despreocupado, e foi se deitar no sofá.

Fernanda ganhou o corredor da casa, porém, antes de entrar na própria suíte, passou pelo quarto de hóspedes. Lá dentro, encontrou quatro malas enormes, dignas de tour pela Europa.

– Espero que não se importe. – a voz soou atrás dela.

Nanda pulou de susto. Virou-se com as mãos junto ao peito e encontrou o pai encostado na parede.

– Pretendo passar uns dias aqui com você. Estou me sentindo muito sozinho naquela casa, filha! Érica viajou, Marquinhos foi ficar com o pai...

– Ah, claro, eu entendo! – afirmou, mas não entendia, de fato.

Aquela bagagem toda não era para “uns dias”. E, mais uma vez, nenhuma menção à casa sem móveis.

– Já que vamos ficar um tempo juntos, preciso abastecer a casa. – disse Fernanda, forçando um sorriso – Durante todo esse tempo, eu só fiquei pedindo delivery, acredita?

Aquela era uma verdade incontestável. Até que a massa de repórteres finalmente parasse de acampar em sua porta, ela não saiu de casa para nada.

– Bom, se é assim, precisamos corrigir esses hábitos com urgência, mocinha! – Humberto falou, abusando do ar de pai preocupado.

– Pai, eu sou adulta! – recordou, divertida.

– Pra mim, jamais.

Riram juntos. Nanda se aproximou e lhe deixou um beijo no rosto.

– Vou comprar pão.
Foi à polícia.

– Bom dia. – uma mulher surgiu na frente dela – Posso ajudar?

Chegou ali com a intenção de procurar informações na recepção, mas não teve oportunidade. Não se lembrava, mas já havia encontrado aquela moça no aniversário de Miguel. Tinha sido justamente aquela que a olhou com cara de fã emocionada.

– Bom dia. Acho que sim. – Nanda disse, tímida – Eu preciso falar com Miguel Salazar.

– Ah! Poxa, ele acabou de sair para o almoço.

A própria Cláudia estava saindo para o almoço naquele momento. Dava para dizer pela bolsa que trazia à tira colo e pelo ar de pressa – que logo foi eliminado ao avistar Fernanda.

– Tudo bem. Eu espero.

– Vem, eu te acompanho. – Cláudia foi solícita, conduzindo a ilustre visita para dentro do prédio – O que você tem para resolver é só com ele ou serve outra pessoa?

– Eu prefiro conversar com ele primeiro, se estiver tudo bem.

À medida que avançavam, Nanda notava os olhares curiosos para cima dela. Alguns funcionários até mesmo pararam o que estavam fazendo para assisti-la passar. Outros tantos nem se abalaram.

– Claro! Senta aí. – a agente indicou, assim que chegaram a uma aconchegante salinha de espera – Ele não deve demorar.

Dito isso, Cláudia saiu a passos rápidos para o elevador. Agoniada, apertou várias vezes o botão do terceiro andar, como se aquilo fosse fazê-la chegar mais rápido.

– César, a menina tá aí! – deu graças aos céus que a porta do delegado já se encontrava aberta.

O homem ergueu a cabeça de alguns inquéritos que lia e franziu a testa.

– Que menina?

– Nanda Belmonte! Eu não sabia se pedia uma *selfie* com ela ou as informações que precisamos!

– Caramba! Onde ela está? – César se levantou no mesmo

instante – Ela disse alguma coisa?

– Negativo. Só quer o Miguel.

– E por onde anda o bendito?

– Saiu para almoçar.

– Bom, ele vai ter que fazer isso depois. – anunciou, pondo o telefone na orelha.

Miguel nem teve tempo de pegar o cardápio. Sentado em seu restaurante preferido para aquela hora do dia, recebeu a notícia com assombro.

Fernanda, por sua vez, encontrava-se extremamente desconfortável naquele local. Em algum momento, alguém passou por ali e lhe ofereceu água, o que recusou prontamente. Tinha uma televisão pequena grudada à parede, transmitindo um programa no qual ela já havia feito inúmeras participações. Geladeira, máquina de café, sofá macio. Tudo naquele ambiente foi feito para trazer conforto. Para Nanda, não funcionou.

Achou que fosse sentir alívio ao encontrar Miguel. No entanto, assim que ele chegou, percebeu que estava uniformizado, causando estranhamento em Nanda. Ele, assim de preto, com o distintivo reluzindo junto ao corpo, era a materialização de uma realidade que ela não queria viver.

– Oi. – foi cauteloso ao cumprimentá-la.

– Oi.

– Você tá bem? Queria me ver?

Fernanda se limitou a assentir. Estava escolhendo as palavras, por isso hesitou um pouco. Mesmo assim, a estratégia não surtiu efeito.

– Miguel, eu sei... Sei onde...

Começou a chorar. Já fazia bons dias que não derramava uma lágrima por causa daquele assunto. Achou que tinha chorado tanto no início da confusão, que seu estoque havia acabado. Enganou-se.

Miguel, visivelmente transtornado, aproximou-se dela no sofá e ensaiou tocá-la. Recuou ao prever uma rejeição, mas resolveu tentar.

– Posso tocar em você? Quero te dar um abraço. Deixa? – a resposta de Nanda foi praticamente voar para seus braços, recebendo ali um conforto que lhe deixou com saudades – Você vai ficar bem, meu amor. Confia em mim.

Após receber beijos por todo o rosto e um carinho demorado no

cabelo, ela contou. Sem chorar, dessa vez.

– Há quanto tempo ele está na sua casa? – já na presença do delegado, foi inquirida com veemência.

A sala de César Soares não era mais tão aconchegante quanto da última vez. O ar-condicionado estava um gelo, então Miguel – sem pedir licença – pegou o controle em cima da mesa e aumentou a temperatura, devolvendo o clima ameno ao ambiente. Depois se sentou na cadeira ao lado da de Nanda e recebeu um olhar de censura do delegado, como se o mesmo questionasse a razão de sua presença ali. Fingindo não entender nada, Miguel apenas se reclinou em seu assento e esticou as pernas. Não sairia dali por nada.

– Há algumas horas. – Fernanda começou, morrendo de vergonha da situação – Eu achei estranho o fato de a casa dele estar vazia, não faz nenhum sentido ele ter ido ficar na minha. Além disso, eu vi muitas malas. Acho que vai sair do país.

– Alguma ideia do destino?

Ela fez que não com a cabeça.

Os prognósticos estavam certos: Nanda Belmonte era uma exímia seguidora de regras, o que a transformava numa excelente colaboradora para a investigação. O que César achava curioso era o fato de todos aqueles valores lhe terem sido ensinados por Humberto.

– Tudo bem. Por quanto tempo acha que consegue segurá-lo?

– Não sei, eu... – foi dizendo e logo buscou Miguel com o olhar – Miguel, não sei se consigo disfarçar por muito tempo.

– Ela é uma péssima mentirosa, César. – corroborou, querendo apoiá-la.

– Tá certo, então. Acha que pode nos acompanhar agora mesmo?

Dividiram-se em dois carros. Fernanda não sabia se era estratégico, mas foi separada de Miguel. Ele, obviamente, detestou a configuração e foi resmungando o caminho inteiro.

– Eu não estou acreditando, Salazar! A gente conseguiu! Acabou pro Belmonte! – Mauro exclamou ao volante. Estava parecendo um cachorro em dia de passeio.

Miguel nada disse. Apenas ofereceu um sorriso breve ao colega e virou-se de volta para a paisagem litorânea da janela.

– Que foi? Vai dizer que não tá feliz, após três anos de

Operação?

– Claro que sim. Não é isso. – ele afirmou, desanimado – A carreira dela vai acabar.

– Até parece, né, Miguel? A fama dessa mulher é estratosférica! É bem capaz de os fãs dela ficarem com ódio da gente pela prisão do pai, isso sim!

– Não são os fãs que me preocupam. Quem gosta dela está apoiando. – explicou – O que me incomoda é o que a imprensa está falando dela. Além disso, tem um monte de gente na internet dizendo que ela já sabia de tudo. Tem gente desejando a morte dela, cara!

De fato, Fernanda vinha sofrendo linchamento virtual há muitos dias, além de perder patrocínios de marcas importantes. Famosos que se diziam amigos inseparáveis dela tinham dado um jeito de apagar qualquer rastro de proximidade. O próprio Pietro já não cantava mais *Retrato* em seus shows e deletou as divulgações da parceria de todas as suas redes sociais. Pelo menos Nanda não estava acompanhando nada daquilo.

– A gente deixa bem claro na coletiva de imprensa que ela não sabia de nada, tudo bem? – César interveio, do banco do carona – Vou instruir a equipe, se isso te deixa mais calmo.

– Aquela carinha quando vê um piano... Não posso tirar isso dela, chefe.

No fundo, todos sabiam que o desenrolar dos fatos não dependia da vontade de Miguel. Tanto que, quando chegaram ao apartamento, não tinha ninguém lá. Nem sinal de Humberto ou de suas numerosas malas.

Desolada, Fernanda deu permissão para que revistassem todos os cômodos e caiu sentada no sofá quando Cláudia abriu a tampa do piano. A agente tirou de lá uma solitária nota de cem reais, provavelmente esquecida pela pressa.

– Deveríamos mudar o nome para Operação Dó Ré Mi. – sugeriu com uma risada.

Apenas Mauro a acompanhou.

– Que cara escroto, hein? – ele aproveitou para comentar, referindo-se a Humberto.

E recebeu uma fuzilada mortal de Miguel apenas com o olhar. Nem tinha se dado conta de que Maria Fernanda estava encolhida, mais constrangida impossível com toda a situação.

– Parece verdadeira. – César avaliou, segurando a cédula remanescente contra a luz – Bom, entendo que não há mais nada aqui para nós. Vamos indo. – ordenou, depois encarou Nanda, sem se aproximar um centímetro – Qualquer notícia, avise, tudo bem?

Recebeu um aceno breve em resposta.

Mortificada, Nanda não percebeu quando aquele bando de gente saiu de sua casa. Nem mesmo notou que Miguel tinha ficado para trás, e estava agora mesmo agachado diante dela, estudando tocá-la. Quando ele ergueu os dedos e acariciou seu braço de leve, ela finalmente ganhou vida e passou a fitá-lo.

– Maria, eu vou precisar ir embora. – informou, pesaroso – Promete pra mim que vai se cuidar? – não houve resposta – Vou chamar alguém pra te fazer companhia.

Decidido, Miguel se levantou e pegou o celular no bolso. Tinha quase certeza de que o número de André ainda estava gravado ali. Fora Clara e o pessoal da banda, ele era o único que poderia ajudar Fernanda naquele momento.

– Miguel? – a voz baixa o interrompeu.

– Aqui, meu amor. – voltou para ela no mesmo instante – O que eu posso fazer pra te ajudar?

– Já tem alguém.

– Não entendi.

– Eu já estou esperando alguém pra me fazer companhia. – explicou melhor, ainda aos murmúrios.

– Ah, tudo bem, então. – Miguel se perguntou quem seria, mas resolveu não incomodá-la – Vai me ligar se precisar de alguma coisa?

– Vou. – ela garantiu e lhe ofereceu um pequeno sorriso, apesar de triste – Obrigada, Miguel. Apesar dos pesares, eu nunca conheci alguém como você.

– Isso foi um elogio?

– Mais que elogio.

Ele quis beijá-la. Quis erguê-la do chão, levá-la para se casar na Tailândia e dizer aos futuros filhos que jamais tiveram avô por parte de mãe. Não fez nada disso. Tinha que voltar ao trabalho.

Depois de encontrar certa relutância por parte de um Miguel preocupado, Nanda finalmente ficou sozinha em casa para fazer o que pretendia. Não estava esperando ninguém, na verdade; queria apenas

solidão para tentar falar com Érica. Se existisse pessoa no mundo que soubesse o paradeiro de Humberto, esse alguém seria ela, sem sombra de dúvidas.

Ignorada todas as vezes, tanto por ligações quanto por mensagens, Fernanda utilizou de seu último e desesperado recurso. Um eufórico adolescente de dezesseis anos.

– Fale, meu anjo.

Já passava do fim da tarde quando ela conseguiu encontrar Marcos Vinícius. A casa do pai dele ficava um pouco distante, sem contar o engarrafamento que enfrentou para chegar até lá. Pelo menos agora estava frente a frente com o garoto, tentando não rir da decoração infantil de seu quarto.

– Muito bem. – ela o agarrou pelo braço, fazendo-o levar um pequeno susto – Nunca achei que fosse te dizer isso um dia, mas preciso da sua ajuda. Desesperadamente.

– Claro!

Se a felicidade fosse uma pessoa, seria Marquinhos naquele exato momento. Ele até se empertigou um pouco, passando a impressão de ser mais alto. De repente, seus dezesseis anos pareceram ter se tornado ao menos vinte.

– Preciso que você ligue para sua mãe, Marquinhos. Pergunte se ela sabe onde está o meu pai.

– Hum... Não sei, não, meu bem. – ele suspirou, contemplativo – Isso é... loucura.

– Não é! Eu sei que ela vai contar a você! Afinal de contas, é sua mãe e deve estar morrendo de remorso por ter te deixado.

Marquinhos não respondeu de imediato. Caminhou de um lado para outro naquele quarto ridículo que o pai decorou quando ele tinha cinco anos. Refletiu, ponderou, bagunçou ainda mais os cabelos já revoltos. Tinha uma resposta.

– Preciso ter conhecimento da minha recompensa, antes de tomar qualquer decisão. – o garoto adotou uma postura presunçosa, que não se via mais nele há tempos – Então, o que vai ser? Uma noite intensa de amor com você? Ou, quem sabe, uma viagem romântica para Campos do Jordão... Três dias! Você e eu naquele friozinho...

– Menos, criatura! Vai me ajudar ou não?

Marcos Vinícius ajudou, e muito.

Após uma conversa tensa e emocionada com a mãe, ele já tinha todas as respostas. Tanto que o semblante galanteador que costumava carregar consigo o abandonou por completo. Arrasado, jogou o próprio celular em cima da cama e respirou fundo.

– Ele vai fugir em um cruzeiro internacional.

– Ela deu detalhes? Porque não tem como ele embarcar em território nacional. Está sendo procurado.

– Ela falou sobre um negócio de território nacional, mas eu não entendi muito bem. – Marquinhos encolheu os ombros, como quem se desculpa – Só sei que o Humberto vai usar a lancha para chegar até o navio. Aquela, sabe? Que ele comprou em agosto passado.

– Sei, claro que sei! – Nanda exclamou, esperançosa – Valeu, Marquinhos! Não sei nem como te agradecer.

– Bom, eu tenho algumas ideias sobre...

Mas não conseguiu terminar de dizer nada. Porque Fernanda avançou até ele e lhe estalou um beijo generoso e demorado no rosto. Depois disso, saiu correndo da casa.

– Ninguém... *Ninguém* estava aqui para ver isso! – lamentou Marquinhos, realmente débil pelo momento mágico vivido – Eu juro que pegou no canto da boca! – por fim, virou-se para exatamente ninguém e perguntou – Será que você poderia fazer isso de novo, Nandinha?

Ela já ia longe. Precisava chegar até a lancha que, por ironia do destino, se chamava Érica.

A marina estava praticamente vazia às sete da noite.

Por ser um local considerado exclusivo, poucas pessoas atracavam suas embarcações ali. Naquela noite, por exemplo, havia apenas a lancha de Humberto de um lado da ponte. Do outro, um barco pequeno e solitário jazia, parecendo esquecido há meses.

Num sopro de coragem, Fernanda atravessou a pequena ponte de madeira e tentou não dar importância ao barulho das ondas se chocando contra as pedras. A lancha, que tinha o nome “Érica” gravado na proa, tremulou um pouco, assim que ela colocou os pés para dentro. Julgou tudo silencioso demais. Será que Humberto havia mudado os planos?

– E você, aonde pensa que vai? – ouviu a voz grave e desconhecida atrás de si.

Depois, tudo o que sentiu foi o cano frio do revólver em sua têmpora. Não conseguiu dizer nada.

– Tire isso da minha filha. – a outra voz, dessa vez muito conhecida por ela, estava baixa e contida, como se pedisse gentilmente um favor a uma criança.

O homem barbudo e muito magro obedeceu imediatamente. O mais curioso era ver que Humberto nem mesmo estava armado, e, de toda forma, exercia um poder tamanho sobre as vontades do outro que chegava a ser assustador.

– Ah, por que não avisou que estava esperando alguém? Eu quase surtei aqui, quando vi a moça!

– Fique aí fora, Carlos. Eu já volto. – instruiu Humberto, ao mesmo tempo em que olhava para Nanda e erguia o braço em direção à cabine, indicando que passasse primeiro.

Foi o que ela fez. Desceu os poucos degraus existentes, ouviu quando o pai fechou a porta atrás de si, e logo estavam sozinhos no pequeno espaço, que lembrava muito uma sala de estar. Viu que as malas encontradas mais cedo no apartamento estavam ali agora, no canto mais discreto do ambiente.

– O que está fazendo aqui, Maria Fernanda?

Então, era isso. Nada de Fefê. Nada de apelidinhos infantis. Era a primeira vez, em vinte e cinco anos, que Humberto a chamava de Maria Fernanda.

– Vim te buscar para irmos à polícia.

– O que você vai fazer é voltar para casa e esquecer que me viu. – ditou Humberto, o tom mudado completamente.

Embora ainda polido, falava agora com ares de autoridade inéditos a Nanda.

– Olha só pra você! Olha o jeito que está falando! – balançou a cabeça, em descrença – É outra pessoa.

– Eu continuo sendo um cara gentil, filha. Só não sou tão raso quanto achavam. – explicou, como se não visse razão para tamanho espanto – O ser humano tem várias nuances, ou você não sabia? Devo aqui começar a falar sobre aquele seu namorado?

– Você usava a minha casa, o *meu piano*, para esconder dinheiro sujo!

– Só quando você estava viajando. Eu nunca envolvi seu nome em nada disso.

Humberto sabia que o piano era um instrumento que demorava a ser afinado. Além disso, tinha o cuidado de guardar seus pertences lá dentro quando sabia de Fernanda não ia usá-lo. Tinha medo de que a vibração do som saísse diferente e que ela notasse algo.

– Claro, que alívio! Poxa, obrigada, papai!

Fernanda mantinha a ironia, mas não conseguia deixar de pensar na cena que presenciou, poucos dias atrás. O homem que estava em sua frente agora, aborrecido e autoritário, não parecia em nada com aquele outro, o que viu chorar em desespero no chão do escritório, alegando inocência.

– Devia mesmo me agradecer.

– Por quê? – ela mal podia acreditar nos próprios ouvidos.

– Bom, alguém tinha que te sustentar! A irresponsável da sua mãe caiu fora cedo, então *alguém* tinha que pagar o colégio, as aulas de piano, o cursinho, a faculdade particular de Medicina...

– Ah, ótimo! A culpa agora é minha? Porque, claro, se o senhor não tivesse condições de bancar essas coisas, a adolescente que eu era na época ia acabar com a sua vida, não é mesmo?

– Tenha filhos e depois conversamos. – Humberto deu uma

risadinha debochada, de quem sabia sozinho de muita coisa.

– Eu preferia ter levado uma vida simples do que descobrir um pai ladrão.

Aquilo lhe causou impacto. Ele não queria, mas, pela primeira vez em toda a conversa, sentiu-se ofendido.

– Maria Fernanda, por que você acha que cresceu essa mulher boazinha, sempre cheia de amor pra dar? – agora ele praticamente gritava – Porque eu estava sempre ali, garantindo que você não conhecesse nada de ruim! Sabe esse dinheiro sujo que você acabou de mencionar? Sem ele, você não seria a famosa de cachê milionário que é hoje! Sem aulas de piano, sem aulas de canto, sem minha rede poderosa de relacionamentos para alavancar sua carreira! Que tal, hein?

– É, talvez hoje eu não vivesse do que gosto. Talvez estivesse frustrada profissionalmente. Tem razão, pai! Vou me juntar ao senhor e fazer parte da quadrilha, o que acha?

Estava se controlando para não chorar. Não queria se sentir fraca diante de tamanha hipocrisia. Do jeito que cresceu boba, Fernanda aceitaria ter vivido em condições muito menos luxuosas de bom grado. Não conseguia se conformar com o fato de Humberto ter usado aquele argumento para justificar as próprias ambições. Foi quando teve a ideia.

Sem muito controle das próprias pernas, ela avançou para as malas e abriu a que estava mais perto. Riu de desgosto ao ver as cédulas transbordando. Pegou o primeiro monte.

– O que está fazendo? – petrificado em seu lugar, Humberto apenas assistia ao desenrolar da cena – Deixa isso aí!

– Olha o que eu achei! Se era tudo para mim e por mim, não vai se importar se eu pegar um pouquinho, né?

Ele não entendeu muito bem, no início, mas se desesperou ao ver Fernanda encher os braços de notas e arremessá-las pela janela. Uma parte caiu no mar, outra consideravelmente pequena ficou no chão da lancha.

Horrorizado, Humberto se agachou e começou a catar o dinheiro remanescente.

– Você ficou maluca?

– Fiquei! Tô louca!

Nanda caminhou até a segunda mala e começou a rasgar todas as cédulas que encontrou lá dentro.

– Chega disso.

Humberto parou imediatamente o que estava fazendo e foi conter a filha. Agarrou-a por trás e imobilizou seus braços. Não calculou que ela fosse sair chutando tudo o que encontrasse pela frente, mas ele era mais forte. Cambaleou com ela degraus acima e conseguiu chegar à parte exterior da embarcação.

– Você vai voltar para casa. – Humberto a soltou, ofegante – Mando notícias quando chegar ao meu destino.

A camisa estava toda amassada pelo embate. E Nanda achou impressionante a arrogância que ele tinha de achar que ela fosse obedecer.

Alheio aos pensamentos da filha, Humberto lhe deu as costas e se envolveu numa conversa com Carlos, o rapaz que o transportaria dali. E que estava impressionado, inclusive, com a moça famosa que rasgava dinheiro.

– A gente tem que ir agora, chefe! Se a gente se atrasar, o cara lá não vai conseguir te embarcar no navio.

– Sei disso. Ela já vai descer.

Carlos fez que ia responder alguma coisa, mas subiu o olhar para algo através de Humberto. Sem pestanejar, ergueu a arma e disparou. Três vezes.

– Você acabou de atirar na *minha filha*, imbecil? – esbravejou Humberto.

Observou Nanda pular da lancha e atingir a ponte de madeira. Ao menos parecia ilesa.

– Ela pegou a chave! – Carlos berrou.

Não precisava de maiores explicações.

Percebendo que sua chance de fuga se esvaía junto com a filha, Humberto se pôs a correr atrás dela. Gesticulava para Carlos, que vinha logo atrás dele, parar de atirar, mas não foi ouvido dessa vez.

Fernanda se mantinha tão absorta em escapar que nem percebeu quando Miguel passou por ela na ponte, correndo na direção contrária. Ele efetuou alguns disparos contra Humberto e Carlos, e não teria se preocupado com a represália, pois usava colete à prova de balas. Ela não.

Ignorando toda e qualquer regra básica de sobrevivência, Miguel deu as costas aos dois e tentou alcançar Nanda. Assim que conseguiu,

não pensou muito. Pulou sobre ela, fazendo-a cair por cima do braço que segurava a chave. Além disso, Nanda bateu a lateral da cabeça no chão, sustentando todo aquele peso sobre si; braços a protegendo por todos os lados. Mal respirava, nem se movia.

Em meio ao zunido dos disparos, tudo o que viu antes de apagar foram os vários pés correndo em direção a Humberto Belmonte, fazendo a ponte de madeira ranger. Miguel não tinha vindo sozinho, obviamente. Lembrou-se de sentir algo parecido com alívio.

A dor viria depois.

Quando recuperou suas proeminentes qualidades de socialização, Fernanda já tinha saído do hospital. Após passar por uma incômoda semana em observação, foi liberada pela equipe médica sob inúmeras recomendações e um braço enfaixado na conta.

Não aguentava mais ficar deitada e descabelada – porque só a mão esquerda estava livre e Nanda era destra – naquele quarto. Por isso estava se divertindo muito com a visita de seus amigos de estrada naquele fim de tarde.

– Ainda bem que eu não vou ficar desempregado de novo! – comemorou Ícaro.

O guitarrista/violonista foi o que mais ficou abalado com a pausa na carreira de Nanda. Seja pela falta de dinheiro ou pela falta da própria amiga.

– É mesmo. Os telefones do André não param de tocar, Nanda. Você virou heroína nacional! – os olhos de Tati brilhavam de emoção – Cá entre nós, foi verdade aquela história de que você rasgou dinheiro?

Tati não estava falando nenhuma bobagem. De uma hora para outra, os ventos começaram a mudar para a imagem de Nanda Belmonte na mídia. Após escapar de uma troca de tiros alucinante e entregar o próprio pai a autoridades de nível federal, a imprensa passou a retratá-la como o símbolo máximo de integridade moral e honestidade. Num passe de mágica, os patrocínios voltaram. Os amigos famosos também.

– Depois a gente conversa sobre isso, não é, pessoal? – interveio André, desempenhando bem o seu papel de pai do grupo – Caso contrário, o enfermeiro lá fora vem massacrar a gente! Melhoras, Nandinha. Estamos com saudades.

– Valeu, Deco. Não demorem a voltar, pelo amor de Deus! – Fernanda implorou, achando que fosse morrer de tédio.

Apesar de não parecer, Júnior também esteve ali durante todo aquele tempo, embora tudo o que tenha dito a Nanda foi:

– Que bom que você não está morta.

Saíram do quarto e logo se depararam com Miguel Salazar, o

“enfermeiro lá fora” ao qual André tinha se referido. Estava à mesa, ocupado com uma xícara de chá, mas se levantou ao ver as visitas e foi se despedir.

– Tchauzinho, *coisa linda da Nanda!* – Tati apertou as bochechas dele dramaticamente e jogou um beijinho no ar.

– Namoradinho do ano! – Ícaro lhe deu um tapinha no ombro – É sério que você quis pegar o sogrão na porrada e jogá-lo no mar para os tubarões?

Nenhuma palavra sobre Miguel ter sido um agente infiltrado aquele tempo todo. Nem sobre ter enganado a todos. Aparentemente, resolveram levar na brincadeira.

– Crianças... – André ofereceu um sorrisinho amarelo, desculpando-se.

Miguel aguardou que todos passassem pela porta. Entrou no quarto de Nanda logo em seguida, deitando-se ao lado dela na cama e foi lhe dar um beijo.

Quando, enfim, conseguiram manter uma distância razoável, Miguel ajeitou o braço imobilizado de Nanda em cima de seu corpo e passou a brincar com os dedos livres do gesso.

– Eu quebrei o seu braço. – refletiu, pousando os olhos claros no estrago que acreditava ter feito.

– Você salvou a minha vida. – Fernanda corrigiu.

Para ela, era óbvio.

– E você não vai mais poder tocar piano.

– Que exagero! São só alguns dias.

Mesmo que não fossem. Preferia um braço imóvel do que um tiro nas costas. Entretanto, já havia dias que Miguel andava incomodado com aquilo. E com outras coisas mais.

– Já me perdoou pelas mentiras?

– Era seu trabalho. E você estava certo, afinal de contas. – mais uma coisa óbvia para Nanda.

Parecia que, com ele, tudo deveria ser dito. Muito diferente do Miguel Salazar de outrora, que corria milhas de qualquer conversa sentimentalista.

– Não vai visitá-lo? – questionou muito baixo – É seu pai, Maria. Tudo bem se quiser notícias.

Sabia que aquele era um assunto delicado para Fernanda, que

jamais imaginou ver Humberto preso. Descobriu por outras pessoas que ele tinha contratado outros advogados e que estava disposto a pagar uma fiança milionária. Foi de lá que ele ficou sabendo que Érica solicitou divórcio e que exigiu sua parte da imobiliária, da mansão e da lancha Érica.

– Não está nos meus planos.

Ao ouvir a resposta, Miguel se limitou a assentir e lhe deu um beijo na testa. Mudaria de assunto.

– Sabe quem está me apertando o juízo pra vir te ver?

– Duda! – o rosto de Nanda se iluminou no mesmo instante.

– A própria.

– Deveria trazê-la hoje. Eu estava mesmo pensando em...

A campainha soou lá fora. Miguel praguejou e foi saindo da cama. Não imaginava que a culpa era da própria Fernanda, que saiu enviando mensagens a todos, dizendo que já estava muito bem e disposta para receber visitas, embora ligeiramente descabelada.

– Preciso falar com você, urgente!

O furacão Clara Santini quase atropelou Miguel pelo caminho. Entrou com tudo no quarto da amiga e quase derrubou a pequena cômoda ao lado da cama.

– Oi, Clarinha! – Nanda nem mesmo estranhou. Já estava acostumada com aquela intensidade toda.

– Olá, songa-monga. Sei que deveria te perguntar se você está bem, mas percebo que está visivelmente ótima, então vou direto ao *meu* assunto. – a outra despejou e foi olhando de canto para Miguel; estava a face do desgosto – E você, saia daqui.

– Não. – Miguel disse, simplesmente – Eu...

– Como ousa, Salazar? Você tem sorte que eu não te esmurrei a cara pelo que fez com a minha amiga, seu mentiroso do cão!

– Tudo bem, doce de pessoa. – sorriu, entendendo que não sairia vitorioso daquele embate – Vou bater papo com o porteiro. – inventou a desculpa e se abaixou para beijar Nanda pela milésima vez no dia.

– É isso, estamos a sós. – Fernanda comunicou, ouvindo Miguel fechar a porta lá fora – O que tem de tão impressionante para me contar?

Clara fez suspense por um momento. Caiu sentada na cama e fez o anúncio, sem tirar os olhos das próprias unhas recém-pintadas.

– Seguinte: tô grávida.

E foi isso. Uma miniatura de Clara Santini em breve habitaria o planeta e foi assim que ela disse. Como quem vai ao mercado e pede dois reais de pão.

– QUE COISA MAIS LINDA DO MUNDO!

Nanda, por sua vez, ficou animadíssima. Em uma fração de segundo, já imaginou a vida inteira do bebê. O enxoval, o carrinho, a formatura, o casamento...

– Pelo amor de Deus, Maria Fernanda! – Clara finalmente encarou a amiga, falseando uma indiferença que não sentia – O que eu vou fazer com uma criança?

– Eu não sei. Criar, de repente?

– Eu vou ser a mãe dela! Coitada dessa criança, amiga!

Agora sim, lá estava o desespero.

– Realmente.

– Bom, agora o jeito é correr com as gravações da novela, antes que eu me transforme num balão. Poxa, eu vou ficar parecendo uma vara de pescar com uma barriga! Porque eu sou magra, você sabe.

Fernanda riu das divagações de Clara. Só assim para esquecer a coceira do braço engessado e o pai presidiário.

– E Caíque, o que achou da novidade?

– Ai, ele está todo bobo. Não fala em outra coisa.

A partir dali, o clima da conversa mudou completamente. Nanda discorreu sobre as vantagens de se ter um filho, como se fosse entendida do assunto, e Clara começou a se derreter pela ideia. A atriz não sabia ainda, mas muito em breve estaria segurando um bebê loirinho e risonho na capa de uma revista, trajando uma camiseta com os dizeres: “Meu útero é TOP”.

Cansado de fingir simpatia na recepção do prédio, Miguel voltou para a cobertura. Foi pego de surpresa ao se deparar com Nanda e Clara abraçadas, chorando e sorrindo ao mesmo tempo.

– Clarinha está grávida! – foi Nanda quem anunciou, emocionada.

– Coitada dessa criança.

– Foi o que eu disse. – a própria admitiu, sem se importar com o comentário.

E Miguel não quis dar atenção ao lado obscuro de sua mente que imaginou Clara educando um ser humano. Por isso dirigiu sua atenção à

namorada.

– Olha só quem eu encontrei correndo atrás das suas vizinhas! – ele falou, dando um passo para o lado, revelando Marquinhos.

O adolescente mais procurado do momento. Ao menos pelos sites de fofoca do litoral fluminense.

– Ah, chegou o meu herói! – E Nanda disse aquilo porque Marquinhos o era, literalmente.

Foi ele, afinal de contas, a pessoa que ligou para Miguel e avisou sobre a fuga de Humberto pela marina. Isso, é claro, após ter se recuperado do beijo – no canto da boca – que sua musa havia lhe dado.

– Bom dia, deusa. – o garoto cumprimentou Nanda, depois se virou para Clara – Bom di...

– Nem começa que hoje eu não tô boa.

Marcos Vinícius não se importou muito com aquela falta de educação. Apenas olhou de volta para Fernanda e continuou as formalidades.

– Como se sente? Faço votos de que proceda em excelente recuperação.

Clara e Miguel não sabiam, mas naquele instante pareciam gêmeos, de tão iguais que foram as caretas de desdém que fizeram.

– Obrigada, Marquinhos. E você, como é que tá?

Aquela foi uma pergunta que ele demorou para responder. Ele só tinha dezesseis anos. Não sabia muito bem como lidar com uma mãe que não dava notícias, ou um padrasto que havia usado dinheiro de tráfico para lhe dar o par de tênis que estava usando agora mesmo.

– Bem, na medida do possível. Entretanto, temo lhe trazer péssimas notícias.

Alarmada, Fernanda até se empertigou do lugar, recebendo o amparo de Miguel. Não sabia se ia aguentar mais uma decepção.

– Ai, gente, o que foi agora?

Todos olharam, em expectativa, para Marcos Vinícius.

– Vim terminar o nosso relacionamento. Estou apaixonado por outra mulher.

O fim de uma era.

Epílogo

Três de dezembro.

Estava em um chalé, no interior do estado, de onde só se via mato e Maria Fernanda. Sim, o insensível Miguel Salazar havia planejado férias românticas com a namorada. No início, achou que estava doente, mas acabou descobrindo que era só amor mesmo.

Teve um trabalho e tanto para conciliar as agendas dos dois, já que ela havia voltado com tudo aos palcos. A Operação Belmonte, que completava um ano de encerramento, tinha ficado para trás. A Miguel e Nanda restava agora um relacionamento estável, sem muitos conflitos. Exceto, logicamente, pelos abraços não solicitados.

– Eu só saio daqui deportada, pessoal! – Fernanda não abraçava ninguém, no momento, mas andava pela trilha de braços abertos.

Miguel queria dizer que ela estava em território nacional, sem riscos de deportação, portanto, mas não teve oportunidade. Também não sabia quem era esse “pessoal” a que ela se referia, já que estavam sozinhos ali.

Caminhavam por uma pequena trilha ao lado do chalé. Nanda sempre à frente, estudando plantas, inventando nomes científicos a elas e compondo novas canções na cabeça. Dali sairia um álbum inteiro. Voltou-se para Miguel, querendo recitar o novo verso que lhe surgiu na mente, e o encontrou de joelhos. Olhando fixamente para ela. Sorriu.

E Fernanda pensou que não poderia ser o que ela estava pensando, mas se fosse o que ela estava pensando, então...

– Você não pode me pedir em casamento, eu não tô preparada!

– Eu não vou te pedir em casamento, Maria Fernanda! Eu só me abaixei porque o cadarço desamarrou aqui!

Miguel olhou de cara feia para ela e se pôs de pé. Bateu as mãos

na calça, para tirar a terra.

– Que alívio. – Nanda suspirou, com a mão junto ao peito.

Por um momento, ele nada disse e apenas saiu andando, mas logo virou-se de volta. Foi quando a ficha caiu.

– Espera aí! Quer dizer que, se eu fosse te pedir em casamento, você ia recusar? Mas como assim? Eu posso saber o motivo? – Miguel cruzou os braços – Como você acha que a Cecília vai se sentir?

– Quem é Cecília, gente?

– É a nossa filha.

– Eu tô grávida?

Nanda arregalou os olhos e levou as mãos à barriga plana.

– Não. – ele se apressou em responder – Quer dizer, você tá?

– Eu não!

– Então... *Futura* filha.

– Você pensou em nomes para nossos futuros filhos? – ela se derreteu, aproximando-se para roubar um beijo dele.

Apesar de aceitar o gesto de bom grado, Miguel a olhou de soslaio, chateado.

– Foi por reflexo, Maria Fernanda! Foi sem querer! Você sabe, eu nem gosto de criança. Quando eu vejo crianças me dá até um arrepio de pavor.

Ela poderia ter rebatido, pedindo para que ele lhe recordasse quem era mesmo o homem que vivia babando pelo filhinho de Clara. Além de praticamente ser pai de Duda. Entretanto, deixou passar.

Após alguns minutos de caminhada, chegaram ao fim da trilha. Uma imensidão de cachoeira e pedras se erguiam diante dos olhos, deixando Nanda emocionada. Sentou-se em uma das pedras, acompanhada por Miguel e pôs os pés dentro da água.

– Esse é o lugar mais lindo que eu já vi, Migs! Não te dá vontade de abraçar tudinho?

– É. Dá, sim. – ele concordou, mas não estava prestando atenção na paisagem.

Olhava para ela.

– Eu tive medo, sabia? – confessou, pesaroso – De que você nunca mais fosse olhar para as coisas desse jeito.

– Acho que isso nasceu comigo e vai morrer comigo. – ela disse, simplesmente.

Não deixaria de ser quem era. Nem se quisesse ou se esforçasse muito.

– Ainda bem.

Pelo resto das horas, tomaram banho de cachoeira, se beijaram, Miguel reclamou dos insetos, namoraram mais, Miguel reclamou do sol quente...

– Sabe que dia é hoje? – finalmente perguntou, assim que parou de reclamar.

Estavam os dois deitados em uma das pedras maiores, entrelaçados.

– Quinta-feira?

– Nossa, mas o que fizeram com você, hein? Tão bruta!

– Vai explicar ou não?

Claro que Nanda já sabia. No relacionamento, era ela quem decorava datas, dizia coisas românticas e elaborava a trilha sonora do casal ao piano. Mesmo assim, quis que ele falasse.

– Três de dezembro.

– Dia Três. É o nosso dia.

Ele concordou, deixando um beijo entre os cabelos dela.

– Feliz nosso dia, coisa linda do Miguel!

Maria Fernanda congelou. Foi se desvencilhando dele, ergueu o corpo e virou a cabeça para encará-lo.

– *O que foi que você disse?*

Miguel apenas meneou a cabeça, sem dar muita importância, mas sorriu.

Nanda Belmonte simulou um desmaio.